

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO
PARANÁ CAMPUS DE MARECHAL
CÂNDIDO RONDON
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM HISTÓRIA**

MÁRCIO AUGUSTO GALANTE

**OS DOIS SAQUES DE ROMA: ROMANOS E BÁRBAROS NA
HISTORIAE ADVERSUS PAGANOS DE ORÓSIO**

MARECHAL CÂNDIDO RONDON – PR

2019

MÁRCIO AUGUSTO GALANTE

**OS DOIS SAQUES DE ROMA: ROMANOS E BÁRBAROS NA
*HISTORIAE ADVERSUS PAGANOS DE ORÓSIO***

Dissertação apresentada à Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Marechal Cândido Rondon, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História na área de concentração em História, Poder e Práticas Sociais, sob orientação do Prof. Dr. Moisés Antiqueira.

MARECHAL CÂNDIDO RONDON – PR

2019

Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da Unioeste.

Galante, Márcio Augusto

Os Dois Saques De Roma: Romanos e Bárbaros na Historiae Adversus Paganos de Orósio. / Márcio Augusto Galante; orientador(a), Moisés Antikeira, 2019.

112 f.

Dissertação (mestrado), Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Marechal Cândido Rondon, Centro de Ciências Humanas, Educação e Letras, Programa de Pós-Graduação em História, 2019.

1. Historiografia eclesiástica; . 2. Império Romano; .
3. Literatura antiga; . 4. Orósio. . I. Antikeira, Moisés.
II. Título.



unioeste

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Campus de Marechal Cândido Rondon - CNPJ 78680337/0003-46

Rua Pernambuco, 1777 - Centro - Cx. P. 91 - <http://www.unioeste.br>

Fone: (45) 3284-7878 - Fax: (45) 3284-7879 - CEP 85960-000

Marechal Cândido Rondon - PR.



PARANÁ

GOVERNO DO ESTADO

Programa de Pós-Graduação em História

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE MÁRCIO AUGUSTO GALANTE, ALUNO(A) DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE, E DE ACORDO COM A RESOLUÇÃO DO PROGRAMA E O REGIMENTO GERAL DA UNIOESTE.

Ao(s) 2 dia(s) do mês de setembro de 2019 às 9h30min, no(a) Sala 60 - PPGH, realizou-se a sessão pública da Defesa de Dissertação do(a) candidato(a) Márcio Augusto Galante, aluno(a) do Programa de Pós-Graduação em História - nível de Mestrado, na área de concentração em História, Poder e Práticas Sociais. A comissão examinadora da Defesa Pública foi aprovada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em História. Integraram a referida Comissão os(as) Professores(as) Doutores(as): Moisés Antiqueira, Carlos Eduardo da Costa Campos, Andre Luiz Leme, Marcos Luis Ehrhardt. Os trabalhos foram presididos pelo(a) Moisés Antiqueira, orientador(a) do(a) candidato(a). Tendo satisfeito todos os requisitos exigidos pela legislação em vigor, o(a) candidato(a) foi admitido(a) à Defesa de DISSERTAÇÃO DE MESTRADO, intitulada: "OS DOIS SAQUES DE ROMA: ROMANOS E BÁRBAROS NA HISTORIAE ADVERSUS PAGANOS DE ORÓSIO.". O(a) Senhor(a) Presidente declarou abertos os trabalhos, e em seguida, convidou o(a) candidato(a) a discorrer, em linhas gerais, sobre o conteúdo da Dissertação. Feita a explanação, o(a) candidato(a) foi arguido(a) sucessivamente, pelos(as) professores(as) doutores(as): Carlos Eduardo da Costa Campos, Andre Luiz Leme, Marcos Luis Ehrhardt. Findas as arguições, o(a) Senhor(a) Presidente suspendeu os trabalhos da sessão pública, a fim de que, em sessão secreta, a Comissão expressasse o seu julgamento sobre a Dissertação. Efetuado o julgamento, o(a) candidato(a) foi **aprovado(a)**. A seguir, o(a) Senhor(a) Presidente reabriu os trabalhos da sessão pública e deu conhecimento do resultado. E, para constar, o(a) Coordenador(a) do Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE - Campus de Marechal Cândido Rondon, lavra a presente ata, e assina juntamente com os membros da Comissão Examinadora e o(a) candidato(a).

Moisés Antiqueira

Orientador(a) - Moisés Antiqueira

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Marechal Cândido Rondon (UNIOESTE)

Carlos Eduardo da Costa Campos

Carlos Eduardo da Costa Campos

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)



unioeste

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

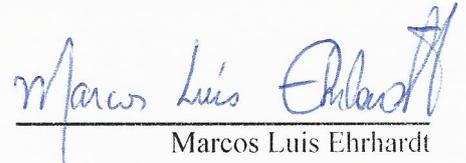
Campus de Marechal Cândido Rondon - CNPJ 78680337/0003-46
Rua Pernambuco, 1777 - Centro - Cx. P. 91 - <http://www.unioeste.br>
Fone: (45) 3284-7878 - Fax: (45) 3284-7879 - CEP 85960-000
Marechal Cândido Rondon - PR.



PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO

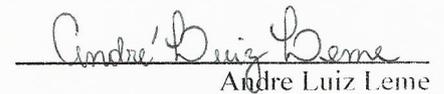
Programa de Pós-Graduação em História

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE MÁRCIO AUGUSTO GALANTE, ALUNO(A) DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE, E DE ACORDO COM A RESOLUÇÃO DO PROGRAMA E O REGIMENTO GERAL DA UNIOESTE.



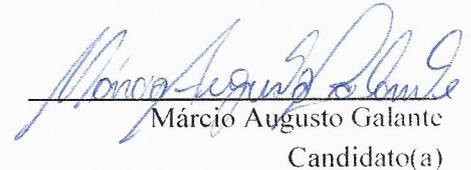
Marcos Luis Ehrhardt

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Marechal Cândido Rondon (UNIOESTE)



Andre Luiz Leme

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Marechal Cândido Rondon (UNIOESTE)



Márcio Augusto Galante
Candidato(a)



Coordenador(a) do Programa de Pós-Graduação em História

In memoriam de meu pai, Luiz Neri Galante.
Que sua lembrança seja sempre minha força.

Com todo amor dedico à Fabiana, por todo
seu carinho, apoio e paciência que ao
longo de todos esses anos tenta fazer de
mim uma pessoa melhor.

Para todos os meus amigos que ouviram
minhas infinitas lamúrias e dificuldades
na produção deste trabalho, mas que
nunca me deixaram desistir,
só tenho a dizer: Muito Obrigado!

AGRADECIMENTOS

Por vezes o ofício do historiador se mostra solitário em sua execução, entretanto, ele jamais deixará de ser compartilhado através das relações de amizade e companheirismo, que ao longo da jornada se fazem presentes e, também, são de extrema necessidade para que seja concluída.

Agradeço ao professor Dr. Moisés Antiqueira, por quem tenho profunda admiração, por esses anos de caminhada acadêmica - sou-lhe imensamente grato pela preciosa orientação, pelo conhecimento compartilhado, pelo apoio e pela paciência. Tantas vezes que nos reunimos e, embora em algumas eu chegasse desestimulado, bastavam alguns minutos de conversa e umas poucas palavras de incentivo. Obrigado por acreditar em mim e pelos tantos elogios e incentivos para que ideias perdidas tomassem direcionamento e embasamento. Tenho certeza que não chegaria neste ponto sem o seu apoio.

Expresso meus profundos agradecimentos aos professores membros da Banca Examinadora por suas contribuições, aos Professores Dr. André Luiz Leme, Dr. Marcos Luis Ehrhardt e ao Dr. Carlos Eduardo Costa Campos, meu muito obrigado.

Agradeço também ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). À CAPES e à Fundação Araucária pelo apoio financeiro. Às secretárias do mestrado, pelos préstimos e pela forma atenciosa com a qual sempre nos trataram. Aos professores do Departamento de História da UNIOESTE, em especial àqueles que fazem parte da minha história de graduação e de pós-graduação - agradeço-lhes por todos os ensinamentos recebidos.

À Fabiana, que compartilhou todos os momentos da produção deste texto e, com muito apoio e muito carinho, me deu forças para tornar realidade essas linhas.

Aos meus pais que, a sua maneira, contribuíram para que eu pudesse completar essa jornada tão distante e tão árdua.

Ao meu amigo e guru Ederson Milan dos Santos, que foi de suma importância para que eu pudesse sair do emaranhado de cordas que me prendiam. Afinal são anos de discussões e argumentos dos mais variados gêneros, mas que acabam sempre em uma leitura histórica.

Ao meu amigo Juliano Iankoski que ao longo desses anos de mestrado foi a pessoa que mais ouviu falar de Orósio (é possível que nesse tempo tenha se graduado no presbítero hispano-romano). Mas para além disso, agradeço por todos os momentos compartilhados que,

por sua vez, foram e são regados ao néctar dos Deuses, que em companhia de Antônio Carlos Momesso nos levaram a percorrer longas “vias sacras” ao estilo de *A night at the Roxbury*.

Aos meus amigos Gilmar Senturião (repito, é com “S”) e Caio Cesar Machado (Ave Gaio Cesar!), pelas mais profundas conversas, aventuras e risos sobre os mais variados assuntos e que muitos deles resultaram em novas perspectivas para com a História. Pessoas as quais muito admiro e tenho muito carinho.

Ao meu amigo Gildo Reis por seus genuínos conselhos e pela honesta longa amizade. A minha grande e saudosa amiga Andressa Sayuri Yamanaka que me arranca risos até mesmo nos momentos mais tristes.

Aos meus amigos Rodrigo Moras da Silva, Nicodemos Araújo e Rômulo Vanelli Weschenfelder que mesmo distantes me ajudaram a traçar esse caminho.

Ao seletto grupo de amigos do “Castelinho”, Ivan Luiz, Fernando, Marco Vinícius, Ederson, Gildo, Juliano e Rômulo.

Por fim, ainda me faltam palavras para expressar a eterna gratidão que todas essas pessoas representam para mim.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

*La piadosa procesión es cortejada en todo
su recorrido por una escolta con las
espadas desenvainadas; romanos y
bárbaros, unidos en un solo coro,
cantan públicamente un himno a*

Dios.

(Oros. Hist. VII, 39, 9)

RESUMO

Os Dois Saques De Roma: Romanos e Bárbaros na *Historiae Adversus Paganos* de Orósio.

Márcio Augusto Galante (UNIOESTE- Universidade Estadual do Oeste do Paraná)

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) /Fundação Araucária– Código de Financiamento 001

Resumo: O interesse desta dissertação é o de discutir, analisar e investigar a *magnum opus* do historiador e presbítero hispânico Orósio, intitulada de *Historiae adversus paganos*, escrita entre 415 e 417 d.C. de caráter amplamente cristão. Conquanto, tal obra se apresenta como uma história universal com foco no Império Romano e no cristianismo. Tendo isso em vista, a primeira parte deste trabalho busca apresentar a análise sobre a obra, propondo-se a averiguar como é formulada a figura do bárbaro, relacionando dois pontos da história de Roma: o saque em 387 a.C. (possivelmente em 390 a.C.) empreendido por Breno e os gauleses; e o saque de 410 d.C. protagonizado por Alarico e seus godos. Mais especificamente, intenta observar o duplo olhar de Orósio sobre os episódios recortados, primeiramente, o bárbaro como sendo o “não-romano” e a relação deste com o mundo romano; segundo, a dicotomia entre o cristão e o não-cristão como elementos antagônicos da sociedade do período. Para tanto, é preciso evidenciar que Orósio, enquanto produtor de uma obra histórica, torna possível através desta acessar o passado – ao qual o autor e sua produção escrita pertencem – possibilitando a investigação de elementos que compunham o cenário do Império Romano dos últimos anos do século IV e início do século V.

Palavras-chave: Historiografia eclesiástica; Literatura antiga; Orósio; Império Romano.

ABSTRACT

The Two Sacking of Rome: Romans and Barbarians in the *Historiae Adversus Paganos* de Orosius's.

Márcio Augusto Galante (UNIOESTE- State University of Western Paraná)

This work was carried out with the support of the Personnel Improvement Coordination Degree - Brazil (CAPES) / Araucária Foundation - Financing Code 001

Abstract: The purpose of this dissertation is to discuss, analyze and investigate the magnum opus of Hispanic historian and priest Orósio, entitled *Historiae adversus paganos*, written between 415 and 417 AD of a largely Christian character. However, such a work presents itself as a universal history focusing on the Roman Empire and Christianity. Therefore, the first part of this paper seeks to present the analysis of the work, proposing to investigate how the figure of the barbarian was formulated, relating two points of the history of Rome: the sacking in 387 BC (possibly in 390 BC) undertaken by Breno and the Gauls; and the loot of 410 AD starring Alaric and his Goths. More specifically, it intends to observe the Orosius's double glance at the cut-off episodes, first of all, the barbarian as the “Non-Roman” and their relation to the Roman world; second, the dichotomy between the Christian and the non-Christian as antagonistic elements of the society of the period. To do so, it is necessary evidence that Orósio, as a producer of a historical work, makes it possible through this access the past - to which the author and his written production belong - enabling the investigation of elements that made up the scenario of the Roman Empire of recent years from the fourth century and the beginning of the fifth century.

Keywords: Ecclesiastical historiography; Ancient literature; Orósio; Roman Empire.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 ORÓSIO, HISTORIADOR DO IMPÉRIO ROMANO CRISTÃO	15
1.1 HISTÓRIA UNIVERSAL OU HISTÓRIA DE ROMA? O IMPÉRIO ROMANO E A INTERPRETAÇÃO HISTÓRICA DE ORÓSIO.	29
1.2 CRONOLOGIA, TEMPORALIDADES E UMA VISÃO OTIMISTA DE FUTURO	43
2. O SAQUE GAULÊS: A OPOSIÇÃO ENTRE "ROMANOS" E "BÁRBAROS"	51
2.1. O CONCEITO DE "BÁRBARO" E A OBRA OROSIANA	58
3. O SAQUE GODO: A PUNIÇÃO DIVINA CONTRA A CIDADE PAGÃ.....	69
3. 1 OS GODOS NO INTERIOR DA OBRA DE ORÓSIO	70
3. 2 O SAQUE DE ROMA DE 410: OS GODOS COMO INSTRUMENTOS DA PUNIÇÃO DIVINA	86
CONSIDERAÇÕES FINAIS	106
REFERÊNCIAS BIBLIGRÁFICAS	109

INTRODUÇÃO

Nesta introdução, pretendo esclarecer os caminhos percorridos antes e depois do ingresso no curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, buscando evidenciar os motivos da escolha do problema que apresento e as dificuldades que se desdobraram a partir dele. Além disso, objetivo detalhar a estrutura dessa dissertação, bem como as hipóteses e argumentações que constituem este trabalho.

O contato com a fonte, as *Historiae adversus paganos* de Orósio, se deu através do professor Moisés Antikeira no primeiro semestre de 2016. Nesse ano, comecei a leitura dos Livros que compõem a obra do presbítero hispano-romano tentando estabelecer inquietações concernentes a ela. Enquanto a leitura seguia, o professor e eu nos reunimos para debater algumas questões, com a intenção de melhor entender a construção narrativa do autor.

Foi a partir dessas reuniões que o problema começou a tomar forma, se desdobrando em uma pergunta que pode parecer bastante simples: “como Orósio arquiteta sua narrativa sobre os bárbaros?”. Eis que, agora, ela aparece mais direta e melhor acabada; no entanto, em 2016, a questão se centrava em “Orósio e os bárbaros”. Desse ponto de vista, o problema foi sendo definido, baseando-se então na narrativa de dois eventos dentro da obra orosiana: o Saque Gaulês de 390/387 a.C. e o Saque Godo de 410. Assim, a indagação se reformulou na tentativa de se compreender quais seriam as diferenças e semelhanças entre esses dois eventos, conforme apresentados por Orósio. O problema dos “bárbaros” persistia, mas então melhor recortado dentro da obra.

Em 2017, felizmente, fui aprovado na seleção e, logo depois, contemplado com a Bolsa de Estudos, fomentada pela Fundação Araucária. Na primeira parte do Mestrado, desenvolveram-se as disciplinas relacionadas ao cumprimento dos créditos estabelecidos pelo Programa. Como havia cursado anteriormente como aluno especial do PPGH (em 2015), consegui reaproveitar os créditos referentes a duas disciplinas. No entanto, ainda encontrava dificuldade em me dedicar às leituras para a pesquisa e às obrigatórias para as disciplinas.

Além da disciplina de Seminário e Pesquisa em Cultura e Identidades, as reuniões com o Professor Moisés foram de muita ajuda para a construção dos primeiros esboços da pesquisa, uma vez que permitiram que eu formulasse algum texto sobre a problemática a ser desenvolvida.

Vale destacar as participações nos encontros do Laboratório de Estudos em História Intelectual, vinculado à referida Linha de Pesquisa, que, por sua vez, contribuíram para que eu

formulasse melhor entendimento sobre a figura de Orósio enquanto intelectual de seu período (aos moldes propostos por Helenice Rodrigues da Silva), inserido em um contexto ímpar da História Romana em que a própria obra fornece aos historiadores uma melhor apreensão sobre os meandros e contornos desse momento histórico.

Além disso, outra atividade importante para o amadurecimento do trabalho foi a organização, junto com outros colegas mestrandos e graduandos, de um “Colóquio de Estudos em História Antiga e Medieval” (2018), algo que trouxe até mim a possibilidade de lidar com pesquisadores renomados na área e com os trabalhos elaborados por cada um destes, suscitando encorajamento para continuar meu tema de pesquisa, em uma área cercada de dificuldades, mas, mesmo assim sendo possível de ser realizada em regiões distantes dos grandes centros.

Com isso, encerro assim meu relato sobre minha trajetória pessoal para dar início àquele que tange à temática e à estrutura deste trabalho, que tem por foco a *magnum opus* do presbítero hispano-romano de nome Orósio, que viveu na transição do século IV para o V. Sua obra, conhecida por *Historiae adversus paganos*, constituída sob o pedido de Agostinho de Hipona, tendo como foco as guerras, pestes e desastres que afligiram a humanidade e o mundo, da Criação até aquele momento. Tal intento se conduziu para embasar e fortificar os argumentos do cristianismo frente as disputas e tensões firmadas contra as práticas religiosas tradicionais, denominadas por paganismo.

Mas isso define apenas em linhas mais gerais a obra orosiana. Para além do foco inicial de sua obra, o presbítero desenvolveu uma perspectiva histórica única, fazendo uma releitura do passado romano sob um viés cristão. Assim, essa reescrita retém, em sua condição singular, o sincronismo da historiografia clássica e os preceitos do cristianismo florescente, que contribuiu para a maneira como a própria história romana viria a ser entendida na posteridade, em especial no mundo medieval.

No entanto, além de buscar evidenciar as qualidades singulares do texto de Orósio, nosso enfoque parte de dois recortes no interior da obra: o primeiro é o saque gaulês da cidade de Roma, que ocorreu entre 390/387 a.C. presente no Livro II e, em especial, o segundo, o saque empreendido pelos godos em 410 d.C., como descrito no Livro VII. Os dois acontecimentos marcaram pontos específicos dentro da “história local” (isto é, da cidade de Roma), bem como da história romana como um todo. E, apesar de guardarem semelhanças, apresentam características próprias, sendo que dessas aponto, por exemplo, a distinção entre os povos invasores (gauleses e godos), a organização sociopolítica de Roma (República e Império) e religiosa (paganismo e cristianismo) para por fim, em particular, enfatizar a narrativa empreendida por Orósio, que mesmo quando lança um olhar comparativo sobre os eventos,

acaba por diferenciá-los. Tomando em conta esses pressupostos, intentamos analisar os protagonistas dos saques e o modo como o historiador define os contornos do “barbarismo” que os caracterizaria sob seu ponto de vista.

Tendo por base nosso recorte, o presente trabalho é dividido em três capítulos. O primeiro deles se volta para determinados elementos relativos à obra e ao autor enquanto produtor de uma narrativa histórica. O segundo capítulo se debruça sobre o Saque Gaulês e a forma como o conceito de “bárbaro” é apresentado nas *Historiae adversus paganos*, em oposição a um “ser romano”. Por fim, o terceiro e último retorna aos debates feitos nos capítulos anteriores, mas agora para investigar a importância do Saque Godo na obra orosiana, que perpassa todo o texto do presbítero a fim de lançar um comparativo entre o passado romano e seu presente.

Assim, o primeiro capítulo objetiva construir um caminho, através de um debate teórico, sobre as características historiográficas presentes na obra do presbítero. Do momento em que vivia e a relação com sua narrativa, as intencionalidades que podem ser observadas através de sua escrita e a subjetividade autoral, por vezes implícita e por outras mais explícita. Tento demonstrar, também, como há permanência e mudança no que se refere ao fazer historiográfico, ou seja, como podem ser notados elementos comuns à historiografia clássica que são continuados por Orósio, ao mesmo tempo em que ele rompe com certos pontos dessa tradição. Como exemplo, há a sua (re)organização da Teoria dos Quatro Impérios e uma visão otimista lançada diante do futuro.

De início, ofereço uma contextualização do período em que Orósio viveu e produziu sua obra, para melhor cotejar os fundamentos de sua narrativa, em especial no que tange à polêmica entre pagãos e cristãos sobre o saque de 410, prezando pelo olhar sobre a intencionalidade, por vezes, incógnita no interior da obra, mas que confere sua importância para o período em que foi escrita.

Ao avançar no texto, problematizo a sua construção a respeito da proposta de “história universal” e/ou de uma “história de Roma”. É também nesse capítulo que se desdobra a construção de Orósio sobre a Teoria dos Quadro Império e a sua visão (decadentista ou não) a respeito do Império Romano em comunhão com o cristianismo ascendente, que impulsiona Orósio a elaborar uma narrativa de natureza otimista ao fim de sua obra.

No capítulo 2, a intenção é discutir a construção da categoria/conceito de “bárbaro” em relação ao de “romano”, logo, evidenciando a dicotomia que sustenta um debate em torno de categorias como “identidade” e “alteridade”. Além disso, enfatizo a apropriação feita pelos romanos durante séculos de dominação e subjugação dos povos que viviam nas e para além das fronteiras. A definição é normalmente trabalhada pelos autores antigos a partir da noção de

“bárbaros-invasores do Império”, em que emerge um modelo de bárbaro como antagonista de Roma. Essa, por outro lado, é apenas parte de nossas preocupações que surgem ao estabelecer diálogo com a obra de Orósio; interessa-me, ao cabo, como é que o historiador estabelece a figura do gaulês enquanto “bárbaro”.

O ponto de partida para esse capítulo é o Saque Gaulês contra a cidade de Roma, liderado pelo gaulês Breno, ocorrido ao início do século IV a.C. Tendo por base a narrativa de Orósio, analiso de que modo se estrutura a narrativa sobre esse fato e as nuances que compõe o enfoque conferido pelo autor. Tendo isso em mente, a proposta se desdobra no confrontar das características construídas pelo presbítero hispano-romano em sua narrativa e o debate histórico sobre as questões de identidade e alteridade. Assim, objetivo aprofundar o entendimento sobre o que é entendido como o “bárbaro” e o “romano”, tendo em vista que o autor faz uso da historiografia clássica para aprofundar ainda mais as diferenças entre as duas construções identitárias.

O último ponto, o capítulo 3, volta-se para a investigação sobre a maneira como Orósio ressignifica a dicotomia romano-bárbaro, substituindo-a pela relação de oposição “cristão-pagão”. Orósio demonstra, em sua narrativa, em especial na descrição do Saque de Roma executado por Alarico e seus Godos, as mudanças que poderiam ser observadas no fim do século IV e que perdurariam na formação dos Reinos ditos “bárbaros”. As fronteiras haviam sucumbido, porém o inimigo que amedrontava as cidades do Império compartilhava a religião dos imperadores (sobretudo Honório, no caso) e do próprio autor, constituindo uma nova trama para as relações sociais, sendo que os polos identitários se fundamentavam em pares que Orósio concebia como opostos (que podemos definir como “romano-cristão” e “bárbaro-pagão”).

Apontado o contexto e também o debate sobre os conceitos definidores de identidades (sejam eles construídos ou impostos), busquei observá-los na obra de Orósio, bem como o modo que o autor elabora uma narrativa em favor dos argumentos que tece para defender o Cristianismo contra a acusação dos pagãos, uma vez que é o saque de 410 d.C. o cerne do debate para o autor. O Saque Godo vai ser comparado com outros eventos em diversos momentos da obra, conduzindo o leitor para o entendimento de uma das construções temporais que Orósio estabelece em seu texto (a oposição entre *praeteria tempora* e *tempora christiana*), ao mesmo tempo em que o episódio é ressignificado pelo autor nos termos de uma ação da Providência divina.

Sendo assim, ao fazer a construção acerca do Saque de Alarico também é necessário explicá-lo, para justificar os desígnios divinos. Para tanto, salientar que os godos de Alarico, apesar de terem saqueado as cidades do Império, apesar dos romanos não considerarem os

hábitos daqueles, esses bárbaros, considerados inimigos do Império, apesar de hereges (referimos ao arianismo), eram cristãos, logo, eles se tornam instrumentos da ira divina.

Entendendo a postura providencialista pela qual Orósio compõe sua obra, bem como o desejo de defender a causa cristã frente aos ataques pagãos motivados pelo saque de 410 d.C. e, por fim, visando consolidar sua tese de que os tempos de Orósio (*tempora christiana*) são melhores que os tempos passados (*praeteria tempora*), nosso autor vai construir, nos últimos capítulos do Livro VII, uma narrativa em favor dos godos (cristãos) que saquearam a “soberbia, lasciva y blasfema ciudad”, se não em favor, pelo menos minimiza as consequência dos feitos dos godos. Por fim, o Saque dos Godos é um castigo enviado pela Providência para punir os pecadores pagãos, em meio ao discurso triunfalista do cristianismo. Essa narrativa se desdobra a partir do ponto onde os tempos futuros serão promissores, graças à existência e continuidade do cristianismo, que colocaria lado a lado bárbaros e romanos em nome de um só deus.

Ao fim, ofereço algumas considerações acerca da obra *Historiae adversus paganos* e de Orósio, em linhas gerais e apontando para algumas hipóteses que mereçam esforços futuros.

Encerro essas linhas iniciais com o desejo de que este trabalho venha a contribuir para o desenvolvimento da área da História Antiga dentro e fora das universidades brasileiras. Quiça, este seja um trabalho que possa somar ao debate sobre identidade e alteridade no passado e seus usos no presente, ainda mais se levarmos em conta o atual momento em que vive a sociedade brasileira.

De todo modo desejo uma boa leitura.

1 ORÓSIO, HISTORIADOR DO IMPÉRIO ROMANO CRISTÃO

A trajetória de vida de (Paulo) Orósio¹ é, no geral, desconhecida. A data de nascimento é incerta. Sabe-se que era originário da Hispânia², onde havia sido consagrado presbítero, e que trasladou-se para o Norte da África, chegando lá em 414. Foi acolhido em Hipona, pelo bispo Agostinho, do qual se tornou discípulo. Sob mando de Agostinho, debruçou-se na constituição de sua principal obra, as *Historiae adversus paganos*, entre 416 e 417³. Após a conclusão do seu trabalho, intentou retornar à Hispânia, momento a partir do qual não se tem mais notícia sobre ele.

Especulamos que a saída do autor rumo à Hipona se deu pela presença dos vândalos⁴ na Península Ibérica. Essa premissa parte de sugestões que o próprio autor faz em seu texto, se tratando de uma fuga que é evidenciada em alguns trechos da obra⁵, em que diz: “Eu, no entanto, que aproveito a oportunidade para fugir da primeira perturbação de uma situação turbulenta, seja ela do tipo que for (...)”⁶.

Assim, as evidências notadas na narrativa sugerem que sua saída se deu pela ocupação vândala na Hispânia; porém, não descartamos a ida até a África como motivada pela procura de conselhos teológicos junto ao bispo de Hipona.

A Era de Teodósio I (378-395) ainda imperava sobre o Império Romano, sob tutela dos

¹ Acerca do nome *Paulus* não há certeza que o prenome seja de fato este. Acredita-se que tenha sido utilizado por Jordanes em *História dos Godos* mais de um século depois. No entanto, podemos ainda questionar se a inicial *P(aulus)* não seria na verdade *P(resbyter)*, como nos aponta Pedro Martinez Caveró (2002) Dada a inexactidão dos fatos, optamos por trabalhar apenas com o nome Orósio, como é referenciado por Agostinho de Hipona e Jerônimo de Estridão. In: MARTINEZ CAVERO, P. Orosio Historiador “adversus paganos. **Antigüedad y cristianismo: Monografías históricas sobre la Antigüedad tardía**, ISSN 0214-7165, N.º 19, 2002 (Ejemplar dedicado a: El pensamiento histórico y antropológico de Orosio), p. 25-26.

² Região romana que comportava a *diocese Hispaniae*, cuja províncias eram: Tarraconensis, Gallaecia, Carthaginenses, Lusitânia, Baetica e Tingitania e que foi anexada durante o processo expansionista imperialista de Roma durante o século I a.C. Atualmente refere-se a parte da Península Ibérica.

³ A questão das datas que contornam Orósio também são muito confusas e não há consenso historiográfico sobre isso. Aqui, mais especificamente sobre a data de fechamento de sua obra, encontramos divergências como apresentadas por Eustáquio Sánchez Salor. Optamos pela datação tradicional, ou seja, que a obra foi produzida entre 416 e 417 no Norte da África. Ver em: SÁNCHEZ SALOR, E. Orosio. **Historias**. Libros I-IV y V-VII, traducción y notas. Madrid: Gredos. 1982. 2 vols. p. 15.

⁴ Muitas vezes denominados de “germanos orientais”, habitavam a região ao oeste do Rio Vístula e do Rio Oder. Haviam estabelecido-se na região centro-europeia até serem impelidos ao sul pelos godos. Essas *gentes barbarae* formavam um todo heterogêneo que se estabeleceu temporariamente na região da Panônia e da Dácia, e dali seriam pressionados pelos hunos contra as fronteiras do Império Romano, atravessando-as em 409 e 411. Anos mais tarde, em 429, fundariam um reino no Norte da África liderados por Genserico. In: QUIROGA, J. L. *Gentes barbarae*. los bárbaros, entre el mito y la realidad, **Antigüedad y Cristianismo**, Murcia, n 25, 2008. (Ed. 2011). p. 197.

⁵ Essa perspectiva é apresentada por Sánchez Salor. Segundo o autor Orósio teria fugido devido a presença dos “bárbaros” na região. Por outro lado, apresenta que o presbítero hispano-romano teria ido até Agostinho com objetivo de obter conselhos sobre debates contra os *priscilianistas*. SÁNCHEZ SALOR, E. Orosio. **Historias**. Libros I-IV y V-VII, traducción y notas. Madrid: Gredos. 1982. 2 vols. p. 10-14.

⁶ “Yo, sin embargo, que aprovecho para huir la primera perturbación de una situación turbulenta, sea esta del tipo que sea (...)” Oros. Hist. V, 2, 1.- tradução minha. Todas as traduções de trechos em espanhol presentes nesta dissertação foram realizados por mim, visto que não há edição da obra estudada em língua portuguesa.

herdeiros que compartilhavam o trono: Honório (393-423) no Ocidente e Arcádio (383-408) e Teodósio II (408-450)⁷ no Oriente. No entanto, nos primeiros anos do século V, grupos étnicos e sociais heterogêneos que viviam além das fronteiras do Império avançaram pelo rio Reno⁸ em 406 e, mais tarde, pela cordilheira dos Pirineus⁹ em 409, sendo que algum destes grupos se estabeleceram na região da Hispânia. A entrada desses povos apontava para, entre outros, a ineficiência do exército romano em controlar extensas regiões do Império, constantemente fustigadas, em diferentes pontos, por essas populações que viviam além das fronteiras. Tal cenário se caracterizou por confrontos com os *persas* a leste, os *burgúndios*, *suevos* e *alamanos* na região do rio Reno, além de *sármatas* e *godos* no Danúbio, sendo que um contingente destes últimos já havia se instalado no interior do Império há algumas décadas, levando ao confronto na Batalha de Adrianópolis¹⁰.

Tal batalha foi travada em 378, entre a legiões orientais do exército romano, comandadas pelo imperador Valente (364-378), contra tribos *godas* (possivelmente havia apoio de outros grupos como *sármatas* e *alanos*) comandadas por Fritigerno e Alavivo. Esse contingente *godo* havia cruzado o rio Danúbio e veio a ser assentado pelo próprio imperador em 376 na *província* da Trácia¹¹. Por fim, a batalha se desdobrou em profunda derrota por parte dos romanos, ocasionando o falecimento do imperador e também o desaparecimento de boa parte das legiões orientais do Império¹².

Somava-se a esse clima de instabilidade “externa” o desenvolvimento de movimentos de usurpação e guerra civil no interior do Império, como por exemplo os casos de liderados por Magno Máximo (387-388), Arbogastes e Eugênio (394), Gildão (398) e Constantino III (408) – ainda que Magno Máximo e Constantino III viessem a ser reconhecidos momentaneamente como Augustos no Ocidente¹³.

⁷ Devo apontar que, durante o momento de redação da obra orosiana, o imperador Arcádio já havia falecido; em seu lugar assumiu seu filho Teodósio II, prolongando assim a permanência da dinastia teodosiana no trono imperial.

⁸ Rio que corta a Europa de sul a norte, desaguando no Mar do Norte. Na época do Império Romano, juntamente com o Rio Danúbio, era tida como fronteira imperial e separava as terras romanas das do *barbaricum* germano.

⁹ Os Pirineus são uma cordilheira no sudoeste da Europa. Formam uma fronteira natural separando a Península Ibérica da França.

¹⁰ Atualmente a cidade de Edirne ao noroeste da Turquia.

¹¹ Corresponde hoje a territórios na Grécia, Turquia e Bulgária.

¹² Voltarei a tratar da Batalha de Adrianópolis no Capítulo 3.

¹³ Sobre as guerras civis: Após a morte de Graciano em 383, o interesse de Teodósio centrou-se no Império Romano do Ocidente já que o usurpador Magno Máximo havia tomado todas as província do Ocidente salvo Itália. Surgiram novos problemas, depois da morte de Valentiniano II. O mestre dos soldados Arbogasto acusado de assassinato, elegeu Flávio Eugênio para assumir a purpura imperial. Teodósio marchou mais uma vez para o Ocidente para combater os usurpadores. O imperador do Oriente saiu vitorioso (sobre esses combates de Teodósio retornaremos na página 76). Os conflitos na África se desdobraram quando o conde Gildão se rebelou contra o imperador ocidental Honório, possivelmente apoiado por Rufino (*magister officiorum* na corte oriental). O conde foi derrotado pelas tropas imperiais comandadas por Estilício.

Por fim, nas fronteiras orientais do Império, os conflitos se desdobravam contra o Império Sassânida, desde a primeira metade do terceiro século: vale lembrar, por exemplo, que em 260, após uma série de derrotas, o próprio imperador Valeriano (253-260) foi capturado pelos sassânidas. Os impasses entre romanos e sassânidas ainda se estenderam por séculos, entrecortado por períodos belicosos e tratados de paz, sendo que no período por nós recortado houve embates mais de uma vez.

Deste modo, enfraquecido, o poder militar romano não aplacava as condições de pressão que existiam nas fronteiras do Império, resultando em um processo significativo de entrada de populações bárbaras para o interior do mundo romano. Ao apontar isso, nos referimos mais especificamente a uma série de eventos ocorrida a partir do ano de 405, quando um grupo de godos liderados por Radagaiso¹⁴ cruzou a região dos Alpes¹⁵; em 406, um misto de alanos, burgúndios, vândalos e suevos cruzou o rio Reno, derrotando os francos¹⁶ federados estabelecidos na região da Gália; por fim, em 409 alanos, suevos e vândalos atravessaram a cordilheira dos Pirineus em direção à Hispânia.

Naquele momento, essas populações não-romanas pilharam cidades nas regiões da Germânia¹⁷ e da Bélgica Segunda¹⁸, para depois seguirem em direção ao Sul do território imperial. A situação da Hispânia não diferiu das províncias romanas mais ao Norte: assim, grupos distintos de vândalos, suevos e alanos submeteram partes daquela região ao seu controle, como narra Orósio ao fim do Livro VII:

Após estes acontecimentos, se inicia a ruína das Hispanias. De fato, após matar aqueles que pretendiam defender com seus exércitos particulares a cordilheira dos Pirineus, estes bárbaros receberam, primeiramente, como prêmio, permissão para saquear as planícies de Palência, (...) e tiveram mais liberdade para seus próprios crimes; a custódia dos Pirineus e a abertura de seus desfiladeiros, permitiram a entrada nas aldeias hispânicas todos os povos gauleses e se uniram a eles; neste local, realizavam, às vezes, grandes e sangrentos ataques, mas permanecem como seus donos mesmo após tendo-as

¹⁴ Líder godo pagão que invadiu a Itália durante os primeiros anos do século V. Foi derrotado pelas tropas imperiais lideradas por Estilício e apoiados por contingentes “bárbaros” liderados pelo *godo* Saro e pelo huno Uldin.

¹⁵ Os Alpes são uma cordilheira situada na Europa Ocidental. Começa ao noroeste da Itália e termina na região do rio Danúbio, próximo a cidade de Viena na Áustria.

¹⁶ Conjunto heterogêneo de povos que inicialmente viviam à Leste do Rio Reno no século II e III durante as Guerras Marcomanas. No início do século IV teriam expandido seu território até o norte do Reno. QUIROGA, J. L. **Gentes barbarae. los bárbaros, entre el mito y la realidad, Antigüedad y Cristianismo**, Murcia, n 25, 2008. (Ed. 2011). p. 198.

¹⁷ Aqui se trata da Germânia Superior e Inferior, que eram dominadas pelos Romanos. Já o restante do território compreendido por *Germania libera* era a porção de terras fora do Império Romano que abrigava uma vasta pluralidade de povos *germanos/bárbaros*, por vezes denominado de *barbaricum*. Atualmente compreende a extensão de terras que vai da Alemanha até a Rússia. In: QUIROGA, J. L. **Gentes barbarae. los bárbaros, entre el mito y la realidad, Antigüedad y Cristianismo**, Murcia, n 25, 2008. (Ed. 2011). p. 14.

¹⁸ Antiga província romana que hoje corresponde a territórios ao norte da França e da Bélgica.

repartido sem critérios, já que fizeram cortes cruéis de bens e pessoas, algo que eles mesmos se arrependem (Oros. Hist. VII, 40, 8-10).¹⁹

O trecho destacado estabelece um retrato sobre a maneira como Orósio concebia a situação de parte do Ocidente do Império. O usurpador da Britânia e das Gálias, Constantino III²⁰, havia vencido os primos de Honório, Dídimio e Veriniano, por volta de 408, obtendo o controle da Península Ibérica. No entanto, a questão envolvendo vândalos e suevos se estendeu até 418, quando foram derrotados sucessivamente por tropas romanas lideradas por Constâncio III²¹ apoiadas pelas tropas godas lideradas por Vália²².

Sobre esse breve panorama, apresento a situação da Hispânia antes da saída de Orósio para a África. Portanto, insisto na perspectiva da fuga do presbítero diante das condições que se aplicavam naquele momento à Península Ibérica. Deste modo, retornemos então à data de partida do hispano-romano em 414, momento em que a região se encontrava em mãos de povos não-romanos, como indica o próprio presbítero.

O que nos intriga, entretanto, é como esse movimento de saída da Hispânia e a possível “fuga dos bárbaros” vai impactar na escrita de Orósio. Paulo Knauss²³(2008) aponta que determinadas condições vivenciadas pelos autores podem ser reveladas pelo ato da escrita com a intenção de participarem de uma discussão pública, que, segundo ele, são definidoras de uma moral que norteia o ofício. No caso de Orósio, essa dimensão ética carrega a marca do exílio. Assim sendo, é possível observar que o presbítero hispano-romano se encontrava em uma situação de exílio na África e sob essa condição é que escreve sua obra histórica.

Como aponte, a narrativa orosiana traz elementos que permitem suposições sobre a

¹⁹ A raíz de estos acontecimientos tiene lugar el primer paso para la ruina de las Hispanias. En efecto, tras matar a aquellos dos hermanos que pretendían defender con sus fuerzas privadas la cordillera del Pirineo, estos bárbaros recibieron en primer lugar, como premio por la victoria, permiso para saquear las llanuras de Palencia, (...) y tuvieran más libertad para los propios crímenes, la custodia del Pirineo y abrirse así sus desfiladeros, dejaron entrar en las provincias hispanas a todos los pueblos que andaban por las Galias, y se unieron ellos mismos a éstos; y allí, haciendo de vez en cuando importantes y sangrientas correrías, permanecen todavía como dueños tras habérsela repartido a suerte, una vez que hicieron cruéis talas de bienes y personas, de lo cual ellos mismos todavía incluso se arrepienten (Oros. Hist. VII, 40, 8-10).

²⁰ Usurpador da porção ocidental, 407-411, elevado a condição de imperador na Bretanha em resposta às invasões do Reno entre 405-406. Foi derrotado por Constâncio III.

²¹ Soldado que ascendeu a posição de *magister militum* no governo de Honório, foi extremamente bem sucedido em suas campanhas militares após 408, em especial contra usurpadores. Venceu os *godos* de Ataúlfo, tendo posteriormente orquestrado o assentamento destes na região da Aquitânia (região do sudoeste da atual França) em 418. Casou-se com Galla Placídia e foi pai do futuro imperador Valentiniano III. De 419 até 421 vestiu a púrpura imperial, tornando-se coimperador com Honório.

²² Rei *godo* entre 415-418. Através de acordos com Honório e Constâncio III, devolveu a estes Prisco Átalo e Galla Placídia. Firmado a paz entre romanos e *godos*, estes últimos lutaram em favor de Roma, defendendo a região da Hispânia, na qual foram assentados, que viria a ser o Reino dos Visigodos.

²³ In: KNAUSS, P. Uma história para nosso tempo: historiografia como fato moral. **História Unisinos**, São Leopoldo, v. 12, n. 2, 140-147, mai./ago. 2008.

experiência vivida por Orósio e a possibilidade de o presbítero ter sido mantido como cativo dos vândalos antes de sua partida da Hispânia. Os pontos referentes aos Livros III e VII, respectivamente, retratam a situação pelo qual ele passou, enfocando em sua fuga para o norte da África:

E, entretanto, quando falo de mim, por exemplo, que, em determinado momento me vi frente a frente com os bárbaros os quais nunca tinha visto antes, dos quais me esquivei quando se dirigiam hostis a mim, que os acalmei quando me capturaram, que supliquei por mim apesar de serem infiéis, que zombei deles quando me seguraram e que, por fim, escapei deles, coberto por uma névoa repentina quando me perseguiram pelo mar, quando me alcançaram com dardos e pedras, e quando, inclusive, me alcançavam com suas mãos; quando eu, portanto, conto tudo isso, quero que todos, ao me ouvir, chorem e sofram em silêncio, porque os que me escutam não sentem a dor que senti, recriminando o sofrimento daqueles que não acreditam no que não tiveram eles mesmos que sofrer.

Todos que quisessem fugir e sair da Hispânia, poderia aproveitar os próprios bárbaros como mercenários, ajudantes e defensores. Os próprios bárbaros se ofereciam voluntariamente para isso; e, apesar de que pudessem ficar com tudo matando os hispanos, pediam apenas uma pequena taxa de pagamento por seu serviço e por cada pessoa que exportava.²⁴

Nas passagens apresentadas, sublinhamos a condição de desterrado, ou melhor, a “marca do exílio” sob a qual Orósio narra os eventos ocorridos na Hispânia, bem como relatos de sua experiência antes de transladar-se para a África. Porém, não se sabe se a condição do presbítero era a de cativo dos vândalos ou se apenas encontrou dificuldades para fazer sua viagem. Por outro lado, Eustáquio Sanchez Salor (1982) aponta ainda a possibilidade de que Orósio necessitaria explicar o abandono da comunidade cristã na Hispânia para Agostinho, para sustentar a ideia de fuga devido às condições que enfrentava em sua terra natal e, logo, não caracterizar uma situação de abandono da comunidade cristã sob sua responsabilidade, devido às circunstâncias enfrentadas pela região naquele momento²⁵.

²⁴ Y, sin embargo, cuando hablo de mí mismo, por ejemplo, que, en un primer momento, me vi frente a frente con los bárbaros a los que no había visto nunca, que los esquivé cuando se dirigían hostiles contra mí, que los ablandé cuando se apoderaron de mí, que les he rogado a pesar de ser infieles, que los he burlado cuando me retenían, y finalmente que he escapado de ellos, cubierto con una repentina niebla, cuando me perseguían en el mar, cuando trataban de alcanzarme con piedras y con dardos, y cuando ya incluso me alcanzaban con sus manos; cuando yo, pues, cuento todo esto, quiero que todos, al oírme, se conmuevan con lágrimas y me duelan en silencio porque los que me escuchan no lo sienten, reprochando la dureza de aquellos que no creen lo que no tuvieron que sufrir ellos. Todo aquel que quisiera huir y marcharse de Hispania, pudiese servirse de los propios bárbaros como mercenarios, ayudantes y defensores. Los propios bárbaros se ofrecían entonces voluntariamente para ello; y, a pesar de que podían haberse quedado con todo matando a todos los hispanos, pedían sólo un pequeño tributo como pago por su servicio y como tasa por cada persona que se exportaba (OROS. Hist. VII, 41. 4-6).

²⁵ A hipótese é que possivelmente Orósio saiu da Hispânia para manter-se a salvo, abandonando a comunidade cristã que passava por dificuldades naquele momento. Mas como justificar essa fuga para Agostinho? Segundo Salor (SÁNCHEZ SALOR, E. Orósio. **Historias**. Libros I-IV y V-VII, traducción y notas. Madrid: Gredos. 1982. 2 vols. p. 10), Orósio vai apresentar os enfrentamentos contra as heresias presentes na região e que foi até a África

Além disso, é importante ressaltar que a animosidade demonstrada por Orósio em relação aos invasores da Hispânia se aplica muito mais aos vândalos do que aos alanos e suevos, que também estavam localizados na região. Nesse sentido, é possível antagonizar os “perfis bárbaros” retratados por Orósio²⁶. Para tanto, recorremos a outra passagem do presbítero, ao referenciar a figura do *magister utriusque militiae* Estilicão²⁷:

Enquanto isso, o general Estilicón, nascido na raça dos vândalos, de família baixa, avara, perversa e mentirosa, sem se importar o fato de que seu poder era inferior ao do imperador, tentava, por todos os meios, segundo diz a maioria, mudar o imperador para que seu filho Euquerio assumisse o trono (Oros. Hist. VII. 38. 1.).²⁸

Finalmente, quando o imperador Honório e o exército romano descobriram a maldosa intriga, em uma justíssima rebelião do exército, Estilicão foi morto por vestir uma criança com o roxo imperial e oferecer todo o sangue da raça humana. Foi executado Euquerio, o qual, para agradar os pagãos, ameaçava manchar o início de seu reinado com a restauração dos templos pagãos e a destruição das igrejas. Com Estilicão e Euquerio foram castigados alguns de seus capangas do projeto. Assim, com pouquíssimo esforço e com a punição de poucos, as comunidades de Cristo, juntamente com seu religioso imperador, foram libertadas e vingadas (Oros. Hist. VII, 38, 7)²⁹

A execução de Estilicão e seu filho Euquério não só é vista como uma vitória do Império Romano contra os traidores, mas também como uma vitória do cristianismo. Assim, a associação é feita e é necessário evidenciá-la. Se considerarmos que Estilicão foi um homem de confiança de Teodósio e também tutor de Honório, torna-se difícil pensar que ele se apresentasse explicitamente contra o cristianismo, como afirma Orósio. Porém, nesses trechos,

para consultar diretamente Agostinho para como resolver essas questões. Como já apresentamos nesse trabalho.

²⁶ Sobre esse ponto, trabalharemos mais adiante ao tratar das questões da construção de identidade narrada por Orósio em sua obra. Neste momento iremos defrontar, além da relação romano-bárbara, a oposição entre bárbaros e bárbaros, como é o caso da narrativa quase heróica empreendida por Orósio ao tratar sobre os feitos godos.

²⁷ Retornaremos à figura do *genrelaissimus* no Capítulo 2 ao aprofundarmos o debate acerca da relação dicotômica entre romanos e bárbaros. Já no Capítulo 3 retomaremos a pessoa de Estilicão para entender as negociações entre Godos e a corte de Honório. Corassin faz um informe sobre Estilicão e a relação com a elite aristocrática CORASSIN, M. L. **Sociedade e política na Roma antiga**. São Paulo: Atual, 2001. p. 118.

²⁸ Entretanto el general Estilicón, nacido de la raza de los vándalos, de familia baja, avara, pérfida y falaz, sin importarle nada el hecho de que su poder estaba por debajo del poder del emperador, intentaba por todos los medios, según transmite la mayoría, cambiar al emperador para colocar en el trono a su hijo Euquerio (Oros. Hist. VII. 38. 1.)

²⁹ Finalmente, cuando el emperador Honorio y el ejército romano descubrieron la intriga de tanta maldad, en un justísimo levantamiento del ejército perdió la vida Estilicón el cual, por vestir a un niño con la púrpura imperial, ofreció la sangre de todo el género humano. Fue ejecutado Euquerio, el cual, para atraerse el favor de los paganos, amenazaba con manchar los comienzos de su reinado con la restauración de los templos paganos y la destrucción de las iglesias. Y con Estilicón y Euquerio fueron castigados unos pocos secuaces suyos en tales proyectos. De esta forma, con muy poco esfuerzo y con el castigo sólo de unos pocos, las comunidades de Cristo, juntamente con su religioso emperador, fueron liberadas y vengadas (Oros. Hist. VII, 38, 7).

evidencio que o historiador hispano-romano escreveu durante o governo de Honório, que condenou por traição a pessoa de Estilício. Segundo Kulikowski (2008), o *generalissimus* perdeu a vida em um conchavo tramado por Olímpio, então *magister officiorum* de Honório. Assim, aponto que aquela passagem na narrativa foi empreendida por dois motivos: o fato de que oficialmente Estilício foi considerado inimigo de Roma sob a acusação de que facilitou a entrada dos *bárbaros*, como referido por Orósio, e também por ser de origem vândala, dos quais o presbítero fora cativo na Hispânia.

Além dos elementos apontados anteriormente, vale a pena ressaltar outra perspectiva que se faz sentir na narrativa orosiana: quando há referência a dois locais, em específico, à Hispânia e à África, resalto que o texto do presbítero não desmerece as outras províncias romanas; no entanto, narra com ressalvas as outras províncias apontadas. Vale ainda sublinhar que as passagens elogiosas de Orósio são poucas, para além das ações providenciais enfatizadas em sua obra. Desta feita, julgo necessário apresentar os elementos dessa hipótese:

E, ainda que naquela ocasião os hispânicos tivessem conseguido, sem nenhuma recompensa, a segurança de Roma, Hispania, contudo, sempre extremamente fiel e poderosa, nunca, desde sua origem até hoje, embora tenha fornecido ao estado romano extraordinários e invictos generias, enviou, nascido dela, nenhum usurpador, nem mesmo, se chegou a ela algum de fora, deixado-no sair vivo (Oros. *Hist.* V, 23, 16).³⁰

No que se refere à “Hispânia, amiga do povo romano” (Oros. *Hist.* IV, 14, 1) a região é dotada de grande significação, de tal modo que nenhum outro local que integrava o Império Romano tem uma narrativa construída de tal modo. Mas, de imediato, posso lançar a essa passagem uma relação com a figura do imperador Teodósio³¹, também de origem hispânica, para além dos laços que vinculavam o próprio historiador àquela área.

Infelizmente, além do que foi abordado acima, pouco se sabe sobre o presbítero hispano-romano, sendo que as maiores certezas acerca de sua vida são do período em que esteve na África. No que tange ao seu nascimento e falecimento, a historiografia opera com distintas hipóteses³².

³⁰ Y, aunque en aquella ocasión los hispanos consiguieron sin recompensa alguna la seguridad de Roma, sin embargo, Hispania, siempre enormemente fiel y poderosa, nunca, desde sus orígenes hasta hoy, apesar de haber dado al estado romano extraordinarios e invictos generales, ha enviado, nacido de ella, ningún usurpador, ni tampoco, si llegó a ella alguno de fuera, le ha dejado salir vivo y con fuerzas (Oros. *Hist.* V, 23, 16).

³¹ Sabemos que Marco Úlpio Nerva Trajano vinha da província da Hispânia Bética. No entanto, retomaremos a figura de Trajano mais adiante no texto, para traçar um comparativo com relação a Teodósio e a relações destes com o cristianismo e os cristãos.

³² Assim como discutido na nota acima, não há certezas sobre muitas questões que tratam da vida de Orósio, como seu nascimento e falecimento. Martínez Caveró e Domingo Beltrán Corbalán (1995) apresentam um ensaio sobre o desaparecimento de Orósio no Mar Mediterrâneo após a conclusão de *Historias*. Ver: MARTÍNEZ CAVERO P.; BELTRÁN CORBALÁN, D. Aproximación al concepto de tiempo de Orosio. **Antigüedad y cristianismo**:

No entanto, não caberá a esse trabalho confrontar as distintas conjecturas sobre a pessoa de Orósio; operarei aqui sobre os momentos em que nosso autor se deteve na África, mas principalmente no que concerne à produção de seu *opus magnum*.

Portanto, após chegar ao norte da África e, posteriormente encontrar-se com Agostinho, Orósio deu início à escrita de suas obras. Em pouco tempo, escreveu *Consultatio sive commonitorium ad Augustinum de errore Priscillianistarum et Origenistarum*³³ e, mais tarde, *Liber apologeticus*³⁴ para, finalmente, dedicar-se à constituição das *Historiae adversus paganos*. Como já apontado, acredita-se que em 417 Orósio concluiu os sete livros de suas *Histórias*³⁵, ocupando-se com a proposta de fazer uma história universal³⁶ que, por sua vez, acaba se convertendo em uma história de Roma, como indicarei na sequência do trabalho.

A construção dessa obra se dá sob a batuta de Agostinho, que teria pedido ao presbítero hispânico que enumerasse/catalogasse as fatalidades ocorridas até então com a intenção de complementar uma de suas obras, a *De civitate Dei*. No entanto, Orósio vai além do que foi proposto pelo bispo de Hipona e acaba por redigir uma obra histórica dotada de “universalidade”. Tal informação pode ser confirmada a partir do seguinte trecho:

Me ordenou, então, que todos os registros de histórias e anais que pudessem existir no momento presente, tudo o que encontrasse, fossem expostos em capítulos sistemáticos e curtos de um livro: já encontrei desastres por guerras, estragos por doenças, desolações por fome, terríveis terremotos, inundações incomuns, erupções vulcânicas assustadoras ou cruéis tempestades de raios ou chuva de granizo, ou , inclusive, as misérias ocorridas nos séculos anteriores devido a parricidas e outras infâmias. (Oros. *Hist.* I, Prol. 10).³⁷

Partindo dessa premissa, entendo que Orósio foi, além de presbítero, historiador, e pode-se notar em sua obra uma série de concepções e entendimentos próprios de seu tempo e lugar. Lançando mão de uma determinada interpretação histórica dos acontecimentos, reconstrói um contexto próprio para a sua narrativa dentro de uma dimensão temporal. De perspectiva cristã

Monografías históricas sobre la Antigüedad tardía. Murcia. ISSN 0214-7165, Nº 12, 1995. p. 255-260.

³³ Apresentam-se duas hipóteses sobre esse livro: a primeira é a de que foi escrito antes de Orósio viajar a África; já a segunda, é a de que teria construído a narrativa ao chegar a África.

³⁴ Obra escrita em Latim para se defender das acusações feitas por Pelágio em sua viagem até Jerusalém. É uma retratação que explica sua ortodoxia aos moldes agostinianos.

³⁵ Deste ponto em diante, assim me referirei à obra.

³⁶ Sobre o gênero historiográfico denominado de História Universal, ao qual Orósio se compromete em articular, aprofundarei essa questão mais adiante neste capítulo.

³⁷ (...) me ordenaste, pues, que de todos los registros de historias y anales que puedan tenerse en el momento presente, expusiera, em capítulos sistemáticos y breves de un libro, todo lo que encontrase: ya desastres por guerras, ya estragos por enfermedades, ya desolaciones por hambre, ya situaciones terribles por terremotos, insólitas por inundaciones, temibles por erupciones de fuego volcánico o cruels por golpes de rayo o caída de granizo, o incluso las miserias ocurridas en siglos anteriores a causa de parricidios y otras ignominias (Oros. *Hist.* I, Prol. 10).

e, ainda, sob uma ótica providencialista da história, não pode-se descartar o caráter historiográfico que as *Histórias* possuem. Argumentamos, portanto, baseando-se no princípio exposto por Michel De Certeau (1982, p. 66) “que toda a pesquisa histórica se articula com um lugar de produção” e é a partir deste (mas não único) que se desenvolvem os métodos da produção historiográfica. Ou seja, destaco que nosso autor é parte de exíguo grupo de alfabetizados e, na condição de pessoa livre e nascido no interior do Império Romano, se confere a ele um lugar possível para a produção do seu saber, mas, também, tal lugar influenciou diretamente nos contornos de seu texto.

Não obstante, a visão que Orósio nutria acerca da história era, em alguns casos, conflitante com os pensamentos de seu mestre. Mas isso não retira os méritos da obra orosiana; pelo contrário, afinal, para todos os efeitos, não é objetivo do presente trabalho abordar as possíveis relações entre a obra agostiniana e a orosiana³⁸.

Apesar disso, nos importa saber o que teria levado Agostinho de Hipona a ordenar tamanha compilação a Orósio. Muito prontamente, podemos apontar que tal solicitação estava intrinsecamente ligada aos eventos recentes que afetaram todo o Império Romano no início do século V. Tendo em vista os possíveis motivos que levaram Orósio a sair da Hispânia com destino à África, observo também como esse momento se faz sentir ao intitular a obra como “*Histórias contra os pagãos*”: isso assinala como autores cristãos como Orósio enxergavam a conjuntura em que viviam. Meu desejo é tentar entender o motivo para além de uma obra de história de cunho religioso, buscando problematizá-la considerando-se o período em que o autor viveu e constituiu tal obra.

Como destaquei, o momento da vida de Orósio está presente em sua obra: o autor lida com a questão das pressões militares nas fronteiras, associada à presença de germanos no interior do Império, além de usurpadores que enfraqueciam o poder dos imperadores da dinastia teodosiana. Significa dizer que as ameaças externas corroboraram para as instabilidades internas e que, por conseguinte, surtiam efeitos no que se refere aos contatos entre “romanos” e “não romanos”. Levando isso em conta, também se faziam presentes tensões de caráter religioso que, no caso de Orósio, se nota por meio de uma ideia de antagonismo entre pagãos e cristãos³⁹. Deste modo, o saque sofrido pela cidade de Roma de 410 foi o estopim para

³⁸ Ver: MESEGUER GIL, A. J. La obra histórica de Paulo Orosio y sus diferencias con Agustín de Hipona: transmisión de conceptos historiográficos en la antigüedad tardía. **Revista Onoba**. Huelva, Nº 05, 2007, p. 89-101.

³⁹ Aprofundarei no Capítulo 3 as questões que tangem a fortificação do cristianismo após a “crise do III século”, bem como as definições estabelecidas a partir do século IV, organizadas pelos Concílio de Niceia (325) e o Primeiro Concílio de Constantinopla (381) que buscam sanar as diferentes interpretações acerca do cristianismo. Por ora, me atarei às questões mais próximas ao momento da escrita de Orósio, em especial o Edito de Tessalônica de 380.

movimentos de acusações mútuas entre pagãos e cristãos e, assim, tal acontecimento foi interpretado de diferentes maneiras na intenção de corroborar com os argumentos de cada perspectiva.

Apesar de o cristianismo ganhar espaço e engendrar-se dentro dos mecanismos do Estado romano ao logo do século IV, é somente a partir do Edito de Tessalônica (promulgado em 390⁴⁰, sob o governo de Teodósio I), que se torna oficialmente a religião do Império. O Edito de Tessalônica, além de oficializar o cristianismo, buscou proibir as práticas pagãs. Sabemos, no entanto, que a adoção do cristianismo e a conversão da população não se deu de imediato, resultando em uma sociedade em que havia convivência e conflito entre os ainda praticantes dos cultos politeístas (rotulados como “pagãos” por parte, justamente, de cristãos como Orósio) e, de outro, a religião normativa que se buscava estabelecer a partir, entre outros, da corte imperial.

Ou seja, não podemos perder de vista o fato de que Orósio escreve a partir do momento da oficialização da religião cristã no interior do Império Romano. Não significa assumir que toda a população do Império havia sido cristianizada no início do século V, mas entender que, oficialmente, desde Teodósio I, a religião apoiada pelo Estado era o cristianismo niceno, algo que estimulava que uma parcela da população adotasse as práticas cristãs, além de se buscar proibir a execução de rituais pagãos. Por outro lado, não vem ao caso definir, nesse ponto, se os “não romanos” eram *godos*, *vândalos*, *suevos*, *alanos* ou qualquer outro grupo étnico externo. As fronteiras haviam sido rompidas por esses povos e o sentimento de que o Império estava sendo invadido acentuava, em alguns, a noção de que se vivenciava uma grande crise que poderia levar à ruína. Evento marcado e acentuado por toda a configuração de incertezas do período, em 410 o exército *godo*, liderado por Alarico, invadiu Roma, *caput mundi*. Roma havia sido saqueada por *bárbaros*, exacerbando as crenças do fim do Império e também do mundo conhecido.

Diante do exposto, atuo no campo da hipótese de que, não só Orósio, mas também seus contemporâneos enxergavam a questão pelo prisma da noção de “invasão bárbara”. De modo que aponto como o Saque de 410 figura como um evento simbólico que colocava em suspenso toda a permanência e existência do Império Romano.

⁴⁰ De fato, em 380 é promulgado o Edito de Tessalônica favorecendo o culto niceno em detrimento do ariano em Constantinopla – em Marcus Silva Cruz (2010), é a data que ele fornece como a oficialização do cristianismo, assim como para Moisés Antikeira (2012, p 138). No entanto, o Frighetto (2012) fala em 392 de um Edito de Milão. Peter Brown até comenta sobre as práticas de Teodósio, mas não dá ênfase específica nessa parte, aponta dizendo que “proibiu progressivamente as práticas e cultos”. In: BROWN, Peter. **El Primer Milenio de la Cristandad**. Tradução Grijalbo Mondadori. Barcelona: Crítica. 1999. p. 41.

Vale a pena reforçar que, para além disso, dentre os “bárbaros invasores”, se destacam os *godos* em meio à gama de povos que havia cruzado o *limes* no período em que é escrita a obra orosiana. Assim, defendendo que pensar a questão em termos genéricos é possível, desde que se indique claramente que, no que se refere aos bárbaros, Orósio singulariza um grupo em particular. Ou seja, há uma relação entre geral e particular que é ressignificada por Orósio. Essa predileção por esse povo em específico vai se desdobrar em uma forma narrativa que dá contornos aos *godos* como “instrumentos punitivos da Providência Divina”.

Nesse contexto, o acontecimento fundamental, segundo Orósio, corresponde, justamente, ao saque de Alarico sobre Roma em 410, já que este evento vai ressoar entre pagãos e cristãos. Orósio então escreveu uma obra histórica como resposta às acusações lançadas contra os cristãos pelo fato de Roma ter se “convertido” ao cristianismo, sob escopo das dificuldades sofridas pelo Império naquele momento e também do saque sofrido pelo “centro”⁴¹ do Império. Por outro lado, escreve, também, como resposta aos cristãos que pensavam a despeito do saque como fruto da Providência ou, mais exatamente, da Ira Divina. No caso, isso poderia ser entendido como prenúncio do Apocalipse aludido nas Sagradas Escrituras. Seja como for, parece pesar a ideia de que a obra foi escrita com a intenção de refutar as acusações dos pagãos, reafirmando, portanto, a seguinte lógica: a desgraça que pairava sobre o mundo era maior quando Jesus Cristo ainda não havia vindo à Terra. Porém, esses argumentos não devem ser encarados como um pretexto de Orósio, mas sim uma convicção da sua parte.

Portanto, o texto de Orósio se insere em um cenário em que se desenrolou assim a acusação feita pelos politeístas, mantenedores das tradições ligadas aos deuses tradicionais, contra os cristãos, adeptos da religião oficial do Império. A acusação se baseava na premissa de que o abandono dos deuses e a adoção do cristianismo foram suficiente para que “coisas ruins” acontecessem ao Império; logo, para os detratores, o saque de 410 teria sido culpa dos cristãos, bem como todas os outros problemas que recaíam sobre os romanos naquele período. É nesse momento de crise que houve a necessidade de se explicar os acontecimentos recentes daquele período. Jerônimo e Agostinho de Hipona já haviam indicado os desdobramentos do saque, logo após 410. Essas duas figuras, de grande importância no cristianismo, apontaram, sob suas perspectivas, as causas dos acontecimentos recentes, defendendo a comunidade cristã das acusações de cunho pagão e proclamando que o evento ocorrido em Roma fazia parte dos

⁴¹ Ressalto que Roma não era a capital do Império Romano. Aliás, no mundo romano nunca houve a noção de capital tal como temos nos dias de hoje. Reconhecia-se Roma como a principal cidade de um Império que, claro, carregava o seu próprio nome. Mas, “capital” no sentido de centro político equivalia a uma ideia de associar a presença do centro decisório de poder (ou seja, as cortes imperiais) ao local em que tais cortes se sedimentassem. Em 410, as “capitais”, nesse sentido, eram Ravena (no Ocidente) e Constantinopla (no Oriente).

desígnios da Providência Divina.

É nesse momento que devemos localizar Orósio e sua obra. Orósio, além de historiador, era romano e cristão, identificações que dão peso e caracterizam a sua escrita. Partindo do Saque de 410 e, também, da defesa do cristianismo, intentamos observar como esses elementos se constituem e são ressignificados dentro de sua narrativa. De início, como já apontei, a obra de Orósio é escrita com a intenção de refutar as acusações dos pagãos, como se lê abaixo:

(...) Aqueles que, indiferentes à cidade de Deus, são chamados “pagãos” pelos povos e vilas do local onde vivem, ou “gentios”, porque gostam das coisas terrenas; os quais, embora não se preocupam com o futuro e, por outro lado, esquecem ou desconhecem o passado, atacam, porém, os tempos atuais como se estivessem infestados de maldades além do que deveriam, apenas porque agora se acredita em Cristo e se adora a Deus, enquanto seus ídolos são menos adorados (Oros. *Hist.* I, Prol., 9).⁴²

Quando já se ameaçavam as muralhas romanas, produziu-se na cidade uma grande agitação com todos os pagãos: diziam que o inimigo era enormemente poderoso, certamente por seu elevado número de tropas, mas, sobretudo, porque era ajudado pelos seus deuses; que Roma, entretanto, estava abandonada a ponto de morrer, porque tinha perdido seus deuses e seus ritos sagrados (Oros. *Hist.* VII, 37, 6-7).⁴³

Já ao início de sua obra, o presbítero lança uso de duas definições que nos são muito caras, a de *pagãos* e a de *gentis*⁴⁴. Ambas fazem referência àquelas pessoas que não eram adeptas da religião cristã e, por conseguinte, acreditavam que Roma (e, pois, a cidade) estava abandonada à própria sorte com a proibição de se promover os ritos tradicionais.

Para Pedro Martinez Caveró (2002), essa população que se colocava contra as determinações de Teodósio não correspondia mais à elite senatorial da cidade, mas se trataria de um inimigo invisível, ou seja, algo mais próximo a um sentimento que partiria da população em diferentes instâncias da esfera social. Ainda segundo Martinez Caveró (2002), é possível pensar que havia um crescimento e intensificação de tal insatisfação que vai ter seu ápice com o Saque de 410. Sendo assim, é partindo desse cenário que alguns autores cristãos se colocaram

⁴² (...) aquellos que, ajenos a la ciudad de Dios, son llamados «paganos» por los pueblos y villas de campo en que viven, o «gentiles», porque gustan de las cosas terrenas, los cuales, si bien no se preocupan del futuro y, por otra parte, olvidan o desconocen el pasado, atacan, sin embargo, a los tiempos actuales como si éstos estuviesen infestados de males más de lo debido, sólo porque ahora se cree en Cristo y se adora a Dios, mientras que sus ídolos son menos adorados (...) (Oros. *Hist.* I, Prol., 9)

⁴³ (...) cuando amenazaba ya las murallas romanas, se produjo en la ciudad un gran revuelo de todos los paganos: decían que el enemigo era enormemente poderoso, ciertamente por su gran número de tropas, pero sobre todo porque era ayudado por sus dioses; que Roma, sin embargo, estaba abandonada a ya punto de morir, por cuanto había perdido a sus dioses y sus ritos sagrado (...) (Oros. *Hist.* VII, 37, 6-7).

⁴⁴ Esses dois termos serão esmiuçados com maior profundidade no Capítulo 3, quando iremos tratar da dicotomia religiosa que se fazia presente no século V.

em defesa de seu credo. Agostinho de Hipona havia se manifestado no famoso sermão *De Urbis excidio* e também na formulação d'*A Cidade de Deus*. E, influenciado por Agostinho, Orósio compõe suas *Histórias*, também com intenção de defesa da fé cristã.

Por outro lado, Victoria Leonard (2014) apresenta-nos a perspectiva de Benoît Lacroix, de acordo com a qual Orósio não esperava que os pagãos fossem ler sua obra, ainda mais se tratando de um assunto tão polêmico. Infelizmente não podemos ter certeza sobre a recepção da obra orosiana no século V e o impacto da mesma. Sob a ótica de Orósio, julga-se o momento pós-saque de 410 como oportuno para promover uma memória histórica de matriz cristã; há uma intencionalidade na obra de Orósio, tal como se observa, entre outros, por meio da divisão cronológica (como indicada na sequência) e do uso de fontes pagãs. Pode ser que a intenção não seja estritamente escrever para os pagãos, mas, também, devemos levar em conta que a obra poderia ter um impacto significativo entre os cristãos.

Busquemos nos aprofundar nos pontos apresentados acima, a começar pela questão da intencionalidade. Sobre esse aspecto, a partir de uma leitura de Antoine Compagnon (1999) em *O Demônio da Teoria*, defendo que a intenção do autor “não se reduz ao sentido original, mas compreende a significação original” (COMPAGNON, 1999, p. 86)⁴⁵. Assim, aponto que o *sentido* é aquilo que permanece estável na recepção do texto e é singular; já a *significação* trata daquilo que pode mudar na recepção do texto e é plural, ou seja, variável e aberta a novas interpretações. Ainda sobre *sentido* e *significação*, aceitamos a noção de que existem um *sentido original* e um *sentido ulterior* e o mesmo pode ser atribuído a *significação*, ou melhor, às *significações*.

Portanto, a intencionalidade de Orósio não pode limitar-se ao *sentido original*, ou seja, ater-se unicamente, em hipótese, a ser uma obra dirigida contra os pagãos, mas também detém uma *significação original*, isto é, em defesa da fé cristã através da ressignificação do passado pagão de Roma sob um viés cristão. Porém, o *sentido* e as *significações* não se limitam aos desígnios originais do autor, mas também a um *sentido* e *significações ulteriores*, anacrônicas em relação ao texto e ao autor. Ainda que para nós o *sentido original* da obra orosiana se mantenha em nossos dias, tentamos atribuir distintas *significações* ao texto do presbítero, como, por exemplo, a ideia de se tratar da primeira obra de história universal cristã ou a ressignificação de bárbaro como um conceito heterogêneo. Por fim, o texto pode carregar essas inúmeras

⁴⁵ Discussão promovida por Antoine Compagnon em uma análise das definições sugeridas por E. D. Hirsch (teórico da literatura estadunidense), sendo que este último parte, da distinção entre o sentido e a denotação ou referência de uma expressão. Para isso, Hirsch estendeu essa distinção ao separar o *sentido* (*meaning*) e sua *significação* (*significance*) ou sua *aplicação* (*using*). In: COMPAGNON, A. **Demônio da Teoria**. Tradução Cleonice Paes Barreto Brandão. Belo Horizonte: Ed. UFMG. 1999. p. 86.

significações, que poderiam ser inesgotáveis para algumas obras, pois cada geração de leitores buscaria alguma nova ressignificação partindo das experiências de sua época (COMPAGNON, 1999).

Ao se comprometer em constituir uma obra em defesa do cristianismo, Orósio busca na literatura pagã os argumentos que poderiam lhe favorecer; nesse sentido, entendo que a escolha da maioria de suas fontes, que são de origem pagã, teria como objetivo reforçar sua tese antipagã (MARTINEZ CAVERO, 2002), ou seja, usar da própria história, como narrada anteriormente pelos cristãos, a fim de defender a fé cristã. Por outro lado, Orósio, enquanto intelectual⁴⁶ cristão, tem de lidar com uma extensa e estabelecida tradição pagã, embora não comungasse de seu valor ideológico (NAVARRO, 1991). Ao se colocar diante dessas diferentes imbricações entre as fontes e seu propósito, a narrativa orosiana, para além do caráter histórico, conserva delineações apologéticas⁴⁷ e providencialistas.

Peter Van Nuffelen (2012, p. 144) se volta para a primeira dessas imbricações, ao destacar a retórica orosiana a respeito do uso das fontes pagãs. Segundo Van Nuffelen, ao contrário dos que supõem separar Orósio da historiografia antiga, devemos operar de outro modo, vê-lo como um exemplo fundamental para a historiografia antiga em geral. Deste modo, mesmo se tratando de uma apologética, a obra não está deslocada fora do âmbito da historiografia. Assim, escrever com um viés cristão é diferente de escrever a partir de um viés ateniense, senatorial, alexandrino ou qualquer outra tendência que se poderia observar no restante da historiografia clássica). Sua tendência apologética proporcionou para Orósio um olhar sensível às construções narrativas e retóricas dos escritos pagãos, questionando algumas

⁴⁶ A respeito do conceito de intelectual, compartilho da noção exposta por Marcos Luís Ehrhardt e Moisés Antikeira, sendo que para estes o grande autor é aquele que permite o entendimento de sua época, através de suas trajetórias vividas, aproximando o estudioso do período em foco. Assim, os autores apresentam através de Helenice Rodrigues da Silva a noção de que o intelectual “é fruto de uma realidade sociocultural específica, intimamente ligado a seu contexto histórico. Somente a particularidade desse contexto poderá revelar a singularidade desse intelectual”. In: EHRHARDT, M. L. ; ANTIQUEIRA, M. . Dossiê Intelectuais e Poder Político na Antiguidade - **Revista Espaço Plural** 30 (2014). Cascavel: Edunioeste, 2014 (Organização de Dossiê Temático para Periódico). p. 08 – 10. ISSN 1981-478X

⁴⁷ A apologética é comumente encontrada dentro da literatura cristã e pode ser remetida a Paulo (apóstolo) na confrontação entre a religião cristã e a filosofia helenística, bem como no embate contra os ataques e perseguições, corroborando para o surgimento de grandes apologetas como Justino, Orígenes e, remetemos ainda, à obra de Tertuliano, *Apologeticus* escrita, possivelmente, no fim do segundo século. Deste modo, podemos entender que as obras apologéticas configuravam-se em defender a fé cristã ao mesmo tempo que faziam críticas ao politeísmo. Segundo Gilmar Senturião (2019), tais textos eram voltados para a comunidade externa, é dizer que, o público-alvo eram os não-cristãos e, por isso, além de defender o cristianismo e condenar as práticas pagãs, a apologia deveria igualmente servir como instrumento de evangelização. LEONARD, Victoria. **Imperial authority and the providence of monotheism in Orosius's Historiae Adversus Paganos**. 2014. 314 f. PhD Thesis, Cardiff University, Cardiff. 2014. p. 65; NAVARRO, M. A. R. Historiadores y poetas citados en las Historias de Orosio: Livio y Tácito, Virgilio y Lucano. **Fortunatae: Revista canaria de Filología, Cultura y Humanidades Clásicas**, ISSN 1131-6810, N.º 2, 1991, p. 277; MARTINEZ CAVERO, P. Orosio Historiador “adversus paganos. Antigüedad y cristianismo: Monografías históricas sobre la Antigüedad tardía, ISSN 0214-7165, N.º 19, 2002 (Ejemplar dedicado a: El pensamiento histórico y antropológico de Orosio), p. 135.

das pressuposições subjetivas da tradição clássica, como a adequação da narrativa retórica para a fundamentação da verdade dos eventos. Ao mesmo tempo, sua crítica à retórica da história está totalmente enraizada nessa própria retórica, ao promover o discurso de que sua narrativa (no caso de *Historiae*) possuiria uma maior verossimilhança do que as narrativas tradicionais.

Mas, ao mesmo tempo, é preciso lembrar que a escolha de tais fontes contribuiu para a construção dos argumentos de sua história universal. Nela, incluem-se autores gregos como Platão, Heródoto, Apiano, Políbio e Homero (este como fonte para a guerra de Troia). Para a primeira parte das *Histórias*, do Livro I ao IV, a preferência é pelo *Epítome* de Justino, que por sua vez era baseado na obra de Pompeu Trogo. Dos Livros II ao VI, para a história de Roma até Augusto, faz-se uso de autores como Tito Lívio, Floro e Eutrópio. O último livro estaria embasado em Suetônio, Júlio César e Tácito. Apesar do uso majoritário da literatura clássica greco-romana, Orósio faz uso de autores cristãos, porém, em menor dimensão, como nos casos Agostinho, Jerônimo, Eusébio de Cesareia e, em especial, da Bíblia. Os episódios bíblicos compõem/fazem parte do conteúdo narrativo, que se encaixa dentro da construção de história universal (são diferentes elementos que se justapõem); deste modo, a Bíblia não configurava exatamente um recurso a partir do qual Orósio visava assentar a sua autoridade enquanto historiador.

Em última instância, operarei a partir da explícita declaração feita pelo historiador, isto é, a de defender o cristianismo contra as acusações feitas pelos pagãos por causa do acontecimento do ano de 410.

1.1 HISTÓRIA UNIVERSAL OU HISTÓRIA DE ROMA? O IMPÉRIO ROMANO E A INTERPRETAÇÃO HISTÓRICA DE ORÓSIO.

Com todo esse panorama, é possível traçar um caminho coerente sobre a constituição das *Historiae adversus paganos*. Os sete livros da proposta de história universal de Orósio podem ser divididos em duas partes distintas: a primeira delas compreende os seis primeiros livros, que narram o período que vai de Adão – ou, mais precisamente, do pecado original – até o nascimento de Cristo; a segunda corresponde ao período entre a vinda de Cristo até os dias em que o próprio Orósio vivia, relatados no sétimo livro. Assim, na primeira parte dos argumentos, o autor afirma que o período anterior à Encarnação teria sido ocupado pelas desgraças, tragédias, desastres, pestes e guerras nos mais diversos locais e povos. Em contrapartida, no último volume, o autor se dedica aos anos posteriores à vinda de Cristo (com

o objetivo de demonstrar que os malefícios do período são inferiores aos de outrora, ou seja, após Cristo haveria um momento de maior felicidade) e, para isso, o presbítero recorre a eventos históricos que ele julga que corroboram as suas hipóteses.

Em resumo, a obra é escrita com a intenção de refutar as acusações feitas pelos pagãos, baseada, portanto, na seguinte lógica: as mazelas da humanidade eram maiores quando Cristo não estava no mundo. Porém, esses argumentos não devem ser encarados como um pretexto de Orósio, mas sim uma convicção da sua parte, mesmo uma manifestação de fé.

Feito isto, me debruçarei sobre o gênero historiográfico empregado por Orósio, mais especificamente a constituição de uma “história universal”. Para tanto, interessa-me saber por quais razões o autor propõe esse modelo narrativo. Antes, porém, é necessário esclarecer o que se entende por história universal dentro da tradição historiográfica greco-romana.

Para tanto, antes de definir a história universal orosiana, é substancial apresentar o gênero literário em que situa-se o nosso historiador. Partindo da leitura de Anderson Martins Esteves (2015, p. 205), o autor chama a atenção para a importância com que o historiador de textos literários antigos, deve ter ao esquadrihar os parâmetros do conceito de gênero literário, já que as obras estão relacionadas com características constituídas temporalmente. Esteves, mostra uma classificação elaborada por Martin e Gaillard⁴⁸ em que os autores apresentam quatro gêneros literários e um paraliterário, para esse trabalho interessa o denominado de: gênero narrativo.

Segundo Esteves, Martin e Gaillard afirmam que os textos antigos que configuram esse nicho, contém em si um “relato de acontecimentos que se sucedem em um determinado limite cronológico (diacronia) e que se correlacionam entre si”⁴⁹, sendo que dentre as diferentes formas deste modelo de gênero literário, que seriam epopeia, romance, fábula e história, destacamos essa última, pois é nela em que localizo a obra do presbítero hispano-romano Orósio. Mesmo que em *Histórias* o autor faça uso de epopeias como as de Homero ou passagens da Bíblia, assim o manuseio das fontes, o recorte cronológico e a intencionalidade que se volta para questões de seu tempo, aproximam-no da história e o distancia das demais formas apresentadas.

Estabelecido isso, chamo a atenção para a forma e estilo ao qual podemos observar acerca da obra de Orósio. Sobre a forma da obra orosiana, o próprio autor argumenta sobre, a

⁴⁸ Anderson Martins Esteves apresenta a classificação feita por Quintiliano (professor de retórica do século I), mas em oposto, traz para o debate a grade pensada por Martin e Gaillard com a qual Esteves vai trabalhar ao longo de seu texto, pois segundo ele, atende melhor as necessidades do historiador. *In*: ESTEVES, A. M. Os textos literários antigos e o historiador: desafios e abordagens. **Cadernos do LEPAARQ**. Pelotas-RS. ISSN 2316 8412, Vol. XII, N.º 24, 2015, p. 199-210.

⁴⁹ ESTEVES, A. M. Os textos literários antigos e o historiador: desafios e abordagens. **Cadernos do LEPAARQ**. Pelotas-RS. ISSN 2316 8412, Vol. XII, N.º 24, 2015, p. 205.

escolha da *brevitas*,

Nesses momentos, sou obrigado a confessar que a conveniência de chegar ao fim me obriga a negligenciar muitas coisas de uma variedade tão grande de males do mundo e abreviar todos eles (Oros. *Hist.* I, 12, 1).⁵⁰

No caso do presbítero a brevidade⁵¹ é uma forma elegida pelo autor por conveniência que se destaca no período do século V,. Essa formatação que Orósio escolhe para seu texto está ligada ao contexto em que o autor escreve sua obra, como nos aponta Sanchez Salor⁵², assim sendo uma decisão tomada, possivelmente atrelada aos mandos de Agostinho. No entanto, o historiador tem uma evidente preocupação que, tal forma possa descacterizar seu texto enquanto uma obra histórica, assim Orósio torna o Prólogo do Livro III em uma discussão acerca do problema da brevidade e a história.

(...) de fato, se por uma questão de brevidade eu ignorar algumas coisas, eles pensarão que eu não os conheço ou que não tiveram espaço em seu tempo; mas se, por desejo de revisar todos os fatos, embora sem detalhá-los, faço breves resumos (...) para a maioria, farei um tipo de história que não parece história. (Oros. *Hist.* III, Prol. 2-3).⁵³

No que diz respeito ao estilo da escrita do presbítero, segundo apontado por Peter Van Nuffelen (2012) e David Rohrbacher (2013, p. 152) trata-se de um modelo retórico de escrita, em especial para esse último, que para ele Orósio seria um típico escritor retórico da antiguidade tardia (ROHRBACHER, 2013, p. 138). Já para Van Nuffelen em seu livro *Orosius and the Rhetoric of History* (como já tratamos anteriormente), o autor de *Historias* faz da retórica ao longo de toda a sua obra, para tanto é sob este escopo com que o presente trabalho opera.

No início de sua obra, Orósio tenciona apresentar uma história universal, desde a figura de Adão⁵⁴ até a época em que ele próprio vivia. Ou seja, sua ideia consiste em finalizar o seu relato com os acontecimentos pertinentes ao momento em que escrevia, sendo então que o ponto final do texto (o “tempo da narrativa”) se confunde com o “tempo a partir do qual se narra”⁵⁵, característica que pode ser notada ao longo da obra. Por sua vez, ela não se resume a uma

⁵⁰ En estos momentos yo, por mi parte, me veo obligado a confesar que la conveniencia de llegar hasta el final me obliga a pasar por alto muchas cosas de entre tan gran variedad de males del mundo y a abreviarlas todas. (Oros. *Hist.* I, 12, 1).

⁵¹ Essa característica da obra orosiana será evidenciada ao longo deste trabalho, pois constitui elemento essencial para comparação entre os eventos que Orósio elege para apresentar suas teses acerca do Cristianismo frente ao debate contra o Paganismo.

⁵² SÁNCHEZ SALOR, E. Orosio. *Historias. Libros I-IV y V-VII*, traducción y notas. Madrid: Gredos. 1982. 2 vols. p. 53-54.

⁵³ (...) efectivamente, si en aras de la brevedad paso por alto algunas cosas, pensarán o bien que yo las desconozco, o bien que no tuvieron lugar en su época; pero si, por deseo de reseñar todos los hechos, aunque sin detallarlos, hago breves resúmenes, lo haré todo oscuro y, para la mayoría, haré un tipo de historia que no parece historia. (Oros. *Hist.* III, Prol. 2-3).

⁵⁴ Oros. *Hist.* I. 1, 5.

⁵⁵ Oros. *Hist.* I. 1, 14.

simples explanação dos acontecimentos da humanidade dentro deste recorte temporal; na verdade, sua proposta universalista acaba por se confundir, em grande medida, com a história de Roma e, para além disso, a obra se desenvolve de tal modo que a perspectiva cristã perpassa toda a construção narrativa. Assim, ao elaborar sua história universal, Orósio a justapôs à história romana a fim de justificar a existência do Império de Roma e também do cristianismo. Ao falarmos da proposta de história universal de Orósio, a faço sob a mesma perspectiva de Van Nuffelen, cuja premissa de universalidade é propositalmente de cunho retórico, já que a importância se desdobra em uma construção religiosa da história romana e de Roma⁵⁶. Assim sendo, a proposta orosiana se diferencia da tradicional perspectiva do passado romano, como formulada, por exemplo, pela elite senatorial ligada à cidade de Roma (VAN NUFFELEN, 2012).

Por sua vez, vamos assinalar como se estrutura a obra. A estrutura das *Histórias* em sete livros nos permite, segundo Pedro Martinez Caveró (2002), chegar à seguinte divisão:

- 1) O Livro I abrange desde o nascimento de Adão até a fundação de Roma;
- 2) Do Livro II ao VI, Orósio trata da fundação de Roma até o principado de Augusto e o nascimento de Cristo;
- 3) Finalmente, o Livro VII se dedica inteiramente ao Império romano, do reinado de Augusto até cerca de 418, os dias de fechamento da obra orosiana.

Tal divisão vai impactar na cronologia presente nestes livros, de tal forma que o Livro I abarca 4.447 anos de história, enquanto do Livro II ao VI se contabilizam 752 e, por fim, o Livro VII abarca 419 anos. Entendo, portanto, que a universalidade se apresenta tanto temporal como espacialmente⁵⁷.

Ao analisarmos essa divisão do texto, de imediato notamos o papel central que se destina à Roma na obra, levando-nos a suscitar alguns questionamentos acerca do motivo de se elaborar uma história universal cujo foco, porém, recai sobre Roma. Afinal, por que Orósio teria procedido dessa maneira?

Orósio, ao traçar a primeira baliza temporal, indica qual era seu ponto de partida: “eu decidi contar o começo das desgraças humanas partindo do primeiro pecado humano” (Oros.

⁵⁶ Tendo em vista que a história de Roma se restringe à história da cidade de Roma, enquanto que a história romana não se restringe apenas à cidade, mas ao processo de expansão imperialista dela, a qual engloba os povos dominados por esta. A “história de Roma” pode ser pensada, em sentido estrito, como a história da *cidade de Roma*, da *Vrbs Aeterna*. A história romana abrange a história da civilização romana como um todo.

⁵⁷ Além de abarcar uma longa cronologia, Orósio apresenta, como manda a tradição historiográfica latina, elementos da geografia, falando do mundo conhecido. Isso vai possibilitar ao autor algumas comparações entre Oriente (Babilônia) e Ocidente (Roma), além de situar geograficamente os quatro *regna*.

Hist. I. 1, 5)⁵⁸, ou seja, desde Adão e, finaliza a obra até os seus dias, fazendo referência ao rei *godo Valia*, ao escrever que

E é que sabemos por constantes e seguras notícias que hoje em dia existem guerras na Hispânia entre seus povos e que acontecem matanças em ambos os lados dos bárbaros; dizem, também, estas notícias, que é principalmente o rei *godo, Valia*, quem insiste em conseguir a paz (*Oros. Hist. VII. 43, 15*).⁵⁹

No entanto, podemos afirmar que as *Histórias* correspondem, de fato, a uma obra de história universal? Afirmo que sim, visto que a universalidade proposta por Orósio pode ser percebida no que se refere ao recorte temporal ou à cronologia empregada – questão que abordarei adiante. O segundo aspecto trata de uma questão geográfica, que o autor demonstra no Livro I ao fazer uma apresentação da geografia da África, Ásia e Europa, buscando abarcar, até o momento de sua escrita, todo o mundo conhecido que será o palco do desenrolar de sua narrativa. Por fim, acrescento que o autor se preocupou em abordar “*todo el género humano*” (*Oros. Hist. I, 3, 5*)⁶⁰ como sujeito presente em sua obra, narrando acontecimentos relativos a diferentes povos, em um sentido diacrônico. Isso se vê, por exemplo, no Livro I, quando o autor faz menção a diferentes povos:

Este período de fome deu lugar, nos tempos do rei dos egípcios diopolitas, cujo nome era Amosis, na mesma época que Baleo era rei dos assírios e Apis dos argivos. Houve, porém, antes dos sete anos de fome, outros sete de grande abundância, cujos frutos, destinados primeiramente a perder-se, tão negligenciados quanto abundantemente haviam nascido; soube recolhê-los e armazená-los com sabedoria nosso José, e, desta forma, salvou todo o Egito (*Oros. Hist. I, 8, 10*).⁶¹

No ano 30 antes da fundação de Roma, estourou uma dura guerra entre os peloponesianos e atenienses que lutavam com todas as suas forças e interesses; nela, se viram obrigados, devido às respectivas perdas, a retirarem-se do conflito e, como se ambos tivessem perdido, a abandonar a

⁵⁸ “yo he decidido contar el comienzo de las desgracias humanas partiendo del primer pecado humano” (*Oros. Hist. I. 1, 5*).

⁵⁹ Y es que sabemos por frecuentes y seguras noticias que hoy día hay guerras en Hispania entre sus pueblos y que se producen matanzas por uno y otro bando de los bárbaros; dicen también estas noticias que es sobre todo el rey *godo Valia* el que insiste en conseguir la paz (*Oros. Hist. VII. 43, 15*).

⁶⁰ Ver MARTINEZ CAVERO, P. Orósio Historiador “adversus paganos. **Antigüedad y cristianismo**: Monografías históricas sobre la Antigüedad tardía, ISSN 0214-7165, N.º 19, 2002 (Ejemplar dedicado a: El pensamiento histórico y antropológico de Orósio), p. 199 e 200. Segundo o autor, na definição de “género humano” como equivalente à toda a humanidade, há uma preocupação de Orósio em esclarecer que não se trata de uma divisão do paganismo ou cristianismo ou entre bárbaro ou romano/civilizado.

⁶¹ Este período de hambre tuvo lugar en tiempos del rey de los egipcios Diopolita, cuyo nombre era Amosis, en la misma época en que Baleo era rey de los asirios y Apis de los argivos. Hubo, sin embargo, antes de los siete años de hambre, otros siete de gran abundancia, cuyos frutos, destinados en principio a perderse tan negligentemente como abundantemente habían nacido, supo recogerlos y almacenarlos con sabiduría nuestro José; y de esta forma salvó a todo Egipto (*Oros. Hist. I, 8, 10*).

luta (Oros. *Hist.* I, 21, 1).⁶²

Apesar de trazer os relatos sobre acontecimentos de outros povos, não relacionados diretamente com Roma, a fundação da cidade de Roma prevalece como uma das balizas temporais. Assim, temos a formulação de uma “história universal” muito enviesada, ou melhor, muito particular, ao ponto de que a trama narrativa logo desemboca em Roma, sendo que o Livro II é iniciado justamente com a fundação da cidade⁶³ Nesse caso, destaque-se que a obra se torna, assim, uma história “total” de Roma, do início ao fim.

Porém, quando Orósio inicia a narrativa sobre a história romana, se mantém as menções a outros povos, reforçando a ideia de história universal; nesse caso, essa construção assume uma faceta sincrônica, ou seja, para uma mesma época, são apresentados na obra tanto os eventos sobre os romanos quanto os gregos, por exemplo⁶⁴, mesmo que a essa altura, esses povos não mantivessem contato entre si. Logo, esses eventos não fazem parte da história de Roma, o que indica que ele aborda a história de vários povos de modo sincrônico. Em suma, uma história universal, cujo foco é político, sem dúvida.

Retornemos a Peter Van Nuffelen (2012), que nos chama a atenção para algumas características que se notam na obra. A partir do emprego de um recorte temporal e do uso de generalizações, Orósio mais uma vez se apresenta enquanto historiador. Por sua vez, no âmbito da universalidade de sua obra, as argumentações para sustentar tal premissa tomam ares de parcialidade, ou seja, sua obra não se atém a essa característica de amplitude. Se por um lado podemos perceber o caráter abrangente das *Histórias*, por outro, é observável a preocupação com a história de Roma dentro da cronologia estabelecida, alterando a *teoria dos quatro reinos*

⁶² En el año 30 antes de la fundación de Roma, se entabló una dura guerra entre peloponesios y atenienses que luchaban con todas sus fuerzas e interés; en la misma se vieron obligados, a causa de las respectivas pérdidas, a retirarse ambos del conflicto y, como si unos y otros hubiesen sido vencidos, a abandonar la lucha (Oros. *Hist.* I, 21, 1).

⁶³ Oros. *Hist.* II, 4, 1 “En el año 414 después de la caída de Troya y en la sexta de las olimpiadas, las cuales suelen celebrarse en la ciudad griega de Élide con luchas y juegos al quinto año después de la anterior, es decir, dejando cuatro años entre una y otra, fue construida en Italia la ciudad de Roma por dos fundadores, Rómulo y Remo” (No ano de 414 depois da queda de Troia e na sexta depois das olimpiadas, as quais costumam ser celebradas na cidade grega de Élide com lutas e jogos de cinco anos após a anterior, ou seja, de quatro em quatro anos, foi construída na Itália a cidade de Roma por dois fundadores: Rômulo e Remo.)

⁶⁴ Oros. *Hist.* II, 16, 1 “En Atenas por su parte, aunque la ciudad llevaba ya mucho tiempo turbada por luchas internas, se transfiere ahora, ante el peligro inminente, todo el poder al senado de acuerdo con la voluntad del pueblo. Y es que las luchas intestinas engordan con el ocio, pero, cuando la necesidad obliga, se delibera en favor de la comunidad, posponiéndose los intereses y los odios privados” (Em Atenas, por sua vez, ainda que a cidade já há muito tempo estivesse tomada por lutas internas, transfere-se, agora, perante o perigo iminente, todo seu poder ao senado de acordo com a vontade do povo. É que as lutas internas estimulam o ócio, mas, quando a necessidade obriga, delibera-se a favor da comunidade, adiando-se os interesses e as rixas privadas), podemos também aprofundar essa questão apontando para o comparativo entre Alexandre e os romanos, apesar de ambos não terem tido contado durante o domínio dos macedônicos sobre parte do mundo conhecido (por exemplo, Oros. *Hist.* III, 20, 12-13). Sobre essa questão veremos nos comparativos lançados neste Capítulo e no Capítulo 3.

em um formato que privilegie o último deles, o romano.

Como já aponte, o uso de variadas fontes buscava sustentar a dimensão de universalidade da obra. Mas não é, apenas, a escolha e a variedade das fontes que determinam a qualidade de história universal: afinal, “quem poderia dizer tudo o que realmente ocorreu?” (MOMIGLIANO, 1996, p. 56)⁶⁵. Tal pergunta, lançada por Arnaldo Momigliano, remete-nos a pensar sobre a possibilidade de relatar toda a história do princípio ao fim, pretensão que, segundo ele, configurou um dos maiores problemas, herdado por nós, a partir da historiografia grega e judaica.

Por exemplo, em Hesíodo (*Os trabalhos e os dias*) encontramos o esquema mais antigo de sucessão das idades e das raças, associadas a diferentes metais (ouro, prata, bronze e ferro). Tal caracterização foi utilizada e ressignificada posteriormente por diferentes escritores do mundo greco-romano de modos distintos; por exemplo, ao contrário de Orósio, o poeta Claudiano retratou Estilicão como sendo o homem responsável por devolver Roma à Idade de Ouro.

Outro esquema proposto por Momigliano (1996) é o biológico, ou seja, a humanidade, e mais especificamente, as nações passariam pela infância, juventude, maturidade e velhice. Esse aspecto marginal da história universal teve espaço na obra de Floro que, por exemplo, relacionava a história romana com as etapas biológicas. Mesmo Tácito e Amiano Marcelino apresentaram a perspectiva de uma Roma envelhecida frente aos jovens inimigos que pressionavam as fronteiras. Já sob um viés cristão, a comparação é feita por Tertuliano, na qual a história judaico-cristã estaria associada com a sucessão das etapas biológicas, enquanto que Agostinho de Hipona, ao escrever sobre o Saque de Roma em 410, aponta para a senescência do mundo, em que o que parece velho na Cidade dos Homens pode ser a juventude na Cidade de Deus.

O último dos esquemas se relaciona com a noção do progresso do conhecimento da humanidade, da barbárie até a civilização. No entanto, as obras que tratam desse tipo de desenvolvimento pouco chegaram até nós, especialmente porque havia uma seleção de gregos e romanos tardios com relação aos textos dos séculos V e IV a.C.

Sob diferentes perspectivas, esses esquemas, ainda ligados a uma explicação mística ou filosófica, tocavam ao longe as fronteiras da história universal e pouco contribuíram para a construção desse gênero literário. Para Arnaldo Momigliano (1996), “os historiadores gregos e

⁶⁵ In: MOMIGLIANO, A. **De paganos, judíos y cristianos**. Tradução Stella Mastrangelo. México D.F. Fondo de Cultura Económica. 1996. Pg. 56.

latinos viam como um tema natural de suas investigações os acontecimentos políticos e militares”⁶⁶. Desse modo, seria certo pensar que, se a história universal se ocupasse de algo, seria da história política, tendo como exemplo Políbio (no entanto, ele não é o primeiro a elaborar tal esquema).

O entrelaçamento existente entre a proposta de história universal e a esfera política, enquanto objeto de estudo, resultou na teoria da sucessão dos impérios. Essa visão histórica se baseava na noção de que os grandes impérios entrariam em declínio e seriam substituídos por outros. Assim, tal teoria foi utilizada como explicação para a sucessão dos impérios dos Assírios, Medos, Persas e Macedônico, por exemplo. E essa ideia de sucessão dos impérios se consolidou em um modelo para o gênero da história universal. Segundo Momigliano (1996), esses elementos poderiam ser remetidos à tradição escrita helenística, aos textos de Heródoto, Ctésias, Demétrio de Falero e Políbio, tornando-se um modelo explicativo de uma visão histórica de caráter político.

No entanto, não havia consenso entre os historiadores sobre a ordem dos impérios que compunham tal sucessão. Aponto que, conforme a época e o local de cada historiador, as sucessões se alteravam para atender determinada demanda, como é o caso do galo-romanizado Pompeu Trogo que, no século I a.C., apresentava a seguinte ordem: Assírios, Medos, Persas, Macedônicos e a disputa entre Roma e os Partos.

Na tradição judaica, a teoria das sucessões dos impérios está presente no Livro de Daniel, mais especificamente no segundo capítulo, quando Daniel interpreta os sonhos do rei babilônico Nabucodonosor. O sonho fazia referência a uma estátua cuja cabeça é de ouro, peito e braços de prata, ventre de bronze, pernas de ferro e os pés de barro misturado com ferro; o relato bíblico diz que a estátua é atingida por uma pedra vinda do céu. Mais tarde os materiais foram substituídos pelos impérios, fazendo referência aos impérios Babilônico, Medo, Persa e Macedônico.

Retornemos a Orósio. O historiador hispano-romano não rompe com a tradição historiográfica clássica, ou seja, ele não escapa ao modelo de sucessão dos impérios para a construção da sua perspectiva de história universal; pelo contrário, ele a reforça, ao construir sua própria interpretação sobre as sucessões. Para ele, os impérios se sucederam na seguinte ordem: Babilônia, Macedônia, Cartago e Roma. Mas, ao mesmo tempo em que Orósio insere essa continuidade, há também rompimento de sua parte, ao lançar uma visão romana e cristã para a construção de sua história universal, aplicando a ela um viés apologético e providencialista, pois, segundo nosso autor, seria através do Império Romano que se

⁶⁶ “los historiadores griegos y latinos veían como tema natural de sus investigaciones los acontecimientos políticos y militares”.

estabeleceria o Reino de Deus (*Regnum Dei*) na Terra. É sobre essa perspectiva que tratarei a partir de agora.

A história universal proposta por Orósio objetiva abarcar uma perspectiva diferenciada sobre a doutrina dos Quatro Impérios, distinguindo-se, como visto no parágrafo anterior, de outras abordagens que contemplam essa teoria⁶⁷. Deste modo, destaca Pedro Martinez Caveró que

Podemos dizer que os quatro primeiros livros contêm uma miscelânea da história dos quatro reinos universais (...) e que, a partir do livro V, Orósio se ocupa unicamente da história de Roma. Neste esquema, é necessário especificar a especial diferença do livro VII, o qual trata da história do Império Romano estritamente, pois nos anteriores, discorreu sobre a Roma pré-imperial (CAVERO, 2002, p. 167).⁶⁸

A atenção de Orósio se volta para Roma. Quando fala dos outros povos, o faz em grande medida porque seus feitos, em alguma medida, estão ligados aos dos romanos, ou acredita-se estarem ligados ou podem ser relacionados. Portanto, temos uma história universal, mas que designa Roma como ponto de referência. Essa premissa se justifica e pode ser verificada em diversas passagens da obra do presbítero, como é o caso englobando a queda de Sodoma e Gomorra, os levantes das Amazonas e o povo *geta*, que são comparados com eventos ocorridos em Roma, mais especificamente, o Saque de 410, tal como assinalo abaixo:

Então agora, se desejarem, aqueles que escarram aquilo que têm contra Cristo, quem nós apresentamos como juiz de todos os séculos, diferenciem entre Sodoma e Roma e comparem seus castigos; castigos que não devem ser tratados por mim, porque todo mundo os conhece (Oros. *Hist.* I, 6, 1-2).⁶⁹

Ó angustia! Dá vergonha a loucura dos homens! Algumas mulheres, fugidas de sua pátria, entraram, roubaram, destruíram e se apoderaram (arrasando quase durante cem anos muitas cidades e construindo outras) da Europa e da Ásia, ou seja, das maiores e mais poderosas partes do mundo! E, no entanto, a aflição dos tempos não é sempre atribuível às misérias humanas. De fato, faz pouco tempo, os Getas, que agora se chamam godos, dos quais Alexandre disse que tinha que se defender, diante dos quais Pirro se assustou e a quem

⁶⁷ Justino é uma das fontes de Orósio e dá base para os argumentos de nosso autor. Mas, para além de Justino, temos Pompeu Trogo, cuja proposta de universalidade acaba com o ideário de Roma Eterna; no entanto, Orósio refuta Trogo ao afirmar que Roma não vai cair porque é querida por Deus. Essa perspectiva é abordada por Pedro Martinez Caveró, fazendo uma construção mais detalhada sobre a Teoria dos Quatro Impérios. Nessa mesma perspectiva, temos a produção de Diego Martinez Schneider, focando na teoria estabelecida por Orósio. (CAVERO, 2002; SCHNEIDER, 2014).

⁶⁸ (...) podemos decir que los cuatro primeros libros contienen una miscelánea de la historia de los cuatro reinos universales (...) y que, a partir del libro V, Orosio se ocupa únicamente de la historia de Roma. En este esquema, habría que precisar la especial diferencia del libro VII, que trata de la historia del Imperio romano sensu stricto, pues en los anteriores se ha ocupado de la Roma preimperial (CAVERO, 2002, p. 167).

⁶⁹ (...) Así pues, ahora, si les place, que aquellos que lanzan todos los esputos que llevan dentro contra Cristo, al que nosotros presentamos como juez de los siglos, hagan diferencias entre Sodoma y Roma y comparen sus castigos; castigos que no deben ser tratados por mí, porque todo el mundo los conoce (Oros. *Hist.* I, 6, 1-2).

inclusive César evitou, após abandonar e deixar vazios seus territórios e recursos, apesar de que invadiram, todos eles, as províncias romanas e se apresentaram como terríveis durante muito tempo, esperam agora, suplicantes, fazer um pacto com Roma, o qual podiam fazer com suas armas; e pedem – eles, que tiveram a possibilidade de tomar as terras que quisessem e ter a sua disposição o mundo todo – um território de pouca extensão, não a sua escolha, mas a nossa; e se oferecem, diante de cuja presença temeram reinos invictos, para defender o Império Romano (Oros. *Hist.* I, 16, 1).⁷⁰

No primeiro caso, Orósio lança mão de um comparativo baseado na literatura religiosa, para relacionar os eventos de Sodoma e Roma. Em sua leitura, é possível visualizar o cuidado em chamar a atenção para os acontecimentos enquanto castigos divinos impostos àqueles que blasfemam contra o deus cristão. Não obstante, aprofundando mais os detalhes que esse recorte permite, entendo também Orósio parte do pressuposto de que os castigos sofridos por Sodoma e Gomorra é fato de conhecimento comum do mundo romano, o que significa dizer que ele toma por alvo um público que professa o cristianismo, pois somente tais leitores/ouvintes estavam familiarizados com a narrativa bíblica sobre o episódio. Isto reforça o caráter retórico da dimensão universalizante da obra.

Vale ainda ressaltar que o presbítero hispano-romano traz Sodoma como exemplo para minimizar o saque de Roma. Ora, potencialmente quem compreenderia a comparação seriam os cristãos, o que, em nossa hipótese, significa dizer que, embora se trate de uma narrativa *adversus paganos*, o autor polemiza pontualmente com outros cristãos. Portanto, é possível encontrar outras “vozes cristãs” no texto, em relação às quais ele parece se opor.

Já no segundo trecho, mais uma vez, notamos a preocupação em relacionar os eventos ligados ao Saque de 410 com o restante da narrativa. Aqui, o presbítero constitui uma relação entre o povo *geta* e os *godos*, valorando os feitos dos últimos para então remeter o leitor ao tempo presente, anunciando que aqueles povos antes tão temidos pediam, então, para defender o Império romano.

Continuando na lógica relacional entre os eventos, no que diz respeito a sua construção de uma história universal baseada na teoria dos quatro impérios, Orósio traça uma narrativa em

⁷⁰ ¡Oh tribulación! ¡Da vergüenza la locura de los hombres! ¡Unas mujeres, escapadas de su patria, entraron, recorrieron, destruyeron y se apoderaron (arrasando casi durante cien años muchas ciudades y construyendo otras) de Europa y Asia, es decir, de las más grandes y poderosas partes del mundo! Y, sin embargo, la aflicción de los tiempos no es siempre imputable a las miserias humanas. Efectivamente, hace poco, los Getas, que ahora se llaman godos de los que Alejandro dijo que había que guardarse, ante los que Pirro se aterrorizó y a los que incluso César rehuyó, tras abandonar y dejar vacíos sus territorios y sus recursos todos, a pesar de que han invadido, todos ellos, las provincias romanas y se han presentado como temibles durante mucho tiempo, esperan ahora suplicantes hacer con Roma un pacto que podían haber conseguido con sus armas; y piden – ellos, que tuvieron la posibilidad de tomar la tierra que les hubiese venido en gana tras someter y tener a su disposición a todo el mundo – un territorio de pequeña extensión, no a elegir por ellos sino según nuestro criterio; y se ofrecen, ellos, ante cuya presencia sólo, han tenido miedo reinos invictos, para defender el imperio romano (Oros. *Hist.* I, 16, 1).

que busca evidenciar que Babilônia seria uma efetiva predecessora de Roma, enquanto Macedônia e Cartago são apenas tutores da *potestas* até que Roma atinja a “idade adulta”⁷¹. Para o presbítero, apenas Babilônia e Roma podem ser considerados reinos universais⁷², um no leste e outro no oeste, respectivamente. Ao longo da obra, essa premissa pode ser vislumbrada em diferentes passagens, como forma de sincronismo providencial.

Retornemos, mais uma vez, ao texto de Martínez Caveró (2002) com a intenção de identificar outra característica da obra de Orósio, a denominada *Augustustheologie*⁷³. Segundo o pesquisador, vários autores cristãos traçaram um paralelismo entre o nascimento de Cristo (fundador da Igreja) e o início do principado de Augusto (fundador do Império Romano). No entanto, em Orósio, a coincidência cronológica entre o cristianismo e o Império Romano reforça a relação providencialista das duas partes⁷⁴. Podemos identificar essa noção no trecho a seguir:

Naquela época, especificamente no ano em que César conseguiu estabelecer, por disposição de Deus, uma paz estável e autêntica, nasce Cristo; essa paz teve como objetivo favorecer a vinda de Cristo, em cujo nascimento os anjos fizeram ouvir seu canto de júbilo: “Glória a Deus nas alturas e na Terra, paz aos homens de boa vontade” (Oros. *Hist.* VI, 22, 5).⁷⁵

Na construção narrativa elaborada pelo historiador hispano-romano, a ascensão ao poder imperial por parte de Otávio Augusto, responsável pela *pax romana*, teria sido providencialmente elaborada para poder comportar a vinda de Cristo à Terra. Não obstante, há mais elementos do que a paz para atender as justificativas de Orósio acerca da união entre o cristianismo e o Império Romano. Deterei-me sobre dois deles: o primeiro se refere a uma

⁷¹ Oros. *Hist.* II, 1, 4-5. E. Sánchez Salor también apunta para a transição da *potestas* de Babilônia a Roma. (SÁNCHEZ SALOR, E. Orosio. **Historias**. Madrid: Gredos. 1982. p. 39)

⁷² Aquí nos orientamos através da perspectiva abordada por Pedro Martínez Caveró. Ver: MARTINEZ CAVERO, P. Orosio Historiador “adversus paganos. **Antigüedad y cristianismo**: Monografías históricas sobre la Antigüedad tardía, ISSN 0214-7165, N.º 19, 2002 (Ejemplar dedicado a: El pensamiento histórico y antropológico de Orosio), p. 193.

⁷³ MARTINEZ CAVERO, P. Orosio Historiador “adversus paganos. **Antigüedad y cristianismo**: Monografías históricas sobre la Antigüedad tardía, ISSN 0214-7165, N.º 19, 2002 (Ejemplar dedicado a: El pensamiento histórico y antropológico de Orosio), p. 212.

⁷⁴ En aquella época, pues, concretamente en el año en que César consiguió establecer, por disposición de Dios, una paz estable y auténtica, nace Cristo; esa paz tuvo por objeto favorecer la venida de Cristo, en cuyo nacimiento los ángeles hicieron oír a los hombres su canto de júbilo: «Gloria a Dios en las alturas y en la tierra paz a los hombres de buena voluntad» (Oros. *Hist.* VI, 22, 5).

⁷⁵ En el año 725 de la fundación de la ciudad, siendo cónsules el propio emperador César Augusto por quinta vez y Lucio Apuleyo, en su vuelta triunfal desde Oriente, César entró en la ciudad el día seis de enero celebrando un triple triunfo; y entonces, por primera vez, él mismo cerró las puertas del templo de Jano una vez desaparecidas y terminadas las guerras civiles. Este fue el primer día en que fue aclamado como «Augusto»; este importante título, que nadie antes había ostentado e inaccesible hasta ahora para los líderes, manifiesta que el dominio absoluto sobre el universo mundo había sido asumido legítimamente, y, desde ese mismo día, el dominio del estado y del poder empezó a estar y permaneció en manos de una sola persona: a esto los griegos lo llaman monarquía (Oros. *Hist.* VI, 20, 1.).

espécie de “cristianização” de Augusto e sua subsequente negação do título de *dominus* (dentro da ótica da *Augustustheologie*); o segundo assegura que, ao nascer, Cristo havia se tornado cidadão romano. Assim, levo em conta que, no entender de Orósio, o Império romano e Augusto são universais, ou seja, a história universal de Orósio se desdobra na universalidade do Império e no fundador do mesmo.

Para Pedro Martinez Caveró, o autor das *Histórias* atribuiu um caráter sacralizado ao título de Augusto, dotando, portanto, o imperador de um caráter sobrehumano; concomitante a isso, o presbítero buscou traçar, através de prodígios, outros paralelismos com a figura de Augusto. Nesse sentido, ressalto que, para Orósio, é um acontecimento de grandes proporções para a sua proposta de História Universal e sua formulação providencial do Império Romano:

No ano de 725 da fundação da cidade, sendo o cônsul o próprio imperador César Augusto pela quinta vez e Lucio Apuleio; na sua volta triunfal do Oriente, César entrou na cidade o dia seis de janeiro celebrando um triplo triunfo; e, pela primeira vez, ele fechou as portas do templo de Jano, uma vez desaparecidas e terminadas as guerras civis. Este foi o primeiro dia que foi aclamado como “Augusto”; este importante título, que ninguém antes havia ostentado e inacessível, até agora, para os líderes; manifesta que o domínio absoluto sobre o universo mundial havia sido assumido legitimamente e, a partir deste mesmo dia, o domínio do estado e do poder começou a estar e permaneceu na mão de apenas uma pessoa: a isso os gregos chamam de monarquia. (Oros. *Hist.* VI, 20, 1.).⁷⁶

Porém, Orósio não se limita a essas relações. Há outros elementos que corroboram com a tese da *Augustustheologie*; porém, o que interessa é ressaltar que os fatos que foram selecionados por Orósio em sua obra não se devem ao acaso, mas são os argumentos que compõem a sua perspectiva providencialista. Assim, como o trecho anterior mostra, a nomeação de Otávio como *Augustus* seria um deles, bem como, por exemplo, a noção de unidade imperial, as conquistas e triunfos de Otávio Augusto, a *pax romana* e o fechamento das portas do templo de Jano, a rejeição do título de *dominus* e, por fim, a epifania de Cristo em seis de janeiro de 29 a.C.

Todos esses elementos visam corroborar para um único sentido: uma teologia orosiana sobre o Império Romano que, por sua vez, tem como intuito estar a serviço do cristianismo. Segundo Martinez Caveró (2002, p. 233-234), Orósio fundou “historicamente o estado predestinado teologicamente para receber o nascimento do Salvador”⁷⁷ e reafirma que a

⁷⁶ MARTINEZ CAVERO, P. Orosio Historiador “adversus paganos. **Antigüedad y cristianismo**: Monografías históricas sobre la Antigüedad tardía, ISSN 0214-7165, N.º 19, 2002 (Ejemplar dedicado a: El pensamiento histórico y antropológico de Orosio), p. 213.

⁷⁷ MARTINEZ CAVERO, P. Orosio Historiador “adversus paganos. **Antigüedad y cristianismo**: Monografías

perspectiva do acontecimento histórico não é de viés político, mas sim religioso.

Nos debrucemos, pois, sobre o conteúdo central de nossa hipótese, isto é, a proposta de que a universalidade orosiana se desdobra na formação do Império Romano. Como já destacado anteriormente, Orósio apresenta-nos três perspectivas: a universalidade cronológica (de Adão até o seu tempo), a narrativa dos fatos que envolvem diferentes povos e que são passíveis de relação com os acontecimentos da História Romana e, por fim, abarcar a história de todo o gênero humano que até o ponto final de sua obra, que se confunde com o momento em que o historiador vivia sob, é claro, a tutela do Império.

O prevalecimento da narrativa de Orósio em favor do Império Romano vai ao encontro da análise feita por Hervé Inglebert (2002) sobre a tradição historiográfica romana⁷⁸. Atentemos ao apontamento feito por Inglebert no que diz respeito a sua definição de uma “romanidade *orbicêntrica*”. Segundo ele, essa perspectiva se baseia sobre um ponto de vista comum às províncias ocidentais de língua latina, fundamentada na expansão do direito de cidadania romana no decorrer da era imperial e de pertencimento ao *orbis Romanum*. Em Orósio, essa noção de pertencimento ao Império – devido a fatores jurídicos – se soma a outras características do momento de sua escrita, usando a si próprio como exemplo:

Em outra época, quando as guerras fervilhavam por todas as partes, cada província tinha seus reis, suas leis e seus costumes; não havia comunidade de sentimentos onde havia diversidade de poderes. Em suma, o que poderia unir finalmente povos distantes entre si e os bárbaros, os quais, educados em ritos sagrados diferentes, separavam, inclusive, a religião? (Oros. *Hist.* V, 1, 14).⁷⁹

Eu, contudo, aproveito para fugir ao primeiro sinal de uma situação turbulenta, seja ela do tipo que for, e a aproveito porque tenho certeza de encontrar um lugar para me esconder, tenho em qualquer local de minha pátria, minha lei e minha religião. Agora a África me recebeu tão amavelmente como eu me aproximei dela com confiança; agora, repito, esta África me recebeu em sua simples tranquilidade, em seu próprio seio, em sua justiça que é de todos. [...] O distante Oriente, o abundante Norte, o vasto Sul e os amplos e seguros lugares das grandes ilhas me pertencem em virtudes e direitos e do nome, porque me aproximo como romano e cristão daqueles que são cristãos e romanos. Não tenho medo dos deuses de meu anfitrião, não tenho medo de

históricas sobre la Antigüedad tardía, ISSN 0214-7165, N.º 19, 2002 (Ejemplar dedicado a: El pensamiento histórico y antropológico de Orosio), p. 233-234: “Se fundaba así históricamente el estado predestinado teológicamente para recibir el nacimiento del Salvador” (Fundava-se assim, historicamente o estado predestinado tecnologicamente para receber o nascimento do Salvador).

⁷⁸ INGLEBERT, Hervé. Citoyenneté romaine, romanités et identités romaines sous l'Empire. In: INGLEBERT, Hervé (ed.). **Idéologies et valeurs civiques dans le monde romain**. Hommage à Claude Lepelley. Nanterre: Picard. 2002. p. 241-260.

⁷⁹ En otro tiempo, cuando las guerras hervían por todas partes, cada provincia tenía sus reyes, sus leyes y sus costumbres; y no había comunidad de sentimientos donde había diversidad de poderes. En definitiva, ¿qué podría unir en último extremo a pueblos alejados entre sí y bárbaros, a los cuales, educados en distintos ritos sagrados, los separaba incluso la religión? (Oros. *Hist.* V, 1, 14).

que sua religião seja minha morte. (Oros. *Hist.* V, 2, 1-5).⁸⁰

Notemos que o presbítero, ao sair da Hispânia em direção à África, pôde gozar dos direitos de cidadão romano em outra região que pertencia ao Império Romano. Não obstante, essa abrangência geográfica das fronteiras romanas permite não só a unidade política, mas, também, sob a ótica de Orósio, a unidade religiosa.

Entendo que o nascimento de Cristo no Império Romano é o ápice da narrativa universalista de Orósio, de forma que os seis primeiros livros das *Histórias* dão o contexto no qual se construiu o Império que possibilitará que a religião cristã se espalhe pelo mundo conhecido pelo autor. Assim, o elemento que cimenta a união do Império e do Cristianismo sob a ótica de Orósio é que Cristo nasce como cidadão romano, algo que, como vimos, se relaciona com o caráter providencialista atribuído ao principado de Augusto, como vislumbrado na seguinte passagem:

E aquele em quem confluíram as ordens supremas de todas as coisas, não consentiu, ou melhor, não teve a ousadia de permitir que o chamassem “Senhor dos homens” na mesma época em que nasceu entre os homens o verdadeiro Senhor de todos os seres humanos. Também, neste mesmo ano em que o próprio Deus de dignou a mostrar-se e ser como homem, o mesmo César, a quem Deus tinha predestinado para estes tão grandes mistérios, ordenou pela primeira vez que se fizesse um censo de todas as províncias e todas as pessoas. Nesta época, pois, nasceu Cristo e, imediatamente depois de nascer, foi inscrito no censo romano. Esta é a primeira e mais famosa declaração que selou, com a realização dessa inscrição, a César como senhor universal e aos romanos como donos do mundo individual e coletivamente considerados; com essa inscrição, aquele que havia criado todos os homens, queria ser conhecido como homem e se fazer contar entre os homens (Oros. *Hist.* VI, 22, 6-7).⁸¹

⁸⁰ Yo, sin embargo, que aprovecho para huir la primera perturbación de una situación turbulenta, sea ésta del tipo que sea, y la aprovecho porque estoy totalmente seguro de encontrar un lugar de refugio, tengo en cualquier sitio mi patria, mi ley y mi religión. Ahora concretamente África me ha recibido tan amablemente como confiadamente yo me he acercado a ella; ahora, repito, esta África me ha recibido en su sencilla tranquilidad, en su propio seno, en su justicia que es de todos [...]. El ancho Oriente, el abundante Norte, el vasto Sur y los amplios y seguros lugares de las grandes islas me pertenecen en virtud del derecho y del nombre, porque me acerco, como romano y cristiano, a ellos que son cristianos y romanos. No tengo miedo a los dioses de mi anfitrión, no tengo miedo de que su religión sea mi muerte. (Oros. *Hist.* V, 2, 1-5)

⁸¹ Y aquél, en el cual había confluído el mando supremo de todas las cosas, no consintió, es más no tuvo la osadía de dejar que le llamaran «Señor de los hombres» en la misma época en que nació entre los hombres el verdadero Señor de todo el género humano. Y también en ese mismo año en que el propio Dios se dignó mostrarse y ser como hombre, el mismo César, a quien Dios había predestinado para estos tan grandes misterios, ordenó entonces por primera vez que se hiciera un censo de todas y cada una de las provincias y que fueran censadas todas las personas. En esta época, pues, nació Cristo e inmediatamente después de nacer fue inscrito en el censo romano. Ésta es la primera y más famosa declaración que selló, con la realización de esta inscripción, a César como señor universal y a los romanos como dueños del mundo individual y colectivamente considerados; con esta inscripción, aquel que había creado a todos los hombres, quiere darse a conocer como hombre y hacerse contar entre los hombres (Oros. *Hist.* VI, 22, 6-7).

É uma construção de um contexto significativo, delineado por Orósio, a fim de explicar a ascensão do cristianismo. Mas note-se que ele não se propõe a fazer um debate “teórico” ou “teológico” acerca da questão; ele se ocupa em comprovar a sua tese, através de um compilado de acontecimentos históricos concebidos por ele como catastróficos – procedimento de seleção muito próximo daquilo que o historiador dos dias de hoje faz. Nós privilegiamos um recorte e determinados eventos que nos são pertinentes para organizar um cenário possível para localizar Orósio espacial e temporalmente; o autor das *Historiae adversus paganos* adota prática semelhante, mas fundamentado em uma ótica cristã.

Em resumo, a teoria dos quatro impérios presente em Orósio só faz sentido na medida em que permitia a ele abordar uma perspectiva universal de história que acaba desembocando na história de Roma. Em outras palavras, a sucessão dos Quatro Impérios e a proposta de história universal de Orósio só fazem sentido para encaminhar a promoção do Império Romano, providencialmente instituído para a vinda/nascimento de Cristo. Em última instância, se trata de uma narrativa cujo fim não se confunde com Roma, mas com um Império romano cristão, triunfante aos olhos de Orósio.

1.2 CRONOLOGIA, TEMPORALIDADES E UMA VISÃO OTIMISTA DE FUTURO

A cronologia, para Orósio, é uma arma de combate ideológico, usado em seu favor para corroborar sua tese. Como já apontado anteriormente, a obra de Orósio é dividida em sete livros, sendo que essa divisão abarca diferentes perspectivas cronológicas para a construção da narrativa. Sendo assim, indico que a primeira das perspectivas é pautada em uma história cronológica de característica universalista; a segunda, de outro modo, ainda que mantenha a universalidade, baseia-se em uma história dividida em três balizas; o terceiro caso remete-nos à formulação da Teoria dos Quatro Impérios e, por fim, à divisão de duas temporalidades, a *tempora praeterita* e a *tempora christiana*. Vamos a elas:

1. Nesse ponto, vemos que a proposta de Orósio é colocar como baliza temporal para a sua obra o nascimento de Adão, datado aproximadamente pelo presbítero em 5.199 a.C., e tendo como data de fechamento de sua obra o próprio momento em que ele compunha o texto, isto é, por volta do ano de 417. Esse total de 5.616 anos mensuramos como toda extensão cronológica apontada por Orósio, com a intenção de apresentar uma perspectiva universal da história, sob a ótica cristã.

2. A segunda divisão interna se direciona para o conteúdo trabalhado anteriormente, no que tange o foco narrativo de Orósio: Roma. Assim, o Livro I se propõe expor fatos de Adão até a fundação de Roma que, mesmo ainda não tendo sido fundada, é mencionada por causa de uma série de relações⁸² feitas pelo historiador Orósio, que impulsiona para outro elemento. De sua narrativa emerge a visão de que o passado é pior que o presente. Do Livro II ao Livro VI, a construção da história de Roma perpassa outros eventos; no entanto, Orósio busca dar mais detalhes sobre a história romana do que a história dos outros povos. Por fim, no último Livro, o VII, Orósio começa o relato a partir do Império Romano, recém-fundado por Otávio Augusto, e do nascimento de Cristo, período em que os tempos são melhores, pois são cristãos.

3. Do fim de seu primeiro Livro ao final do sexto, o presbítero hispano-romano constrói uma outra premissa (isto é, a teoria dos quatro impérios), lançando mão de uma abordagem diferenciada da historiografia pagã: nela, Babilônia, Macedônia e Cartago precederam o Império Romano. Além disso, diferente do que propõe o Livro de Daniel, o quarto Império (Roma) seria *aeternum*, não enquanto *regnum Romanum*, mas como *Reino de Deus*, sob a perspectiva de que o Império Romano cumpre como objetivo a instalação do Reino de Deus na Terra.

4. Por fim, a obra orosiana se divide ainda em outras duas temporalidades, que definirei por *tempora praeterita* e *tempora christiana*. A *tempora praeterita* remete ao intervalo entre o primeiro e sexto Livro, abordando os tempos pagãos, ou seja, o período anterior ao nascimento de Cristo. Já a *tempora christiana* trata do período posterior à vinda de Cristo, os tempos cristãos, narrados no sétimo Livro. Nesse sentido, na obra de Orósio, a figura de Cristo emerge como um divisor de temporalidades, algo que não se situa necessariamente como uma distinção cronológica, mas sim de uma nova sociedade, que a partir de então caminhará para a confirmação do cristianismo.

Apontadas essas subdivisões internas da obra *Histórias*, pretendo focar em como esses elementos se entrelaçam, na construção da tese de Orósio sobre o passado, presente e futuro. Para precisar melhor, partindo de seu presente, ele constituiu uma visão sobre o passado romano, mas também lançou previsões otimistas para o futuro. Assim, sob meu entendimento, passado, presente e o futuro mantêm uma relação dialética. Essas categorias não se esgotam e não se justapõem: elas se fazem presentes no cotidiano de todos os sujeitos.

Ao tomar a assertiva acima como ponto de partida, julgo ser necessário o diálogo com

⁸² As relações as quais nos referimos são a destruição de Sodoma e Gomorra e a queda do Império Babilônico, por exemplo. Esses eventos não têm ligação com a história romana, porém, Orósio compara esses eventos com os acontecimentos que lhe são contemporâneos, em especial com o Saque de 410.

duas categorias apresentadas por Reinhart Koselleck (2006), denominadas de “experiência” e “expectativa”. Ambas, segundo o autor, são adequadas para a compreensão do tempo histórico, já que entrelaçam passado e futuro. Assim, em uma rápida definição, experiência “é o passado atual, aquele no qual acontecimentos foram incorporados e podem ser lembrados,” (KOSELLECK, 2006, p. 309), sendo que nela se misturam a elaboração racional com as formas inconscientes de comportamento. Além disso, nela podem estar contidas a experiência de gerações e instituições, que podem ser alheias ao individual. A “expectativa”, por sua vez, “é ao mesmo tempo ligada à pessoa e ao interpessoal, também a expectativa se realiza no hoje, é o futuro presente, voltado para o ainda-não, para o experimentado, para o que apenas pode ser previsto”⁸³. Essas duas categorias se relacionam no presente ao assumir-se como “passado atual” e o “futuro presente”; no entanto, jamais chegam a coincidir, já que a expectativa não pode ser deduzida totalmente da experiência, ou seja, a última está completa, pois o que a define está no passado. A expectativa se transforma em um infinito de devires.

Essas duas categorias por si só não bastam para compreender a formulação de Orósio. Koselleck (2006) as usa na tentativa de definir o tempo histórico que, segundo ele, só pode ser expresso por metáfora espaciais. Assim, ele nos indica a formulação das categoriais de “espaço de experiência” e o “horizonte de expectativa”. No que diz respeito à primeira categoria, seria ela espacial, pois reúne um aglomerado de tempos anteriores, não necessariamente contínuos ou que referenciam-se entre si; sendo assim, “ela é composta de tudo o que se pode recordar da própria vida ou da vida de outros” (KOSELLECK, 2006, p. 311). Já sobre o horizonte de expectativa, é a linha por de trás que se desdobra no campo das possibilidades, um futuro de novas experiências, no qual apenas prognósticos são possíveis.

Aplicamos as categorias explanadas acima ao caso do presbítero Orósio. É na tensão entre as duas categorias apresentadas que a obra é constituída, de um lado o passado atual e de outra o futuro presente. O passado romano se relacionava com o tempo do presbítero hispano-romano. As instituições, as leis, a língua e a própria organização social e política se faziam presentes através, não só dele próprio, mas de uma grande quantidade de gerações de romanos que legaram suas experiências. Porém, não só a experiência romana, mas também devemos levar em conta o passado judaico-cristão, bem como sua fé e religiosidade que entrelaçam passado e presente com a romanidade e o cristianismo. Orósio buscou organizar esse espaço de experiência em sua obra, sistematizando-o com a intenção de construir um viés cristão para a

⁸³ KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos*; tradução, Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira; revisão César Benjamin. Rio de Janeiro: Contraponto-Ed. PUC-Rio, 2006. p. 310.

história romana.

Deste modo, é possível notar as escolhas das balizas temporais usadas por Orósio. A obra tem seu início com o nascimento e a queda de Adão, ou seja, um princípio decadentista que tende a corroborar a visão de um passado também em decadência que só vai mostrar sinal de melhoras com o nascimento de Cristo. Entre Adão e Cristo, temos a fundação da cidade de Roma, estabelecida como ponto de referência aos eventos que são anteriores ou posteriores.

Tanto a fundação da cidade de Roma como o nascimento de Cristo têm função de estabelecer marcos cronológicos na narrativa orosiana. A primeira se configura enquanto datação aos eventos selecionados por Orósio em sua história universal e, é de igual importância para romanos cristãos e romanos pagãos. Assim, a datação cronológica exibida por nosso historiador se pauta sobre o começo da cidade de Roma: quer dizer, ainda que não tenha iniciado a sua narrativa a partir da fundação da cidade, ela é ponto crucial na cronologia orosiana. Para tanto, a cada novo capítulo encontramos uma data, como por exemplo, ao referir-se aos eventos de Sodoma e Gomorra: “No ano 1160 antes da fundação da cidade” (Oros. *Hist.* I, 5, 1)⁸⁴, ou ainda,

O ano de 414 depois da queda de Troia e na sexta das Olimpíadas, as quais costumam ser celebradas na cidade grega de Élide com lutas e jogos no quinto ano depois da anterior, ou seja, de quatro em quatro anos, foi construída na Itália a cidade de Roma por dois fundadores: Rômulo e Remo (Oros. *Hist.* II, 4, 1-2).⁸⁵

De outro modo, a vinda de Cristo estabelece uma nova baliza temporal, porém, de modo que promove uma cisão entre as temporalidades, diferenciando o passado corrompido (*tempora praeterita*) dos tempos melhores (*tempora christiana*). As duas balizas não se excluem, mas se coadunam. Ao dizer isso, entendemos que Orósio não abandona o marco da fundação de Roma em detrimento do nascimento de Cristo, mas sim há uma continuidade da primeira enquanto se estabelece uma outra temporalidade.

No entanto, a fundação da cidade está no passado decadentista e apresenta as características comuns aos tempos antes de Cristo. A narrativa empreendida por Orósio pode ser verificada nesse trecho:

Rômulo manchou imediatamente o reino com o sangue de um parricídio e,

⁸⁴ “En el año 1160 antes de la fundación de ciudad” (Oros. *Hist.* I, 5, 1)

⁸⁵ En el año 414 después de la caída de Troya y en la sexta de las olimpíadas, las cuales suelen celebrarse en la ciudad griega de Élide con luchas y juegos al quinto año después de la anterior, es decir, dejando cuatro años entre una y otra, fue construida en Italia la ciudad de Roma por dos fundadores, Rómulo y Remo (Oros. *Hist.* II, 4, 1-2).

numa sucessão de atos de semelhante crueldade, as mulheres sabinas foram oferecidas como dote com o sangue de seus maridos e de seus pais, violentamente raptadas e casadas aos romanos através de casamentos cruéis. De fato, Rômulo, após assassinar primeiro seu avô Numitor e depois seu irmão Remo, apoderou-se do poder e levantou a cidade com o sangue de seu avô, os muros com o sangue de seu irmão e o templo com o de seu sogro; reuniu um grupo de criminosos lhes prometendo impunidade absoluta. Seu primeiro campo de batalha foi o fórum da cidade, dando já a entender que as guerras externas e internas nunca faltariam (Oros. *Hist.* II, 4, 3- 4).⁸⁶

A fundação da cidade de Roma remonta a um passado distante (mais de setecentos anos antes do nascimento de Cristo e há mais de um milênio da época de Orósio). Logo, se trata de evento pertencente à *tempora praeterita*, dentro da qual o historiador enquadra os seis primeiros Livros de sua obra e que tem como objetivo narrar os males do mundo antes da vinda de Cristo. Ou seja, o passado anterior a esse episódio configura, para Orósio, um período pior se comparado ao seu presente:

(...) Acredito que os infortúnios dos tempos atuais ferviam acima da média e como agora comprovei que os tempos passados não só foram tão opressores quanto os atuais, senão aqueles foram ainda mais atrozmente infelizes quanto mais distantes estavam da medicina da autêntica religião. Assim que, após minhas análises, ficou claro que a violência reina quando a religião, inimiga do sangue, é esquecida e que enquanto a religião brilha, a morte se obscurece; que a morte termina quando a religião prevalece; que a morte não existirá quando impere apenas a religião (Oros. *Hist.* I, Prol., 14).⁸⁷

Orósio afirma que o passado é tão opressor quanto os tempos atuais. Quer dizer, ele reconhece que vive ainda em um momento difícil (recordemos de sua trajetória pessoal, marcada pela fuga da Hispânia por conta da chegada dos *vândalos*; além disso, Roma foi saqueada, ainda que ele minimize por completo tal fato). Por outro lado, estamos falando de um momento em que há um prevalectimento do cristianismo e, no presente da escrita orosiana se tratava oficialmente da religião do Império. Logo, mesmo que haja mazelas presentes, elas

⁸⁶Rômulo manchó inmediatamente el reino con la sangre de un parricidio y, en una sucesión de actos de crueldad semejante, dotó con la sangre de sus maridos y de sus padres a las mujeres sabinas, violentamente raptadas y unidas a los romanos mediante crueles nupcias. Efectivamente, Rômulo, tras asesinar primero a su abuelo Numitor y después a su hermano Remo, se apoderó del mando y levantó la ciudad; inauguró el reino con la sangre de su abuelo, los muros con la de su hermano y el templo con la de su suegro; reunió a un grupo de criminales prometiéndoles absoluta impunidad. Su primer campo de batalla fue el foro de la ciudad, dando ya a entender que las guerras externas e internas, en mezcla conjunta, nunca habrían de faltar (...) (Oros. *Hist.* II, 4, 3- 4).

⁸⁷(...) me parecía que las desgracias de los tiempos actuales hervían por encima de toda medida y porque ahora he comprobado que los tiempos pasados no sólo fueron tan opresores como estos actuales, sino que aquéllos fueron tanto más atrozmente desgraciados cuanto más alejados estaban de la medicina de la autêntica religión; de forma que con razón, tras mi análisis, ha quedado claro que reina la sangrienta muerte, cuando la religión, enemiga de la sangre, es olvidada; que, mientras la religión brilla, la muerte se obscurece; que la muerte termina, cuando la religión prevalece; que la muerte no ha de existir en absoluto cuando impere sólo la religión (Oros. *Hist.* I, Prol., 14).

são apresentadas pelo autor como menores se comparadas ao passado.

Mas ainda é possível indagar sobre um medo em “suspenso” que ameaçava a organização do Império Romano, pois, do contrário, as animosidades entre cristãos e pagãos não tomariam tamanha importância no interior da sociedade (letrada) romana. Em oposição a isso, penso que Orósio buscou desenvolver uma narrativa em que o retorno aos antigos cultos deveria ser superado e, por consequência, isso se aplicaria também aos estrangeiros, ou seja, a superação do “bárbaro tradicional” viria através do fortalecimento da unidade imperial e da associação ao cristianismo. Assim, o binômio “bárbaro-pagão” era entendido como algo próprio do passado e que, sob ótica orosiana, haveria de ser superado no presente pela perspectiva do “romano-cristão”. Nos capítulos seguintes, procurarei entender como Orósio busca uma ressignificação para esse momento histórico em que vive.

Desta feita, ao estruturar a narrativa de tal modo, o presbítero busca romper com a idealização gloriosa da República Romana e, por assim dizer, com o passado glorioso de Roma a quem a historiografia pagã faz referência⁸⁸, apresentando a noção de que o passado imperial é melhor que o republicano, devido ao nascimento de Cristo. Mas se tratava ainda, em boa medida, de uma Roma pagã que, por exemplo, no período imperial conheceu as perseguições promovidas contra os cristãos sob mando da autoridade imperial.

De todo modo, a narrativa de Orósio inclina-se em favor do Império: o sétimo Livro se ocupa essencialmente dessa premissa, garantindo o devido espaço ao cristianismo que acaba por estar intimamente ligado ao Império. E os imperadores retratados como “maus” são julgados pela Providência divina, pois trata-se da *tempora christiana*. O cristianismo, aos poucos, começa a ganhar forças e conquistar espaços dentro da organização política imperial, a ponto de ser oficializado em 390 ao lado da proibição de outras práticas e cultos.

Entretanto, ao fim de seu texto, há uma projeção de características otimistas nas *Histórias*, relacionada com a maneira com que Orósio avalia o mundo em que vivia no momento de escritura de sua obra. Algumas condições, aos olhos de nosso autor, favorecem a tese do otimismo. A primeira está relacionada às vitórias do *magister utriusque militiae* Constâncio III contra os usurpadores na Britânia e a defesa da Gália, entre 411 e 412. O mesmo vale para a manutenção do trono por parte de Honório, apesar de ter sua posição ameaçada várias vezes pela pressão dos usurpadores e dos povos que adentravam o *limes*. Por fim, a crescente conversão ao cristianismo, seja de romanos ou “estrangeiros”. Assim, a passagem abaixo

⁸⁸ Partimos aqui da perspectiva de Hervé Inglebert (2006), porém, não mais da visão *orbicêntrica* ao qual nos utilizamos anteriormente; aqui, buscamos atentar para a configuração das formas de construção da historiografia romana.

sinaliza esse otimismo por parte de nosso autor.

Por mais que nos deva parecer digna de ser louvada e exaltada a misericórdia de Deus, se a entrada dos bárbaros em território romano tivesse suposto ao menos que pelo Ocidente e Oriente se encheriam as igrejas de Cristo com hunos, suevos, vândalos, borgonheses e inúmeros e diferentes povos regentes. Portanto, nesse caso, todos esses povos numerosos teriam recebido, em troca de nossa ruína, a luz da verdade, luz que certamente não poderiam encontrar se não tivesse sido este acontecimento (Oros. *Hist.* VII, 41, 8).⁸⁹

Aqui tomo de empréstimo novamente uma das categorias proposta por Koselleck (2006), o “horizonte de expectativa”. É entender, portanto, que Orósio faz uma projeção pautada nas condições que lhe são presentes, projetando um ideal para o futuro, aonde a continuidade do Império Romano e a expansão do cristianismo haveriam de se concretizar plenamente. Há, portanto, mudança e permanência em simultaneidade, resultando na relação de experiência (passado-presente ou passado que se faz presente) e expectativa (futuro-presente), que se relacionam entre si, mas não se confundem. As experiências das relações vividas, por vezes, são projetadas nas expectativas, mas isso não é uma regra.

Sob essa ótica, encontramos um bom exemplo das tensões do passado atual e do futuro presente. É dizer que Orósio, dotado das suas próprias experiências e do conhecimento adquirido por gerações antes dele, lança um olhar para o porvir em sua obra. No passado, Roma (seja enquanto cidade ou Império), passou por momentos de dificuldade contra seus inimigos, mas perseverou e seguiu o destino traçado pela Providência divina e, sob sua égide, reúne diferentes povos que “Roma, como hoje é dona dos povos (...) é o último dos impérios” (Oros. *Hist.* VII, 2, 1-2)⁹⁰. Não diferente, o cristianismo que outrora tivera seus ritos e cultos proibidos, no presente do presbítero, estava intimamente relacionado com o Império Romano.

Não é errado afirmar, portanto, que a Providência divina reserva um futuro promissor, partindo da narrativa orosiana. A pedra basilar, que é o nascimento de Cristo, oferece um antagonismo temporal do qual Orósio faz uso. Ao traçar sua construção, apontando como um período “decadente”, busca impreterivelmente fazer um balanço favorável do presente e lançar mão de uma expectativa para o futuro. Deste ponto, a manutenção do Império romano faz

⁸⁹ Por más que, si la entrada de los bárbaros en territorio romano hubiese supuesto al menos que por Occidente y Oriente se llenaran totalmente las iglesias de Cristo de hunos, suevos, vándalos, borgoñones y distintos e innumerables pueblos de reyentes, nos debería parecer digna de ser alabada y ensalzada la misericordia de Dios, por cuanto, en ese caso, todos esos pueblos tan numerosos habrían recibido, a cambio, sí, de nuestra ruina, la luz de la verdad, luz que ciertamente no habrían podido encontrar si no hubiese sido en esta ocasión (Oros. *Hist.* VII, 41, 8).

⁹⁰ “Roma que igualmente es hoy dueña de los pueblos (...) éste el último de los imperios” (Oros. *Hist.* VII, 2, 1-2)

sentido para assegurar a constituição do Reino de Deus na Terra.

2. O SAQUE GAULÊS: A OPOSIÇÃO ENTRE "ROMANOS" E "BÁRBAROS"

Ninguém se atreveria, ainda que pudesse, a comparar este desastre com qualquer uma das agitações da época atual; e isso, ainda que não meã com a mesma régua a lenda dos males passados e dos danos da época presente (Oros. *Hist.* II, 20 4- 5).⁹¹

Tomemos como ponto de partida para esse capítulo o trecho acima. Ele nos remete aos elementos de construção do presbítero hispano-romano Orósio, que nos lança uma importante relação temporal entre o passado e o presente. É possível observar que o presbítero compara os dois saques ocorridos contra a cidade de Roma. Quando o autor refere-se ao passado, aponta ao primeiro saque datado, possivelmente, em 390 ou 387 a.C.⁹², empreendido pelos gauleses liderados por Breno. Já o segundo saque, remete aos dias de Orósio, executado pelos godos comandados por Alarico em 410 d.C. Quer dizer, é o próprio autor quem estabelece uma relação entre ambos os eventos. Essa comparação é o alicerce da problemática a ser apresentada nessa pesquisa e, para desempenhar satisfatoriamente a análise, focarei meus esforços no saque gaulês e na construção dicotômica entre o “ser romano” e o “ser “bárbaro”” no presente capítulo, enquanto no capítulo seguinte serão abordados o saque godo e a ressignificação do “bárbaro” a partir de uma “leitura cristianizada” que se nota no texto de Orósio.

Assim, ao expor o primeiro saque à cidade de Roma, empreenderemos um olhar sobre a perspectiva defendida pelo autor. Para além do fato em si, nossa observação recai sobre a narrativa que o contorna. Busco estabelecer, portanto, quem são os atores daquele momento histórico, ainda salvaguardando a perspectiva orosiana para esses sujeitos; mais especificamente, significa dizer que busco entender o discurso para além da denominação dicotômica “romanos” (nós) e “gauleses” (o outro, o estrangeiro) para poder determinar os contornos de um conceito polissêmico que se faz presente nas *Histórias*, que é o de “bárbaro”.

Antes de me aprofundar sobre a narrativa apresentada por Orósio ao evento recortado, julgo importante apresentar um breve panorama sobre o episódio selecionado. De antemão, no entanto, vale ressaltar que não irei me aprofundar especificamente nos detalhes dos primórdios da história romana. O foco recai sobre a narrativa do evento na obra do presbítero.

⁹¹ Nadie se atrevería, aunque pudiera, a comparar este desastre con cualquiera de las agitaciones de la época actual; y ello, aunque no mida con el mismo rasero la leyenda de los males pasados y los daños de la época presente (Oros. *Hist.* II, 20 4- 5).

⁹² Gonzalo Bravo (1998) aponta que houve dois saques da cidade de Roma: um em 390 a.C. e outro em 387 a.C. Já Sánchez Salor (1982) aponta que o saque teria ocorrido em 390, partindo da tradução de Orósio. Géza Alföldy (1996) também usa a data de 387 a.C.; Fábio Favarsani e Fábio D. Joly (2015) apontam para 390, mas afirmam que possivelmente poderia ter ocorrido em 387 ou 386, pautados na análise a partir de Políbio. Para efeitos do presente trabalho, a questão cronológica envolvendo o episódio não é relevante.

Para tanto, apenas apresentarei um panorama da situação que caracterizava a cidade de Roma no início do século IV a.C.

Roma estabeleceu sua dominação sobre a região do Lácio, em especial ao conquistar vitórias no início do século V a.C., sobre os *etruscos* e *volscos* do sul da Península Itálica, garantindo também domínio ao norte através da conquista da cidade de Veios⁹³. Estavam sendo traçadas, nesse período, as solidificações do poderio romano na região do Lácio durante a era arcaica. Ou seja, estamos falando da gênese do processo de expansão territorial romana, muito distante do Império Romano de que tratamos até o momento.

No entanto, devemos acrescentar que a trajetória do poderio romano sobre o Lácio teve um obstáculo: a frase “Aí dos vencidos!”⁹⁴ remete-se ao passado romano, mais especificamente ao passado da cidade de Roma. A frase foi atribuída a Breno, líder militar dos gauleses, enquanto saqueava a cidade após ter derrotado o exército romano às margens do Rio Ália⁹⁵, em data imprecisa na década de 380 a.C. Esse ataque freou o avanço romano, ao mesmo tempo que impulsionou transformações internas. A hegemonia romana na região foi contestada pelas cidades vizinhas (BRAVO, 1998) e a diplomacia prevaleceu, até que as armas pudessem voltar a exercer controle sobre a região.

Sobre o deslocamento dos *gauleses sênones* que atravessaram o Rio Pó e os Apeninos em direção ao sul da Península Itálica e que encontraram Roma a meio do caminho, supõe-se que decorreu devido à busca por terras prósperas ou que se travava de um exército mercenário contratado pela *pólis* de Siracusa. No entanto, não há exatidão no que se refere a esse processo; mas, segundo Fav ersani e Joly, o movimento desses povos foi de grande importância, sendo registrado por fontes gregas no século IV a.C.

Logo, estabelecidos os protagonistas do evento, vejamos como Orósio retratou a primeira invasão e saque de Roma, protagonizado pelos Gauleses e Breno, o líder deles.

Como mencionado, os dois lados se enfrentaram em uma batalha às margens do Rio Ália. Os romanos ainda não haviam aperfeiçoado a estratégia militar que tornaria suas legiões famosas e muitos homens se dispersaram no primeiro ataque do exército de gauleses, deixando o caminho de Roma livre para Breno. Prédios foram incendiados ou saqueados de seus objetos

⁹³ Para Fábio Fav ersani & Fábio D. Joly (2015) podemos distinguir mais claramente três grandes momentos do conflito, normalmente designados como primeira guerra veia (483-474), segunda guerra veia (437-426) e terceira guerra veia (405-396).

⁹⁴ Liv. 5.48. Segundo Tito Lívio, “uma expressão intolerável para os ouvidos romanos”. leyenda dos males pasados” → Uma afirmação de Orósio sobre o passado romano, é uma lenda? O que separa o fato ocorrido da lenda, ou melhor dizendo, o que necessariamente podemos evidenciar como parte da lenda sobre o Saque Gaulês e o que de fato ocorreu em 390/387 a.C. Nos certifiquemos que estamos tratando de um elemento narrativo acerca de 800 anos do passado romano.

⁹⁵ Pequeno arroio do Rio Tibre, localizado a cerca de 18 quilômetros de Roma.

de valor. A maioria dos membros do Senado romano teria tombado, vítima dos golpes das espadas inimigas desferidos no Fórum.

Enquanto os gauleses atacavam o resto da cidade, os romanos sobreviventes se fortificaram no topo do Monte Capitolino. Eles repeliram vários ataques gauleses, mas, depois de meses de cerco, concordaram em pagar mil libras de ouro para que Breno e seu exército deixassem a cidade. Reza a lenda que Breno usou balanças manipuladas para pesar o resgate. Quando os romanos reclamaram, ele jogou sua espada nas balanças e gritou “*Vae Victis!*” (“Ai dos Vencidos!”). Roma foi reconstruída após os gauleses partirem meses depois de terem adentrado a cidade. Os efeitos do saque gaulês são difíceis de estabelecer, seja com relação às perdas humanas ou materiais, seja no que diz respeito ao fator psicológico causado pela destruição da cidade, cuja extensão nos escapa.

Ainda hoje, buscam-se vestígios arqueológicos para comprovar o tamanho da destruição empreendida pelos gauleses. Mas é importante relativizar as fontes antigas, pois, indo além, os romanos empreenderam vitórias contra os etruscos ao sul, aumentando sua área de domínio e, segundo Favarsani e Joly (2015), conquistam seguidas vitórias estabelecendo um poder maior do que quando Breno e os gauleses levaram o ouro.

Ao fim do Livro II, Orósio mantém-se fiel à sua orientação em proporcionar uma breve descrição (quer dizer, à maneira de um brevíário) dos “males” que assolaram a humanidade, assim como nos informa o próprio autor no Prólogo do Livro III⁹⁶. Desta feita, essas duas

⁹⁶ Nesse ponto, Orósio explica os motivos de não detalhar os eventos ocorridos. (Oros. Hist. III, Pról. 1-3) “Con relación a los conflictos de épocas pasadas que tú me ordenaste recoger, ya en el libro anterior puse de manifiesto y ahora me veo obligado a recordar, esto: que no se pueden recoger todos los hechos ni tampoco señalar detalladamente los que se llevaron a cabo y la forma como se llevaron a cabo; y ello, porque grandes e innumerables acciones han sido transmitidas detalladamente por muchos autores, y éstos, aunque no tenían los mismos motivos, tenían, sin embargo, a su disposición los mismos hechos. Pero es que, mientras ellos narraban las guerras, nosotros debemos narrar las desgracias que acompañan a las guerras. Además, de esa misma abundancia de datos de que ahora me quejo me viene a mí la dificultad y me asedia una preocupación más complicada; efectivamente, si en aras de la brevedad paso por alto algunas cosas, pensarán o bien que yo las desconozco, o bien que no tuvieron lugar en su época; pero si, por deseo de reseñar todos los hechos, aunque sin detallarlos, hago breves resúmenes, lo haré todo oscuro y, para la mayoría, haré un tipo de historia que no parece historia; máxime, cuando lo que yo pretendo, en contra de los demás historiadores, es transmitir la esencia de los hechos y no su desarrollo externo. Por otra parte, la brevedad y la oscuridad, o mejor, la oscura brevedad, por cuanto la brevedad siempre es así, si bien proporciona un conocimiento aparente de los hechos, elimina, sin embargo, la posibilidad de profundizar en ellos”(Com relação aos conflitos de épocas passadas que você me ordenou pesquisar, já em livro anterior chamei a atenção e agora me vejo obrigado a lembrar isso: não se podem registrar todos os fatos, tampouco registrar detalhadamente os que os realizaram e como o fizeram; e isso, porque grandes e incontáveis ações foram transmitidas detalhadamente por muitos autores e esses, ainda que não tivessem os mesmos motivos, tinham, contudo, à sua disposição, os mesmos fatos. Porém enquanto eles narravam as guerras, nós devemos narrar as desgraças que as acompanham. Além disso, dessa mesma abundância de dados de que agora me queixo, sinto uma dificuldade e me assola uma preocupação mais complicada: de fato, se em prol da concisão passo por alto algumas coisas, pensarão ou que não as conheço ou que não foram importantes na sua época; porém, por vontade de resenhar todos os fatos, ainda que sem detalhá-los, faço breves resumos, o farei todo sombrio e, para a maioria, farei um tipo de história que não parece história. Sobretudo, o que pretendo, contra os outros historiadores, é transmitir a essência dos fatos e não seu desenrolar externo. Por outro lado, a brevidade e o

perspectivas podem ser notadas em sua narrativa, pois o autor remete-se sucintamente ao saque sobre Roma empreendido pelos gauleses, direcionando o foco para a destruição causada pelos invasores.

Porém, a despeito da questão da brevidade dada por Orósio à descrição do saque, podemos separá-la em dois conjuntos⁹⁷. O primeiro ponto refere-se à derrota do exército romano liderado pelo cônsul Fábio e à invasão empreendida pelos gauleses; já o segundo ponto refere-se aos infortúnios causados pelos invasores à população da cidade de Roma. Para exemplificar melhor, analisemos esses dois recortes:

É que os liderados por Breno, com um exército grande e poderoso, perceberam, enquanto estavam sitiando a cidade de Clusino, que hoje se chama Tuscia, que os legados romanos que haviam sido enviados como intermediários para conseguir a paz estavam lutando contra eles no exército inimigo. Irritados por isso, abandonam o cerco da cidade de Clusino e se dirigem com todas as suas tropas a Roma. A seu ataque, o cônsul Fabio e seu exército os esperam, mas não pôde resistir; além disso, o ataque inimigo cortou, esmagou e atravessou o exército romano como se fosse colheita seca. É testemunha desta derrota de Fabio o rio Halia (...). Ninguém poderia encontrar facilmente essa derrota do exército romano, mesmo supondo-se que Roma não tivesse sido incendiada depois (Oros. *Hist.* II, 19, 7).⁹⁸

Os gauleses penetram na cidade indefesa, matam os senadores que permaneciam em seus lugares, rígidos como estátuas e os sepultam queimados no incêndio de suas casas, com os escombros de seus próprios tetos. Prendem em um cerco na cidadela do monte Capitólio o resto dos jovens, que, pelo que se sabe, eram apenas mil homens; e na cidade, derrotam com fome, doenças, desespero e medo aos pobres sobreviventes [...]. Quando os gauleses partiram, só restava do que em outro tempo fora o lugar de uma cidade, um imundo

sombrio, ou melhor, a brevidade sombria, uma vez que a brevidade sempre é assim, por mais que proporcione um conhecimento aparente dos fatos, elimina, entretanto, a possibilidade de se aprofundar neles.). Podemos notar que Orósio tinha plena ciência das possíveis acusações que poderia vir a sofrer com as acusações de ter deixado de lado eventos importantes. Talvez possamos ler esse trecho sob os olhos da retórica orosiana, mas de todo modo, o autor se preocupa em manter-se na linha da *brevitas*.

⁹⁷ Nota-se que a narrativa já é iniciada fazendo uma relação o passado e o presente com O Saque Gaulês, assim como outros momentos da narrativa, é associado ao Saque Godo que se configura enquanto um terceiro elemento que constitui a maior parte de nosso estudo, que é o comparativo entre os dois Saques. Sob nossa análise, o Saque Gaulês para Orósio só é interessante pois constituiu um excelente comparativo ao Saque Godo. Sendo assim, devemos relativizar a descrição orosiana sobre os eventos de 387/390 a.C., não só pela distância temporal, mas pelos motivos que o levam a lançar luz sobre tal evento, para poder compará-lo ao saque de 410. Certamente, não podemos nos distanciar da tese de Orósio na qual os tempos anteriores a Cristo são piores em relação aos posteriores.

⁹⁸ Y es que los conducidos por Breno, con un ejército abundante y poderoso, se dieron cuenta, mientras estaban asediando la ciudad de Clusino, que hoy se llama Tuscia, de que los legados romanos que habían sido enviados como intermediarios para conseguir la paz estaban luchando en contra suya en el ejército enemigo; irritados por ello, abandonan el asedio de la ciudad de Clusino y se dirigen con todas sus tropas a Roma. En su ataque les espera con el ejército el cónsul Fabio; pero no pudo resistir; es más, el ataque enemigo cortó, aplastó y atravesó al ejército romano cual si de mies seca se tratase. Es testigo de esta derrota de Fabio el río Halia (...). Nadie podría encontrar fácilmente una derrota semejante del ejército romano, incluso suponiendo que Roma no hubiese sido incendiada después (Oros. *Hist.* II, 19, 7).

monte de ruínas deformadas. (Oros. *Hist.* II, 19, 7).⁹⁹

Ora, de antemão posso apontar que Orósio cumpre com o objetivo da brevidade ao qual se propõe. Não há explicação, da parte do autor, para as possíveis razões que levaram os romanos a enviar embaixadores até o cerco de Clusino, bem como, partindo de seu texto, não consegui precisar causas que levaram os gauleses a abandonarem o cerco para voltar suas tropas contra Roma. Orósio apenas nos informa “de que os legados romanos que tinham sido enviados como intermediários para conseguir a paz estavam lutando contra o exército inimigo” (Oros. *Hist.* II, 19, 7)¹⁰⁰, o que soa como uma explanação muito rasa para motivar os gauleses a tomarem tal medida.

Frente aos gauleses, o exército romano, de acordo com Orósio, foi facilmente vencido. A descrição visa, mais uma vez, nos mostrar a proposta de não se ater aos detalhes sobre os fatos que escolheu para compor sua obra¹⁰¹. Porém, o que chama a atenção é a violência e, também, a facilidade com que se narra que os romanos haviam sido derrotados por seu inimigo. Podemos supor que, além da forma narrativa escolhida por Orósio, a distância temporal e o acesso às fontes mais próximas do período podem ter contribuído para a composição desse discurso. Mas a descrição se configura deste modo: “mas não pôde resistir, o ataque inimigo cortou, amassou e atravessou o exército romano como se fosse colheita seca” (Oros. *Hist.* II, 19, 6)¹⁰². Diante disso, podemos levantar a seguinte hipótese sobre o tamanho e poderio do exército gaulês: seria o motivo de enaltecer a vitória dos gauleses e aumentar a tragédia dos romanos para que seja possível estabelecer um comparativo discrepante em relação ao Saque dos Godos, evento contemporâneo ao autor? De todo modo, esses elementos precisam ser colocados em suspensão, para não considerarmos como certas as razões que impulsionaram o relato sobre o Saque Gaulês.

Após os romanos terem sido derrotados, o caminho até Roma estava livre e não houve

⁹⁹ Los galos penetran en la ciudad sin defensa, matan a los senadores que permanecían en sus asientos, rígidos a modo de estatuas, y los sepultan, quemados en el incendio de sus casas, con los escombros de sus propios techos. Encierran en un asedio en la ciudadela del monte Capitolio al resto de los jóvenes que se sabe que entonces eran apenas mil hombres; y, en la ciudad, machacan con hambre, peste, desesperación y miedo a los desafortunados sobrevivientes [...]. Cuando los galos se marcharon, sólo quedaba, de lo que en otro tiempo había sido el sitio de una ciudad, un sucio montón de informes ruinas (Oros. *Hist.* II, 19, 7).

¹⁰⁰ “de que los legados romanos que habían sido enviados como intermediarios para conseguir la paz estaban luchando en contra suya en el ejército enemigo” (Oros. *Hist.* II, 19, 7)

¹⁰¹ Obviamente existem exceções à regra. As batalhas de Teodósio são mais bem descritas do que as levadas a cabo por outros imperadores. Mesmo Constantino, que recebe bastante atenção aos seus feitos em favor dos cristãos, não tem suas batalhas detalhadas na obra orosiana. Mais uma vez, notamos a preferência de Orósio pela figura de Teodósio.

¹⁰² “pero no pudo resistir; es más, el ataque enemigo cortó, aplastó y atravesó al ejército romano cual si de mies seca se tratase” (Oros. *Hist.* II, 19, 6).

uma resistência contra os recém-chegados. Contudo, apesar dos romanos não empreenderem um efetivo combate para defender a cidade, nosso autor carrega mais uma vez nas tintas para reforçar o significado do Saque Gaulês. Assim, ele aponta que “Os gauleses penetram na cidade indefesa, matam os senadores que permaneciam em seus tronos, parados, como estátuas” (Oros. *Hist.* II, 19, 7)¹⁰³. Conforme Orósio, a cidade e seus cidadãos estavam à própria sorte frente aos invasores, que tinham praticamente plena liberdade para agir.

Por fim, após a queima da cidade e de tentativas frustradas dos gauleses em invadir o Monte Capitolino, que servia de última instância da defesa dos sobreviventes romanos, chegou-se ao momento das negociações em que Roma, então refém, seria libertada. Assim, nos diz Orósio:

(...) aos infelizes sobreviventes, posteriormente os submetem e os obrigam a pagar um resgate por eles mesmos: compram, de fato, sua retirada pelo preço de mil libras de ouro, e não porque Roma valesse pouco aos gauleses, mas sim porque a tinham desbastado tanto que naquele momento não valia muito (Oros. *Hist.* II, 19, 8).¹⁰⁴

Assim, os acordos entre os magistrados romanos e o chefe gaulês Breno desenvolveram-se até o momento em que se estabeleceu a quantia de mil libras de ouro¹⁰⁵, que deveria ser entregue aos invasores¹⁰⁶. Para Orósio, como se vê, não porque Roma valesse pouco, mas pela condição que os gauleses deixaram-na, não poderia valer muito mais que a quantia exigida. Esse reforço retórico utilizado pelo autor visa aprofundar ainda mais as mazelas inerentes ao Saque Gaulês, ou seja, por vezes o presbítero busca criar um abismo de diferenças entre os eventos, isto é, entre o passado mais remoto e o presente a partir do qual se narra. Nesse sentido, ao mesmo tempo em que Orósio amplifica o prejuízo causado pelo exército de Breno, em contrapartida alivia o Saque dos Godos, como demonstrarei na sequência.

Somado aos fatores destacados acima, adiantemo-nos para o ponto sobre os “males da humanidade” que Orósio propõe-se elucidar nos Prólogos dos Livros I¹⁰⁷ e III¹⁰⁸. Não

¹⁰³ “*Los galos penetran en la ciudad sin defensa, matan a los senadores que permanecían en sus asientos, rígidos a modo de estatua*” (Oros. *Hist.* II, 19, 7). Sanchez Salor (1982) aponta para uma lenda patriótica romana. Podemos encontrar essa passagem em Tito Lívio (5.41).

¹⁰⁴ (...) a los desafortunados sobrevivientes, y posteriormente los someten y les obligan a pagar un rescate por ellos mismos: compran, en efecto, su retirada al precio de mil libras de oro, y no porque Roma valiese poco a los ojos de los galos, sino porque la habían esquilado ya tanto que en aquel momento no podía valer ya más (Oros. *Hist.* II, 19, 8).

¹⁰⁵ Algo aproximado de 454kg de ouro.

¹⁰⁶ “*Vae victis*”

¹⁰⁷ Oros. *Hist.* Prol. 10-11.

¹⁰⁸ Oros. *Hist.* Prol. III. 1-3.

destoando do restante da narrativa, o Saque Gaulês foi “na cidade, esmagam com fome, peste desespero e medo aos infelizes sobreviventes” (Oros. *Hist.* II, 19, 8)¹⁰⁹. Quer dizer, descreve-se o evento em questão oito séculos mais tarde, sob uma perspectiva pessimista perante o passado romano – o passado anterior à vinda de Cristo à Terra. Assim, em meio a esse passado não-cristão, Roma esteve abandonada à própria sorte, indefesa e suscetível ao mal comum do mundo (o que nos leva a indagar se Roma (seja cidade ou estado/império) fora sempre a dileta de Deus).

Como já afirmei no capítulo anterior, Orósio se propõe a escrever sua narrativa histórica sob uma roupagem cristã e, para tanto, o autor lança uso da comparação temporal, ou seja, traça conexões entre o passado longínquo e o passado mais recente. Nesse sentido, para Orósio, tendo em vista que o Saque de 410 é o elemento que impulsiona sua narrativa, o Saque de 387 a.C. é um elemento que contribuí com a sua tese de que o passado pré-cristão era inferior ao presente.

Passo à comparação acerca do efeito da Ira Divina sobre a cidade. No relato, Orósio mostra como a cidade foi destruída pelos invasores e, depois, faz uma alusão aos efeitos da destruição que os godos empreenderam sobre Roma. Os incêndios causados pelos invasores não foram tão destrutivos como os incêndios causados pelos “*rayos del cielo*” enviados por Deus para castigar os pagãos.

Diante do exposto, destaco alguns pontos. Em primeiro lugar, o acontecimento de 390/387 a.C. foi lembrado mais tarde por diferentes historiadores romanos e gregos. Quer dizer, não há relatos historiográficos coetâneos ao evento. Além disso, é de se esperar que alguns detalhes pudessem ter sido retoricamente amplificados considerando-se a distância temporal entre o evento e as narrativas sobre ele. Ou seja, como não há documentos escritos ou monumentos sobre o Saque Gaulês, entendo que as narrativas posteriores se basearam em relatos orais e/ou na memória e imaginário dos romanos. Em terceiro lugar, Orósio não nos apresenta nenhum novo elemento sobre o Saque Gaulês que não seja, justamente, o comparativo com o Saque Godo. Finalmente, as fontes para a narrativa orosiana a respeito do período arcaico possivelmente são indiretas¹¹⁰.

Vale ressaltar que Orósio não se atém às complexidades que envolvem o episódio com os gauleses. O foco de sua discussão não é propriamente os efeitos causados pelo Saque no decorrer da história romana, já que o seu foco se volta para a discussão sobre o Saque Godo.

¹⁰⁹ “en la ciudad, machacan con hambre, peste, desesperación y miedo a los desafortunados sobrevivientes” (Oros. *Hist.* II, 19, 8).

¹¹⁰ Como apontado por Pedro Martínez Caveró (2002), o Epítome de Justino, baseado na obra de Pompeu Trogo, já teria sido utilizado pelo próprio Tito Lívio. Para além dessas obras, Orósio teria usado o Breviário de Eutrópio e o Epítome de Floro. Significa dizer que toda essa corrente de transmissão torna ainda mais difícil estabelecer argumentos seguros sobre os fatos do século IV a.C.

Por exemplo, podemos pensar que o Saque Gaulês não gerou tantas consequências para a sociedade romana, visto que os historiadores romanos procuravam enfatizar a ideia de que houve uma rápida recuperação de Roma, garantindo sua importância na região do Lácio frente aos volscos e équos. Se analisarmos essa perspectiva, podemos contestar a narrativa enfática quanto à efetiva destruição de Roma relatada por Orósio ao fim do Livro II. Em suma, podemos afirmar que aquilo que nos narra Orósio se escora na lenda construída sobre o Saque Gaulês, remontando a uma derrota vergonhosa que pode ter causado grande impacto no orgulho romano – algo que talvez importasse mais do que a suposta aniquilação da cidade, posto que, segundo nosso autor, “as pessoas cogitaram até mudar o nome da cidade” (Oros. *Hist.* II, 19, 8).

Quer dizer, Orósio escreve (muito) *a posteriori* em relação ao Saque Gaulês. Apesar das populações gálicas terem sido dominadas por Júlio César no século I a.C. e que muito possivelmente as tradições comuns aos povos daquela época e região tenham sido modificadas e tensionadas, em maior ou menor grau, pela presença romana (que pode também, em certa medida, ter absorvido elementos da cultura gaulesa). É dizer, segundo assertiva de Nelson de Paiva Bondioli (2011), que não se trata de um processo de “tornar-se Romano”, mas de um modo de negociação de identidades e de ressignificação entre duas partes, criando novos elementos que não são puramente romanos ou provinciais¹¹¹.

Um fator que devemos levar em conta é que o término do Livro II pode ser visto como emblemático na medida em que uma seção da obra é finalizada com um episódio que expressava uma forma de “encerramento” da cidade da qual, segundo a própria narrativa orosiana, só restou os escombros. Ao observar isso, é possível apontá-lo como recurso retórico utilizado por Orósio ao (re)valorizar o Saque Gaulês e as dimensões do mesmo para alcançar alguma comparação com o Saque Godo. Por isso, é importante destacar a intencionalidade, ou melhor, os interesses de Orósio em aproximar os dois eventos.

2.1. O CONCEITO DE “BÁRBARO” E A OBRA OROSIANA

Ao falar de “romanos” e “bárbaros”, trato de duas categorias homogeneizantes que tendem a expressar e fazer referência a uma possível unidade interna a estes dois conceitos. Além disso, tratam-se de categorias relacionais; ou seja, ao estipular o que definiria o “romano”, estabelecia-se de forma pejorativa o seu oposto, ao associar costumes, cultura e modos de agir

¹¹¹ Aqui pretendo me afastar do conceito de “Romanização” elaborado no século XIX. Por outro lado, deixo em aberto a possibilidade de diálogo com as noções que se cercam da hibridização cultural.

específicos como algo “bárbaro”. Assim, “bárbaro” ou “romano” se referem a duas definições identitárias, ou seja, modelos de identidade para poder definir e distinguir o “eu” do “outro”. Portanto, devemos levar em conta que essas determinações foram traçadas pelos romanos na premissa da diferença. Adentro no campo de debate sobre identidade e diferença como conceitos a serem melhor explicados.

Por fim, essa nossa pressuposta divisão não é engessada, ao ponto que a bibliografia pode coincidir em mais de uma dessas delineações. Por fim, talvez a maior crítica a se fazer sobre a Historiografia tradicional é que em grande medida o conceito "bárbaro" é tratado como único. Exemplificando esse pensamento, partimos da seguinte premissa: a) "bárbaro" como conceito e ou categoria generalizante; b) na historiografia tradicional "bárbaro" é o desprovido de cultura, o outro, aquele que não é civilizado; c) é uma definição imprecisa para um aglomerado heterogêneo de povos que estava para além, no caso de Roma, das fronteiras (limes), mesmo que houvesse um contato entre romanos e "bárbaros".

Entendo que a identidade é o modo de permanecer idêntico a si próprio, como uma propriedade extensiva do que é o ser e como ele se mantém consigo mesmo, uma extensão de si, ou ainda, própria de si, definindo “aquilo que eu sou”, que sozinha é autossuficiente e referenciada em si própria (SILVA, 2000). Ela seria responsável pela construção do “eu” como uma forma de distinguir o “outro”, determinando assim, pela diferença, o que “sou eu” de “quem é ele” – isso constitui a identidade pessoal ou individual, portanto, a diferença se dá em oposição à identidade, “aquilo que o outro é” (SILVA, 2000), que estão intimamente ligadas.

A premissa acima é apontada por Tomaz Tadeu da Silva (2000) e, partindo dela, irei aplicar ao nosso arcabouço explicativo, com a intenção de aclarar a oposição entre o “romano” e o “bárbaro” e como o choque dessas identidades configura, em parte, o mundo romano. Assim, ao partir identitariamente de um “eu-romano”, promove-se a construção através da diferença do “outro-bárbaro”, antagonistas que estabelecem uma relação de poder que não são simplesmente definidas, mas sim impostas. Para Tomaz T. Da Silva (2000), identidade e diferença “não convivem harmoniosamente, lado a lado, em um campo sem hierarquias; elas são disputadas” (SILVA, 2000, p. 81).

Portanto, partindo de nossa fonte e em consoante com a discussão previamente apresentada, é possível identificar outra perspectiva acerca destes conceitos, que não apenas se debruçam sobre a determinada ideia de homogeneidade. Nesse sentido, Orósio, em diferentes momentos de sua obra, fez uso de modo heterogêneo tanto da palavra “bárbaro” como da palavra “romano”, atribuindo diferentes características identitárias e sentidos sob a tutela de uma mesma palavra. Em outras palavras, godos são “bárbaros”, mas vândalos também são

“bárbaros”; porém, ao referir-se a esses povos em específico, Orósio desqualifica o segundo grupo enquanto qualifica o primeiro. O mesmo cabe ao que se refere ao “ser romano”, já que devido à pluralidade que compunha o Império no século V, o romano poderia comportar características extremamente distintas entre uma pessoa que vivia no Oriente e outra que no Ocidente, para citar apenas um exemplo.

É importante sempre ressaltar que o contato entre “romanos” e “bárbaros”, na maior parte do tempo e das vezes, se desenvolveu de maneira pacífica, dentro das relações do cotidiano. No entanto, esses períodos de paz eram recortados por conflitos armados, que resultavam em acordos e tratados que contribuía para a interação entre os habitantes do Império com aqueles que viviam para além das fronteiras. Deste modo, refuta-se a ideia de “invasões bárbaras”, pois questiono a ideia pejorativa de uma massa populacional enfurecida atacando desenfreadamente as fronteiras e, por conseguinte, o interior do Império Romano. Por outro lado, acredito que essas relações não ocorreram exclusivamente de forma pacífica, a ponto de suavizar a proposta de “migrações” sem grandes sobressaltos. No câmbio entre violência e acordos diplomáticos, se estabeleceu uma relação única entre os habitantes do Império e as populações estrangeiras que buscavam se fixar no interior das fronteiras romanas (AMARAL, 2014).

Ao tratarmos da palavra “*bárbaro*”, lembremos que o conceito que nos remete a uma série de entendimentos preestabelecidos ou, até mesmo, negativos; essa ressalva se dá ao se contrapor a outro conceito, o de *civilidade*. Nesses termos, o “*bárbaro*” seria o *outro*, o estrangeiro e ou o desconhecido, enquanto que *nós*, “os romanos”, seríamos, em oposto, os *civilizados*. Dentro dessa questão de alteridade, que trabalha com o binômio “*nós versus eles*”, lanço esse olhar para a Antiguidade, a fim de pensar a dicotomia entre o que um autor como Orósio tomava como “*romano*” e o que seria “*bárbaro*”.

Ao focar a investigação sobre o conceito de “*bárbaro*”, fatalmente nos remetemos aos gregos¹¹². Inicialmente, seu emprego estava associado a todos os que balbuciavam a língua grega. Mais tarde, essa denominação foi estendida para aqueles que desconheciam os costumes da sociedade grega e também suas organizações políticas. Portanto, a princípio, a terminologia se desdobrava sobre a dicotomia “*grego-bárbaro*”, para estender-se a outra oposição:

¹¹² Frequentemente, os autores que têm como foco os estudos do conceito “bárbaro”, buscam a etimologia da palavra. Em muitos casos, se deparando com a formulação feita por Heródoto que fez uso deste vocábulo para poder diferenciar a cultura helenística da cultura persa, delineando, deste modo, a identidade dos povos gregos. Além deste, Cecília Ames (2006) aponta a utilização de “bárbaro” em Homero, remontando a um passado ainda mais longínquo.

“civilizado-selvagem” (TODOROV, 2010), para mais tarde, por fim, designar todos aqueles que não fossem *gregos* (AMES, 2006). São essas premissas que serão adotadas e ressignificadas pelos romanos séculos mais tarde, como nos explica Santiago Castellanos:

Bar-Bar-Bar-Bar-Bar... era assim que os gregos, quinhentos, seiscentos anos antes de Cristo, entendiam as línguas dos povos do norte aos quais não compreendiam. Desse som, acabaram derivando, em uma etimologia preciosista helênica, a palavra βάρβαρος (*barbaros*) no singular e βάρβαροι (*barbaroi*) no plural. Isso, naturalmente, logo ocorrerá também no mundo romano, com o latino “*barbarus*”; “*barbari*”. É essa uma etimologia, como se costuma chamar, onomatopéica. De como soavam as línguas que não entendiam terminaram criando a palavra (CASTELLANOS, 2013, p. 135).¹¹³

Além das premissas acima, e, partindo da análise de autores como Cecília Ames (2006), Santiago Castellanos (2013) e Tzvetan Todorov (2010), é possível vislumbrar que uma parcela da historiografia que lança seus olhares para esse tema tem, por vezes, como ponto de partida as raízes etimológicas do “bárbaro”, contribuindo para a solidificação de um pensamento em que os romanos são tributários intelectualmente dos gregos.

No entanto, não perdurou apenas um significado para a concepção de *barbarismo* no decurso da história de Roma. Indo para além disso, Orósio utilizou em sua obra o conceito de forma polissêmica, é dizer que o presbítero atribuiu diferentes sentidos à mesma palavra ao longo de sua obra. Minha proposta é a de investigar as diferentes perspectivas que a narrativa orosiana detém sobre a figura do “outro” e, para isso, utilizarei do debate com dada historiografia que lança distintas análises ao abordar o conceito de “bárbaro”, bem como os contrastes conforme o momento histórico vivenciado pelos romanos e pelos outros povos. Para tanto, em termos conceituais, é possível delinear diferentes concepções relacionadas às temporalidades/processos históricos variados, a saber: a) o uso do conceito na República Romana baseado nas definições gregas e o processo de expansão territorial romano e a reformulação da oposição “romano – bárbaro”; b) uma relativa cristalização das fronteiras do Império e a Constituição Antoniniana e, finalmente, c) o cristianismo e os “bárbaros”¹¹⁴.

Essa primeira definição está intimamente ligada à construção de “bárbaro” tal como

¹¹³ *Bar-Bar-Bar-Bar-Bar...* Así es como a los griegos, quinientos, seiscientos años antes de Cristo, les sonaban las lenguas de los pueblos del norte a los que no comprendían. De ese *Bar-Bar-Bar-Bar-Bar*, terminaron derivando, en una etimología helénica preciosa, la palabra βάρβαρος (*barbaros*) en singular, βάρβαροι (*barbaroi*) en plural. Que naturalmente luego pasará al mundo romano, con el latino “*barbarus*”, “*barbari*”. Es ésta una etimología, como se suele decir, onomatopéica. De cómo sonaban las lenguas que no comprendían, terminaron creando la palabra (CASTELLANOS, 2013, p. 135).

¹¹⁴ Entretanto, por delimitações do nosso trabalho, debater a noção de barbarismo em si nos escapa do propósito em foco, que é a noção a partir de Orósio, assim, nos importa a relação de alteridade construída pelo presbítero no interior de sua obra, na oposição entre “romano e bárbaros”.

estabelecida pelos gregos e que foi “absorvida” pelos pensadores romanos, no processo de expansão de Roma na orla mediterrânica. Por sua vez, ela distingue o *nós-romanos* do *eles-bárbaros*, oferecendo-nos uma construção dicotômica, na qual os gregos, porém, são substituídos pelos romanos como detentores da “civilidade”. Essa perspectiva pode ser encontrada, por exemplo, nos textos do grego Políbio¹¹⁵ ou do romano Tito Lívio¹¹⁶.

Como apontado no capítulo anterior, Orósio se utiliza de fontes pagãs para constituir seus argumentos retóricos de perspectiva apologética; por vezes, o sentido do conceito não é ressignificado, mas perpetrado por ele. Um dos exemplos dessas fontes é possivelmente Heródoto, como podemos ver nos trechos adiante:

Partindo do Sul e do Mar Vermelho, submeteu os territórios do Ponto Euxino até o extremo norte a ataques devastadores e, aos bárbaros citas, ainda fracos e inofensivos, ensinou, ao serem vencidos, a despertar sua ainda fraca crueldade, a conhecer suas próprias forças, a beber, não mais leite de animais, mas sim sangue dos homens e a vencer até o final (Oros. Hist. I, 4, 2-3).¹¹⁷

Ciro entrou em Cítia, marcou o assentamento do acampamento não longe do lugar por onde atravessou o rio e, depois, como se quisesse dar a impressão de que fugia aterrorizado, abandonou brilhantemente o acampamento com os preparativos para a refeição e a bebida já postos. [...] Os bárbaros, após serem aparentemente convidados para o banquete do acampamento, desmaiam bêbados e, posteriormente, na volta de Ciro, são todos mortos. (Oros. Hist. II, 7, 2-3).¹¹⁸

Nesta mesma época, Perseu mudou-se da Grécia à Ásia; ali submeteu os povos bárbaros a uma longa e violenta guerra e, por fim, como vencedor, deu seu nome ao povo conquistado: efetivamente, se chamam persas por causa de Perseu (Oros. Hist. I, 11, 4).¹¹⁹

¹¹⁵ Ver: LÓPEZ, Enrique J. M. Descifrando el código polibiano en lo relativo a los "bárbaro"s. In: **ARSE - Boletín Del Centro Arqueológico Saguntino**. Num. 44. 2010, p. 88-89. O autor faz uma sistematização da obra de Políbio a despeito da aplicação da categoria "bárbaro", além de sustentar a hipótese de que o autor grego escreve de acordo com as circunstâncias em que está inserido

¹¹⁶ Na obra de Tito Lívio, identificamos essa continuidade do pensamento grego quando a narrativa é direcionada em especial aos gauleses, objeto de nosso recorte no que tange ao saque do começo do século IV a.C.

¹¹⁷ Arrancando desde el Sur y desde el mar Rojo sometió en devastadoras incursiones los territorios del Ponto Euxino hasta el extremo norte, y a los bárbaros escitas, todavía débiles e inofensivos, les enseñó, al ser vencidos, a despertar su todavía torpe crueldad, a conocer sus propias fuerzas, a beber, no ya leche de animales, sino sangre de hombres, y a vencer hasta el final⁷⁸ (Oros. Hist. I, 4, 2-3). Este trecho faz referências às dominações empreendidas pelo rei assírio Nino, no século XXII a.C.

¹¹⁸ Ciro entró en Escitia, marcó el asentamiento del campamento no lejos del lugar por donde atravesó el río y, posteriormente, como queriendo dar la impresión de que huía aterrorizado, abandonó astutamente el campamento con los preparativos para la comida y bebida ya dispuestos. [...] Los bárbaros, tras ser aparentemente invitados al banquete del campamento, caen embriagados y, posteriormente, al regreso de Ciro, son todos ellos asesinados (...)(Oros. Hist. II, 7, 2-3). Remete-se a Ciro II, rei dos persas no século VI a.C. e sua morte contra o exército de Tamiris, rainha dos massagetas que habitavam as estepes da Ásia Central.

¹¹⁹ En esta misma época, Perseo pasó de Grecia a Asia; allí sometió en una pesada y larga guerra a los pueblos bárbaros y, por último, como vencedor, dio su nombre al pueblo sometido: efectivamente, se llaman persas a partir de Perseo (Oros. Hist. I, 11, 4).

Ao referir-se a determinados povos, como nas passagens que destaquei, notamos que não há maior ressignificação, pois as definições herdadas dos gregos se mantêm. Ao falar sobre os citas¹²⁰, representados como dóceis selvagens, em oposição aos assírios, senhores de um Império organizado de características belicistas e conquistadoras, emerge a oposição entre o “selvagem” em enfrentamento ao “civilizado”. Isso pode ser observado também no relato sobre a estratégia de Ciro para emboscar o exército dos citas, os quais deixam-se tomar pelos impulsos e desejos, esquecendo-se da perseguição militar que faziam a Ciro.

Não muito distinta é a relação estabelecida a partir de Perseu em confronto com os “bárbaros” pois o herói grego, ao vencer, nomeia os vencidos, ou melhor, lhes atribui identidade: são *persas* não porque se reconheciam como tal, mas porque Perseu, o personagem grego que os derrotou, impõe a eles uma forma de definição. A partir de tal momento, os persas passaram a ser conhecidos a partir da forma que os caracterizaria para a posteridade. Sabemos que Orósio não tinha como proposta os desdobramentos dos fatos mais longínquos que aborda nas *Histórias*; mas, por outro lado, suas atenções se voltavam aos elementos que poderiam ser associados ao passado romano. Mais uma vez, portanto, vemos que a proposta de história universal é um elemento retórico para a construção de uma história cristã de Roma.

Já no que tange à construção dos “bárbaros” pelos romanos durante o período republicano, se sobressai a apropriação do pensamento grego, para definir quem eram os “outros”. Cabe apontar que, em algum momento, os romanos partilharam da oposição “civilizados x selvagens”: o exemplo para esse caso é a relação com os gauleses que adentraram a Península Itálica no século IV a.C. Como já vimos, muitos séculos depois, Orósio não viria a utilizar o termo “bárbaro” para definir os gauleses: eis que, na descrição do saque realizado por Breno e os gauleses, em momento algum Orósio usa o termo “bárbaro” para defini-los. Ele chama-os de “enemigo(s)” ou “galos”, porém, não há emprego do termo “bárbaro”. No entanto, a ausência do uso do vocábulo não significa que Orósio tratou os gauleses do passado republicano de maneira diferente das convenções tradicionais que os romanos utilizavam para retratar os “outros” do passado.

Não obstante, por recurso retórico, Orósio se afasta intencionalmente da conotação pejorativa desse termo ao se referir aos gauleses; não apenas porque eles foram depois integrados ao Império, mas também porque à época eles não tiveram opção pelo cristianismo¹²¹,

¹²⁰ Povo nômade que habitava as Estepes Ponto-caspianas (ao norte do Mar Negro e do Mar Cáspio).

¹²¹ Conforme observado pelo Prof. André Luiz Leme por ocasião do Exame de Qualificação realizado em 07 de dezembro de 2018.

agiram simplesmente com a violência do mundo dos homens, de uma época difícil para todos. Inferimos, portanto, que isso justifique a escolha em não qualificar os outros povos “bárbaros”, pois, não eram cristianizados como os *godos*, e ainda, desqualificar os *vândalos*, em especial para condenar a figura de Estilício e os sofrimentos que o próprio autor alega ter vivenciado na Hispânia.

Assim, como aponta Caio Moura (2009), a representação do “bárbaro” pelos romanos está associada à violência, à selvageria e à destruição (*feritas, ferocia, belli furor*). A falta do uso de um conceito não implica diretamente a ausência de uma ideia e/ou prática, já que as ações gaulesas são representadas concernentes à rudeza e violência na narrativa orosiana. O exército gaulês era poderoso, mas derrotou os romanos de forma violenta, matou os senadores que permaneciam imóveis feito estátuas, incendiou Roma e castigou com a fome, a peste e o desespero aos sobreviventes. Ou seja, podemos não encontrar a palavra “bárbaro”, mas as ações associadas por Orósio aos invasores remete-nos prontamente à “barbaridade” que nosso autor atribuiu a eles.

Hipoteticamente, indicamos que a falta do emprego, explícito, do termo “bárbaro” por parte do presbítero corresponde a uma estratégia retórica, já que os gauleses, assim como os hispanos, há muito faziam parte do Império Romano. Imperadores, senadores e membros da aristocracia romana tinham ancestrais de origem gaulesa; portanto, por mais que haja contornos de “barbarismos” atribuídos a esses diferentes povos, tal se remete ao passado mais distante, pois que, no presente, se tratava de galo-romanos ou hispano-romanos, que integravam o Império.

Tal elaboração vai na direção da proposta elaborada por Cecilia Ames (2006), ao analisar a obra *De bello gallico*, de Júlio César. Nesse caso, a autora nos conduz para o discurso narrativo do comandante militar romano que se diferencia da dicotomia “gregos” e “bárbaros” para apresentar uma nova configuração sobre “quem são os outros não-romanos”, em especial os povos que habitavam a Gália, a Germânia e a Britânia. Há, portanto, uma reformulação da categoria “bárbaro”, para atender melhor às ambições imperialistas de Roma sobre as terras além dos Alpes. Não obstante, a autora acrescenta, essa reconfiguração dará base para formulação de novos entendimentos sobre o *outro* por parte de escritores cristãos e, mais tarde, inclusive por autores na modernidade.

Ames (2006) argumenta ainda que a definição helenística de “bárbaro” não atendia às necessidades da conjuntura romana, pois, estes *outros* agora são aliados de Roma e, posteriormente, seriam habitantes de províncias romanas e, finalmente, romanos (em termos político-jurídicos, ao menos). Assim, seria necessário adotar uma outra perspectiva em relação

à questão: catalogar e hierarquizar esses povos estrangeiros seria um caminho adotado, conforme o seu “grau de periculosidade ou barbarismo”, como afirma a autora:

Ao contrário dos germânicos, os gauleses, embora desleais e inconstantes, podem aprender com os romanos a integrar-se ao seu domínio, **são romanizáveis**; os germânicos, pelo contrário, por serem muito mais selvagens, **devem permanecer fora deste processo** (AMES, 2006, p. 27, grifos meus).¹²²

Esse pequeno trecho elucida a nova perspectiva com que os romanos tratariam os *outros*, por meio de um processo de hierarquização articulado à possibilidade de integrá-los ou não ao Império. Para tanto, a oposição pautada na visão grega é, aos poucos, transformada em uma nova configuração do “*bárbaro*”, mas também do “*romano*”, pois Roma não mais se resumia apenas à Península Itálica, como também não se tornava possível definir uma etnia romana, já que o que vai prevalecer é a associação com o ideal de *humanitas*, como elemento que inclusive permitiria a integração à sociedade romana.

Deste ponto de vista, entendo que a perspectiva de Orósio possui semelhanças com aquilo que se nota na obra *De bello gallico*, quando se abordam as conquistas empreendidas por Júlio César no seu Livro VI. Para tanto, nosso autor reproduz a visão do general romano sobre os vencidos, fazendo uma transição na ressignificação dos conceitos, como apontei, entre a tradicional visão dicotômica grega do “selvagem *versus* civilizado” e aquela representada pela oposição “romanos *versus* germanos”, já que esses últimos não poderiam ser “romanizados” e, portanto, deveriam ficar para além das fronteiras. Ao mesmo tempo, o conceito passaria a sofrer outra ressignificação, na qual o “*bárbaro*” é aquele que vive além das fronteiras do Império Romano.

Minha hipótese se desdobra em apontar que são definidos como “*bárbaros*” todos aqueles que estão para além das fronteiras do Império. Essas diferentes categorizações se justapõem ao largo da produção historiográfica, pois, ao pensar no “*bárbaro*” – levando em conta as transformações apresentadas desde a etimologia da palavra até a consolidação do Império, é o *não-romano* que viveria além do *limes*. Dentre esses inúmeros povos, os *germanos* tiveram destaque na historiografia do período imperial, embora não existisse uniformidade entre os grupos populacionais que habitavam as regiões para fora do Império. Assim, a

¹²² En contraposición a los germanos, los galos, aunque son desleales e inconstantes, pueden aprender de los romanos e integrarse a su dominio, **son romanizables**; los germanos, por el contrario, al ser mucho más salvajes, **deben permanecer fuera de este proceso** (AMES, 2006, p. 27, grifos nossos).

associação na qual o *germano* figura como o “*bárbaro*” por excelência se amplia na produção historiográfica romana¹²³ e, igualmente, conheceu mudanças em relação aos seus possíveis significados.

Para tanto, recorro à análise feita por Hervé Inglebert (2002). Segundo o autor, ao tempo do Império, a oposição *romano/bárbaro* é diferente daquela *grego/bárbaro*, pois essa última se baseava no binômio cultural fundado no *eu/outro*, enquanto a primeira se fundamentava em oposição geográfica entre o *interior* e o *exterior* das fronteiras que será reforçada pela Constituição Antoniniana de 212¹²⁴, ao criar um elemento comum de identificação dentro do Império, fornecendo uma definição clara sobre o *romano*: quer dizer, a construção da identidade se dá a partir das relações entre habitantes livres/cidadãos do Império.

Continuemos com a perspectiva de Inglebert. O processo de estabilização das fronteiras imperiais fomenta outra definição de quem são os “romanos” e quem são os “outros”. Temos, assim, uma dicotomia entre o *bárbaro interior* e o *bárbaro exterior*, mesmo que o primeiro, pelo fato de por vezes não ser identificado enquanto romano, conviva ao lado dos romanos. Essa construção é possível ser observada na escrita de Orósio, ao explicar a geografia e os limites romanos: “Agora falarei da zona que, separada pelo Danúbio do território bárbaro, chega até nosso mar” (Oros. Hist. I, 2, 54)¹²⁵.

A estabilização do *limes* e a obediência ao *imperium* se tornam elementos aglutinadores da identidade aos habitantes do Império: isto é, tornava-se possível que alguém, mesmo sem ser juridicamente romano, fosse visto dessa forma quando integrado à realidade geopolítica do Império. Portanto, para além da definição jurídica da identidade, tem-se a identidade a partir da obediência ao imperador e a existência de fronteiras. Depois da definição abstrata de identidade, temos uma tomada de consciência da unidade romana que passara a compor os conceitos de *Romanitas*¹²⁶ em oposição ao de *Barbaricum*¹²⁷. Assim, os *germanos* dificilmente seriam integrados ao Império, devido a essa tomada de consciência. Porém, segundo Hervé Inglebert

¹²³ Como já mencionado, pode-se verificar essas construções em *De bello gallico* de Júlio César e na *Germania* de Tácito.

¹²⁴ Constituição Antoniniana foi um édito promulgado em 212 por *Caracala*, que por sua vez estendia a cidadania romana a todos os homens e mulheres livres dentro do território romano, com exceção aos bárbaros que atuavam como tropas auxiliares (*deditici*) (FRIGHETTO, 2012, p. 64).

¹²⁵ “*Ahora hablaré de la zona que, separada por el Danubio del territorio bárbaro, llega hasta nuestro mar*” (Oros. Hist. I, 2, 54).

¹²⁶ Segundo Inglebert (2002), a *Romanitas* não equivale ao direito romano, mas sim a uma maneira de viver romana, no sentido material e psicológico, ou seja, o direito romano é um dos componentes que compõem esse viver. O termo *Romania* é atestado nos textos, mas não na epigrafia, se encontra em latim por volta de 330 e 340. Durante um século, o termo foi sempre empregado em oposição aos bárbaros exteriores, para designar o território romano e no século V, igualmente para designar o poder romano.

¹²⁷ Inglebert define que o *Barbaricum* era utilizado de início para designar as regiões transdanubianas, foi posteriormente aplicada a todas as regiões externas ao Império.

(2002), será necessário outro instrumento para que seja possível essa integração, no caso, a religião cristã.

Na obra de Orósio, a perspectiva do “bárbaro” assume diferentes significados, como observamos até o momento e, por sua vez, estão imbricados nas fontes utilizadas por nosso autor. No entanto, partindo dos fatos que lhe são contemporâneos, o presbítero lança outros olhares sobre aqueles que atravessaram as fronteiras e desafiaram o Império Romano no passado mais imediato. Se tratava, pois, de inimigos da *Romanitas* que, de diferentes modos, tentavam atacar ao Império. Vejamos, por exemplo, o momento em que Alarico, chefe dos godos, apoia a usurpação do senador Prisco Átalo em 409:

Pois bem, da mesma forma, Roma, após a mesma quantidade de anos, ou seja, mil cento e sessenta e quase quatro anos mais, foi atacada e privada de suas riquezas, ainda que não de seu império, pelos godos e por Alarico, seu rei, e pelo prefeito da cidade. Apesar disso, se mantém e prevalece sem danos. E ainda que em virtude de decisões obscuras tenha se mantido entre as duas cidades uma ordem de total igualdade até que, no caso da Babilônia, seu próprio prefeito Átalo tenha tentado governar, entretanto, somente no último caso se tenha visto frustrado a tentativa dos bárbaros graças à coragem de um imperador cristão (Oros. *Hist.* II, 3, 4).¹²⁸

Mas também os bárbaros, se conseguirem dominar aos povos que agora confundem com a guerra (o que Deus não permita), tratarão de reconstruí-los com seus costumes e terminarão sendo chamados de grandes reis pelos séculos vindouros, aqueles que agora são julgados como cruéis inimigos por nós (Oros. *Hist.* III, 20, 12-13).¹²⁹

É importante antecipar que Orósio, ao longo de seu texto, sempre se mostrou contrário a qualquer tipo de usurpação, como podemos notar nesse trecho destacado. Além da usurpação promovida por Átalo e estimulada por Alarico, que ameaçou o poder imperial, ou seja, o trono de Honório, que ainda governava no Ocidente nos dias em que eram compostos os livros da obra orosiana, seria no mínimo cauteloso defender o imperador nesse momento. No entanto, o que nos importa é o fato de que a aliança entre o senador e os godos era apresentada como uma ameaça ao Império ou à *Romanitas* como um todo, e salvos pelas virtudes de um imperador

¹²⁸ Pues bien, de la misma forma, Roma, tras un número igual de años, es decir, mil ciento sesenta y casi cuatro más, ha sido atacada y privada de sus riquezas, aunque no de su imperio, por los godos y por Alarico, rey de aquéllos, y por el prefecto de la ciudad; a pesar de ello se mantiene todavía e impera incólume. Y aunque en virtud de ocultas decisiones se haya mantenido entre una y otra ciudad un orden de total identidad hasta el punto de que, en el caso de Babilonia, su propio prefecto Arbato se apoderó del imperio y, en el de Roma, también su propio prefecto Atalo ha intentado reinar, sin embargo, sólo en el último caso se ha visto frustrado el intento de los bárbaros gracias al valor de un emperador cristiano (Oros. *Hist.* II, 3, 4).

¹²⁹ Pero también los bárbaros, a los pueblos que ahora turban con la guerra, si consiguen dominarlos (lo cual no lo permita Dios), tratarán de reconstruirlos con sus costumbres y terminarán por ser llamados grandes reyes por los siglos venideros, quienes ahora son juzgados como crueles enemigos por nosotros (Oros. *Hist.* III, 20, 12-13).

para quem se enfatiza o fato de se tratar de um cristão.

Em minha premissa, aponte para a heterogeneidade utilizada por Orósio em sua obra: ainda que definidos como “*bárbaros*”, as características que compunham esses indivíduos se alteram conforme o momento histórico romano. Nesse sentido, é possível salientar que o “*bárbaro*” do século IV a.C. representado por conta do saque de Roma, não é o mesmo que saqueava Roma em 410 d.C. Não há, portanto, uma definição de caráter único que enquadre todos aqueles que talvez pudessem ser rotulados como “*bárbaros*”; por outro lado, não foi estipulada, em termos de vocabulário, definições para todos esses momentos históricos e para todos os povos que viviam para além do Reno, Danúbio e outras fronteiras. Notamos, por fim, que a definição é normalmente trabalhada em relação aos *bárbaros-invasores* do Império, donde emerge o modelo do *bárbaro* como antagonista de Roma.

Conjuntamente a isso, proponho outros olhares para esses saques, partindo da análise de nosso autor. Nessa leitura, no que tange ao comparativo entre os dois saques, é de que na perspectiva de Orósio faz-se necessário justificar a queda de Roma, não só pelo caráter do evento em si, mas por causa dos motivos que levaram a ele. Nesse sentido, tomando como ponto de partida o feito do saque de Breno no distante século IV a.C., notei que Orósio inicia o capítulo enunciando as qualidades do povo gaulês, talvez não porque de fato acordasse com essa valorização, mas por estar inserido dentro de uma tradição historiográfica em que as *Gálias* já são parte do Império “querido por Deus”. Portanto, omitir ou não referenciar os gauleses por meio da construção de bárbaro significa: 1) explicar que Roma é saqueada por um povo distinto e valoroso que consegue opor-se ao forte e crescente poder de Roma; 2) minimizar a tragédia da história de Roma ao valorar o inimigo, ou seja, Roma não perdeu para uma turba de bárbaros desordenados, mas para um poderoso exército de força e valor desconhecidos que cruzaram os Alpes; 3) Orósio compreende que a Gália é parte do território romano; 4) é necessária para embasar a sua construção historiográfica o fato de que os tempos anteriores sejam piores aos tempos posteriores à vinda de Cristo, mas cabe lembrar que, nesse primeiro recorte temporal, Roma e o Cristianismo estão distantes, ou seja, trata-se de um período da história de Roma em que não havia, é claro, religião cristã. Porém, a dualidade de Orósio reside justamente nessa complexidade em “ser cristão” e “ser romano”.

3. O SAQUE GODO: A PUNIÇÃO DIVINA CONTRA A CIDADE PAGÃ

No presente capítulo, minha investigação se volta para o processo em que Orósio promove a substituição da “dicotomia romano-bárbaro” pela relação de oposição “cristão-pagão”, que se encaminhou da Antiguidade Tardia para todo o Medievo Ocidental. Orósio demonstra em sua narrativa, em especial na descrição do Saque de Roma executado por Alarico e seus *Godos*, as mudanças que poderiam ser observadas no fim do século IV e que perdurariam na formação dos Reinos ditos “bárbaros”. As fronteiras haviam vacilado, e o inimigo que amedrontava as cidades do Império compartilhava a religião do Imperador, constituindo uma nova trama para as relações entre os diferentes grupos, sendo que a construção de processos de identificação envolvia novos parâmetros binários: o “romano”, como expressão de “cristão”, em oposição ao “barbarismo”, associado então ao “paganismo”. O foco do capítulo reside nesse jogo de oposições tal como se nota na obra orosiana.

Entendendo a postura providencialista que fundamenta a obra de Orósio, bem como o desejo de defender a causa cristã frente aos ataques pagãos a respeito do significado do saque de 410 d.C. e, por fim, consolidar sua tese de que os tempos de Orósio (*tempora christiana*) são melhores que os tempos passados (*praeteria tempora*), nosso autor vai construir nos últimos capítulos do Livro VII uma narrativa em favor dos *godos* (cristãos) que saquearam a “*soberbia, lasciva y blasfema ciudad*”¹³⁰. Portanto, o Saque dos *Godos* é um castigo enviado pela Providência para punir os pecadores pagãos, mostrando ao mesmo tempo a vitória do cristianismo. Essa prerrogativa se desdobra a partir do ponto onde os tempos futuros serão promissores, graças à continuidade do cristianismo que colocaria lado a lado “bárbaros” e “romanos”, como, por exemplo, na narrativa dos cálices de Paulo durante o saque empreendido pelos *godos*, como veremos abaixo.

Notei que a definição largamente difundida através dos textos da Antiguidade clássica, a do *bárbaro* enquanto o “inculto” e/ou o “incivilizado”, se estende aos *bárbaros- invasores* do Império, representados como antagonistas de Roma e “causadores de sua destruição”. Essa, por outro lado, é apenas parte de preocupações que surgem ao estabelecer diálogo com a obra de Orósio; interessa-me, ao cabo, a maneira como o nosso historiador estabelece essa distinção entre aqueles que figurariam como *bárbaros* do século IV a.C. e os *bárbaros* do século V d.C.

Porém, a atenção se estende para além do antagonismo *romano x bárbaro*. Busco elucidar as inquietações de Orósio como historiador do século V, ou seja, como a sua proposta de elaborar uma “História Cristã de Roma” se configura dentro de determinado período.

¹³⁰ Oros. Hist. VII, 39, 18.

Sendo assim, no segundo caso, ao fazer a construção acerca do Saque de Alarico, Orósio também busca explicá-lo para justificar os desígnios divinos. Para tanto, salienta que os *godos* de Alarico eram cristãos – apesar de terem saqueado as cidades do império, de não fazerem parte da *Romania*, de serem assim considerados como “bárbaros” inimigos do Império e de, mesmo cristianizados, serem hereges¹³¹ (pois seguiam o credo ariano) – inseria-os em um discurso em que se tornam instrumentos da ira divina para punir a cidade de Roma, que sob a perspectiva de Orósio era tida por corrupta, lasciva e opulenta.

No que se refere às temporalidades operadas por Orósio, em sua narrativa, quando compara os eventos (como por exemplo, os dois saques de Roma), acaba por diferenciá-los, lançando mão de uma interpretação histórica dos acontecimentos que relaciona o passado ao presente, assim, reconstruindo um contexto próprio para a sua narrativa dentro de uma dimensão temporal. E, para além disso, Orósio nos proporciona uma leitura otimista de futuro, baseada na continuidade do Império Romano e também do cristianismo, uma vez que obra *Historiae adversus paganos* nega que o saque de Alarico em 410 d.C. daria início ao Apocalipse e, ao fazê-lo, proporciona uma leitura de futuro de integração dos povos *bárbaros* sob a égide do cristianismo.

3. 1 OS GODOS NO INTERIOR DA OBRA DE ORÓSIO

Como apontado anteriormente, os *godos*, em especial os liderados por Alarico, permeiam toda a obra; no entanto, o contato entre romanos e os povos que viviam próximos e/ou para além da fronteira do Baixo Danúbio era recente na história romana, datando de meados do século III¹³². O nosso historiador vai confirmar, em parte, essas questões ao nos

¹³¹ Pedro Martinez Cavero, chama Valente de “emperador hereje” (MARTINEZ CAVERO, 2002, p. 265). O próprio Orósio se refere a Constâncio e a Valente como hereges. Mas são os únicos. Oros. Hist. VII, 32, 6 e em 33, 19. (Valente) Oros. Hist. VII, 29, 1-3 (Constâncio e Arrio). Pelo que pesquisamos na obra, a heresia só está ligada ao Arianismo. Não encontramos algo sobre o culto priscilianista e o pelagianismo, já que são os temas das outras duas obras do Orósio. Pensamos que ele não condena os *godos* por serem arianos, pois como o Professor André (ver nota 82, p. 59, deste trabalho) apontou sobre os gauleses e o próprio Orósio aponta sobre os *godos*, eles não tiveram escolha. No caso dos Gauleses não conheciam o cristianismo, já sobre os *godos*, o arianismo foi levado até eles. Oros. Hist. VII, 33, 19.

¹³² Pouco se sabe sobre as origens dos *godos* antes do encontro com os romanos. Eles podem ter vindo da Escandinávia, segundo algumas fontes, ou da atual Polônia. Pode se dizer que eram de origem germânica, ainda que Jordanes informe que os *godos* vieram originalmente da Escandinávia, mais especificamente *Gotland* ou *Götaland* (que pode ser traduzido como “Terra dos *Godos*”). Possivelmente devemos levar em conta a perspectiva de que Jordanes, em sua *Gética*, tenha nos fornecido informações duvidosas, como suspeita Michael Kulikowski. No entanto, não é intenção desse trabalho resolver as questões sobre as origens *godas*; para tanto, nos importa apontar que, ao que parece, *godos* e romanos estabeleceram contato aos fins do século III. Alguns historiadores, como Peter Heather, assim como o próprio Michael Kulikowski, argumentam que Jordanes apresenta uma genealogia fictícia de Teodorico e uma história fictícia dos *godos* por propósitos de propaganda e lançam dúvida

apresentar o primeiro contato entre romanos e *godos* no seu sétimo livro, como segue no trecho abaixo:

Repentinamente, com o consentimento de Deus, libertam-se por todas as partes os povos que tinham sido convenientemente empregados e colocados ao redor das fronteiras do Império e, quebrados os freios, se lançam contra todos os territórios romanos. Os germânicos, após atravessar os Alpes, Retia e toda a Itália, chegam até Ravenna; os alemães, em sua expedição à Galícia, passam também pela Itália, Grécia, Macedônia, o Ponto e Ásia são destruídos por uma invasão goda; e no que diz respeito à Dacia além do Danúbio, se perde para sempre. Os quadi e sármatas assolam os territórios de Panônia; os germânicos dos territórios mais distantes barram e se apoderam da Hispânia; os partos tomam a Mesopotâmia e arrasam a Síria. Restam, no entanto, pelas diferentes províncias, entre as ruínas das grandes cidades, pequenos e míseros lugares que conservam sinais de suas desgraças e a lembrança de seu nome; entre elas, inclusive na Hispânia eu me lembro agora, para consolo de minha recente desgraça, a nossa Tarragona (Oros. Hist. VII, 22, 7-8).¹³³

Muito possivelmente, esse é o primeiro contato entre os dois povos, segundo a narrativa de Orósio. Em outros momentos da obra, eles são apenas referenciados e usados como argumento para as comparações organizadas pelo autor¹³⁴. Aqui ainda vale ressaltar que a intencionalidade narrativa de Orósio é de que as turbas de *bárbaros* enviados para as fronteiras são de consentimento divino e emergem como instrumentos punitivos aos romanos¹³⁵, reforçando o discurso providencialista veiculado pelo texto.

Ainda prezo uma outra análise sobre o trecho destacado a respeito das regiões do Império assoladas pelo assalto *godo*, sendo que, aqui, Orósio não beneficia os godos, são invasores, portanto inimigos de Roma, mas por outro lado, não glorifica a pessoa do Imperador

sobre a origem escandinava. Podemos nos remeter a outros textos históricos do Império Romano que fazem menção aos *godos*, como por exemplo Amiano Marcelino, que trata do processo migratório e os conflitos entre romanos e *godos* entre 377 e 382. Sobre essa discussão ver: HEATHER, P. **La caída do Imperio romano**. Barcelona Editora: Crítica, 2006. p 446-456.; Ver KULIKOWSKI, M. **Guerras Góticas de Roma**. Trad. Glauco Micsik Roberti. São Paulo: Madras, 2008. p. 61-89.

¹³³ De repente, con el consentimiento de Dios, se sueltan por todas partes los pueblos que habían sido convenientemente colocados y puestos alrededor de las fronteras del Imperio y, rotos los frenos, se lanzan contra todos los territorios romanos. Los germanos, tras atravesar los Alpes, Retia y toda Italia, llegan hasta Rávena; los alamanos, en su expedición a las Galias, pasan también a Italia; Grecia, Macedonia, el Ponto y Asia son destruidas por una invasión de *godos*; y en lo que respecta a la Dacia de más allá del Danubio, se pierde para siempre; los cuados y sármatas asolan los territorios de Panonia; los germanos de los territorios más lejanos barren y se apoderan de Hispania; los partos toman Mesopotamia y arrasan Siria; quedan todavía por las distintas provincias, entre las ruinas de las grandes ciudades, pequeños y míseros lugares que conservan señales de sus desgracias y el recuerdo de su nombre; entre ellas, incluso en Hispania recuerdo yo ahora, para consuelo de mi reciente desgracia, a nuestra Tarragona (Oros. Hist. VII, 22, 7-8).

¹³⁴ Essa discussão será melhor aprofundada ainda nesse capítulo.

¹³⁵ Compartilho a premissa apresentada por Santo Mazzarino, em que as migrações dos referidos povos são, para Orósio, de consentimento divino e que são para punir as culpas romanas. *In*: MAZZARINO, S. **O fim do mundo antigo**. Tradução Pier Luigi Cabra. São Paulo: Martins Fontes, 1991. 64-65. Perspectiva também defendida por Javier Higuera Palomares. HIGUERAS PALOMARES, J. **Historiografía Tardoantigua Cristiana**: Paulo Orósio. 201. 79 páginas. TCC (Graduação em Geografia e História). Universidad de Jaén, Jaén, 2017. p. 75.

– referencia à pessoa de Honório, pela vitória sobre os *godos*, diferente de outros momentos do texto, como apresentarei adiante.

Mas, antes disso, Orósio vai reafirmar, pautado no uso de suas fontes, que *getas*, *citas* e *godos* são nomes, ou melhor dizendo, denominações para o mesmo povo que habitava aquela região danubiana, como pode ser observado nesse pequeno trecho logo no início de sua obra: “De fato, os Getas, que agora se chamam godos” (Oros. *Hist.* I, 16, 2.)¹³⁶. Ora, problematizemos essa questão, partindo da análise de Juan Ramón Carbó García¹³⁷, de que essa era uma escolha feita pelos historiadores da época; o mesmo vale para o caso dos *citas*, segundo Michael Kulikowski¹³⁸. Por assim dizer, *citas* e *getas* eram vistos como os *bárbaros* por excelência e, por conseguinte, essa relação é estendida aos *godos* com a intenção de defini-los dentro de um panorama das tribos que habitam aquela região. Portanto, como já apontei anteriormente, Orósio não rompe totalmente com as tradições historiográficas das quais se serve para constituir sua obra.

Vale lembrar que o terceiro século foi marcado por transformações que, em grande medida, se deviam ao momento de instabilidade interna e externa¹³⁹ pelo qual passou o Império. É dizer que, a partir desse período, o Império passou a enfrentar diferentes investidas que ameaçavam a estabilidade do território romano em alguns pontos das fronteiras. As investidas contra o território romano haviam se tornado uma ameaça constante, especialmente por parte dos povos vindos no norte da Europa. A busca por estabilidade impulsionou campanhas militares contra os povos não-romanos que haviam atravessado os *limes*, dentre os quais destacamos os *godos*¹⁴⁰.

¹³⁶ “Efectivamente, hace poco, los Getas, que ahora se llaman godos” Oros. *Hist.* I, 16, 2.

¹³⁷ CARBÓ GARCÍA, J. R. *Godos y getas en la historiografía de la Tardoantigüedad y del Medievo: un problema de identidad y de legitimación sociopolítica. Studia historica.* Historia antigua, ISSN 0213-2052, N.º 22, 2004 (Ejemplar dedicado a: Identidades y culturas en el Imperio Romano), p. 179-205. 22.

¹³⁸ De acordo com Kulikowski, para os gregos os *godos* eram “ *citas*”, nome antigo que já se encontrava em Heródoto. Viviam, possivelmente ao norte do Mar Negro, onde hoje se localiza a Moldávia e a Ucrânia. Heródoto retratou os *godos* como exóticos: “viviam em seus cavalos, comiam carne crua, vestiam-se de forma engraçada e eram estranhos não só aos gregos, mas aos outros povos”. Aqui, o autor nos traz um problema, que é o da canonização de determinados escritores, que fez com que outros escritores mantivessem a forma de escrita, ou seja, os “ *bárbaros exóticos*” aos olhos de Heródoto se mantiveram dessa forma porque os autores antigos perpetuaram sua visão. Levando isso em conta, somando ao fato de que os escritores gregos e romanos acreditavam em uma tipologia de bárbaro imutável, temos como resultado a ideia de que os *godos*, ao surgirem nas fronteiras, são assemelhados aos *citas* e foram assim confundidos com eles. A utilização do mesmo vocabulário para definição de povos distintos impõe uma barreira aos historiadores, reforçando a importância em investigar como Orósio aponta de outro modo para os *godos* no século V. Ver KULIKOWSKI, M. **Guerras Góticas de Roma.** Trad. Glauco Micsik Roberti. São Paulo: Madras, 2008. p. 30

¹³⁹ Aqui aponto para os diferentes eventos que contribuíam para a instabilidade, desde a chamada Anarquia Militar, a Peste de Cipriano (Orósio enxergava a peste como castigo pelas perseguições contra os cristãos – ver Oros. *Hist.* VII, 22), a forte pressão exercida pelo Império Sassânida e até mesmo as condições financeiras e monetárias. No entanto, não eram todas as regiões do Império que passavam pela mesma situação, como foi o caso da África e da Hispânia. CORASSIN, M. L. **Sociedade e política na Roma antiga.** São Paulo: Atual, 2001. p. 100-102.

¹⁴⁰ Concordo com Sandro Teixeira Moita a respeito da importância da guerra para as sociedades germânicas. Em

Desde a primeira invasão gótica ao território romano, a tensão era alta entre os romanos e o povo guerreiro, definido como *bárbaros* por possuírem uma cultura alheia e serem provenientes de terras que não integravam o território romano (a visão de Heródoto ainda perdurava após tantos séculos, porém agora, sob a perspectiva romana, como vimos no Capítulo 2). Ainda assim, muitos *godos* serviram como soldados do exército romano, adaptando-se ao estilo de vida e integrando-se, portanto, à vida cotidiana dentro das fronteiras imperiais.

Aponto aqui que, apesar da interação entre romanos e *godos* no *limes* danubiano existirem ao logo da presença romana na região, é possível que os primeiros embates bélicos entre ambos os povos tenham se dado no século III¹⁴¹.

As relações eram de pressão no Baixo Danúbio e, conforme a guarnição das fronteiras do Império diminuía numericamente, os *godos* aproveitavam tal fragilidade para pilhar as cidades próximas e, em algumas ocasiões, foram mais longe – como nos mostra o trecho que destaquei anteriormente. Podemos considerar essas incursões de pilhagem no interior do Império Romano não apenas nas cidades que beiravam o *limes*, como Histria e Abritus¹⁴², ou seja, indo para além da província da Mésia (Superior e Inferior), se lançando em regiões mais ao sul, como a Trácia e a Macedônia¹⁴³ e, para o leste, como a Anatólia¹⁴⁴. Cidades como Atenas, Rodes e Creta também foram alvos dos saques, após a segunda metade do século III. Segundo nosso autor, os *godos* assolaram por quinze anos a Ilíria e a Macedônia¹⁴⁵, mas por fim foram derrotados por Cláudio II, o “Gótico”¹⁴⁶ (268-270) e depois por Aureliano (270-275)¹⁴⁷.

Possivelmente na data de 268, os *godos* foram derrotados pelo exército imperial sob o comando de Aureliano, então *magister equitum*, e forçados a se retirar para a outra margem do

especial “*os Godos sempre buscaram a Guerra, é necessário ter em mente o papel da atividade bélica nas antigas sociedades germânicas. Ela não era somente uma luta pelo poder, mas um complexo ritual que conferia um status e prestígio diferenciados aos guerreiros nesta sociedade*”. Essa forma de organização social será um fator de destaque durante o século IV, tanto para *godos* quanto para os romanos, em especial no tratado firmado por Teodósio em 382 e mais tarde no próprio surgimento do nome Alarico. Para tanto, ver MOITA, S. T. Conflito e Cooperação—Os Polos das Relações Romano-Góticas. **Plêthos**. ISSN: 2236-5028 N° 2, 2012, p. 13-26.

¹⁴¹ R. Frighetto (FRIGHETTO, R. **A Hispania Visigoda (Séculos VI–VII) e a Antiguidade Tardia**: Algumas Considerações. Revista Territórios & Fronteiras, Cuiabá, vol. 6, n. 1, jan.-jun., 2013. p. 10) aponta para campanhas de Marco Aurélio que, no Danúbio, teria lidado com os *godos*, diferente de M. Kulikowski (*In Ver KULIKOWSKI, M. Guerras Góticas de Roma*. Trad. Glauco Micsik Roberti. São Paulo: Madras, 2008. p. 35 e 45), que apresenta a possibilidade de interação em meados do século III. Em consonância com Orósio (Oros. Hist. VII, 23, 1), que aponta os *godos* em sua obra dando combate com as tropas lideradas por Cláudio II em 270 Naissus (atual Nish).

¹⁴² Atuais Istria na Romênia e Razgrad na Bulgária.

¹⁴³ A região da Macenônia corresponde atualmente para porções de terra da Macedônia, Grécia, Albânia e Bulgária.

¹⁴⁴ Se refere a atual península da Anatólia na região da Ásia Menor.

¹⁴⁵ Oros, *Hist.* VII, 23, 1.

¹⁴⁶ É possível apontar que, ao tempo de Cláudio II, ocorreu a primeira derrota dos *Godos*. No entanto, partindo de M. Kulikowski, é difícil afirmar por quanto tempo antes os romanos mantiveram contato com os *godos*: o dado mais concreto seria justamente o epíteto conferido ao imperador Cláudio II, conhecido como “o Gótico”. Ver KULIKOWSKI, M. **Guerras Góticas de Roma**. Trad. Glauco Micsik Roberti. São Paulo: Madras, 2008. p. 45.

¹⁴⁷ Oros. *Hist.* VII, 23, 2-5

Danúbio. Já na província da Dácia, que não tornaria a fazer parte das extensões do Império, se instalaram definitivamente na região e, a partir deste momento, a cultura e a política dos *godos* passaria, gradativamente, a ser alterada pelas relações diretas com o Império Romano.

Foi durante o século III, mais especificamente a partir da terceira década, que se observou um significativo processo de transformação que afetou as estruturas políticas, sociais, culturais e econômicas do Império Romano. Como já aponte, a situação de instabilidade interna e externa, em algumas regiões, favoreceu o surgimento de novas condutas no interior das estruturas do Estado romano, dentre as quais destaco aqui o aumento considerável da representação social da ordem equestre dentro da estrutura administrativa, ocupando cargos de confiança que anteriormente pertenciam a membros do Senado; a maior concentração de propriedades latifundiárias e a valorização das *villae*; a sacralização da pessoa do imperador, que a partir de Septímio Severo tomava um caráter divino, deixando de ser o *princeps* para tornar-se o *dominus*¹⁴⁸. Assim, o regime caracterizava-se por uma maior centralização do poder nas mãos do monarca e por ser bastante militarizado. Neste novo sistema, a figura do imperador era fundamental e a construção de uma imagem positivada, de força e coesão, passou a fazer parte da política imperial. É desta época a ideia de se adornar o imperador para que seus súditos o reconhecessem e o respeitassem pelos símbolos que ele carregava.

A partir de Diocleciano (284-305) houve, portanto, uma cristalização desse novo modelo imperial que, segundo historiadores¹⁴⁹, já vinha tomando novos contornos desde a época de Marco Aurélio (161-180) ou mais tarde com Septímio Severo (193-211). Diocleciano, em conjunto com Maximiano (286-305), reorganizou a administração imperial com a criação da Tetrarquia¹⁵⁰, sistema de governo baseado na divisão administrativa entre quatro titulares,

¹⁴⁸ O Dominato é marcado pela aproximação mítico-religiosa feita pelos imperadores, de forma que tudo que os cercava era tido como sagrado, afirmando o direito divino dos soberanos e reforçando a influência oriental. In: FRIGHETTO, R. **A antiguidade tardia**: Roma e as monarquias romano-bárbaras numa época de transformações (Séculos II – VIII). Curitiba: Juruá. 2012. p. 94-96.

¹⁴⁹ FRIGHETTO, R. **A antiguidade tardia**: Roma e as monarquias romano-bárbaras numa época de transformações (Séculos II – VIII). Curitiba: Juruá. 2012. p. 61-62; ALFÖLDY, Geza. Historia social de Roma. Tradução Víctor Alonso Troncoso. Madrid: Alianza, 1996. p. 140. Ainda em Geza Alföldy (1996, p. 140) nas Notas de Rodapé o autor faz menção a uma discussão bibliográfica anterior, apontando que “Que la evolución fue continua y progresiva, y que los conceptos de Principado y Dominado no pueden denominar dos períodos históricos tajantemente separados el uno del otro, es algo evidente”.

¹⁵⁰ Inicialmente, dividiu o império em duas partes (285), ocidental e oriental, com dois augustos reinantes. Ao seu homem de confiança, Maximiano, entregou o governo da metade ocidental do Império, enquanto ficava com a parte oriental. Em seguida, repartiu mais ainda o poder num sistema hoje chamado de tetrarquia, implantado para acabar com as agitações nas sucessões imperiais (293). Porém, havia um indiscutível predomínio de autoridade de Diocleciano sobre os demais, reforçando a progressiva centralização de poder. O governo do Ocidente ficou, assim, dividido entre Maximiano, a quem coube a Itália e a África, e o César Constâncio Cloro, que recebeu a Bretanha, a Gália e a Espanha. Enquanto no Oriente, a maior parte, inclusive o Egito, ficava com o próprio Diocleciano, e as regiões do Danúbio e da Ilíria eram confiadas ao César Galério. Diocleciano acreditava ser fundamental promover um controle próximo às fronteiras. Cabe lembrar que neste período as invasões eram constantes e ameaçavam a unidade do Império Romano. Além disso, o envio de tropas às regiões longínquas

melhorando a gestão e a defesa do território romano a fim de manter a unidade imperial. Além disso, a institucionalização do *dominus* levou a uma forte burocratização do aparato administrativo, devido à hierarquização e especialização de funções e cargos.

Nos importa saber sobre as transformações empreendidas, pois remete-nos à estrutura imperial em que viria a ser baseado o Império Romano no século seguinte. É dizer que tais medidas sobreviveram, embora não intactas, nas décadas seguintes, sendo que foi justamente com tais mecanismos e práticas, que os *godos* e, mais tarde, Alarico, tiveram que lidar, nos auxiliando na compreensão da relação empreendida entre romanos e *godos*.

Após o fim da Tetrarquia, deu-se início a uma sucessão de guerras civis entre 307 até 313, protagonizada pelas famílias ligadas a Diocleciano e Maximiano. Entre 313 até 316, os remanescentes dos conflitos anteriores, Constantino e Licínio, mantiveram relação de equilíbrio até a retomada dos conflitos, dos quais o primeiro saiu vitorioso. De início, a disputa entre ambos era pelo controle das populações do médio e baixo Danúbio, como apontado por Frighetto e Kulikowski¹⁵¹; mais uma vez, somos impulsionados a pensar na crescente importância que os *godos* adquiriam, não só para a região, mas para os interesses imperiais de forma mais ampla. Deste modo, justificavam-se as ações de Constantino, na década de 320, quando sancionou uma série de construções (em especial pontes e fortes) com o objetivo de manter o controle sobre a região danubiana.

Aqui, interessam-me alguns pontos em específico no que tange às ações de Constantino enquanto imperador, isto é, as incursões militares além do Danúbio e a relação com o cristianismo. Sabemos do risco de se resumir as décadas de domínio exercido por Constantino e seus filhos; de todo modo, sublinho esses elementos, pois nos ajudam a entender a trajetória dos *godos* até o episódio do Saque de 410. Para tanto, parto do trecho de Orósio sobre Constantino:

Foi o primeiro e o único dos soberanos que fundou uma cidade com seu próprio nome. Esta cidade, a única livre de ídolos, chegou em muito pouco tempo – porque fora fundada pelo imperador cristão – a tal extremo de glória que poderia ser igualada, sem dúvida, em beleza e poder, à Roma, que havia crescido ao longo de vários séculos e grande quantidades de golpes. Imediatamente depois, Constantino mudou, ele o primeiro, uma ordem anterior em uma nova ordem justa e sagrada: ordenou que se fechassem os templos dos pagãos sem executar nenhuma pessoa. Em seguida, destruiu, no

custava caro.

¹⁵¹ FRIGHETTO, R. **A antiguidade tardia**: Roma e as monarquias romano-bárbaras numa época de transformações (Séculos II – VIII). Curitiba: Juruá. 2012. p. 105 Ver KULIKOWSKI, M. **Guerras Góticas de Roma**. Trad. Glauco Micsik Roberti. São Paulo: Madras, 2008. p. 102-103.

centro do território bárbaro, na região dos sármatas, aos poderosos e numerosos povos godos (Oros. Hist. VII, 28, 27-30).¹⁵²

A glória do cristianismo em Constantino: a ele é associada a noção de que Constantinopla¹⁵³, antes repleta de signos do paganismo, passava, com a conversão ao cristianismo por parte de seu fundador, a se igualar em esplendor à cidade de Roma. Depois dessa glorificação da cidade, temos a consagração do imperador responsável pela renomeação da mesma.

Além disso, interessa-me em especial a parte final do trecho destacado, em que temos uma distinção entre os *godos* e os sármatas, em que esses últimos são rotulados como bárbaros. Em comparação, no entanto, os *godos* são atrelados à noção de poder e de contingente. Suspeito, assim como Kulikowski (2008) e Frighetto (2012), de que os *godos* estivessem em processo de expansão territorial e que essa intervenção militar de Constantino nos aponta para a importância que os *godos* tinham aos olhos do poder imperial romano, a ponto de que valeria a pena levar o exército romano para dentro do *território bárbaro* para conter o avanço dos *godos*. A vitória do imperador (as tropas eram lideradas por seu filho, Constantino II) permitiu firmar um “acordo de paz” com os *godos* em 332, que perduraria até a Batalha de Adrianópolis.

Assim, os numerosos e poderosos *godos*, diz Orósio, foram derrotados pelo imperador que mostrou “leveza” em favor dos cristãos. Coloco em suspenso a conversão de Constantino ao cristianismo, mas, ao mesmo tempo, aponto para o impulso que a religião tomou justamente enquanto ele exerceu o poder imperial. Os *godos* foram os primeiros, das populações além das fronteiras romanas, a passarem pelo processo de conversão ao cristianismo¹⁵⁴, algo que muito

¹⁵² Fue el primero y el único de los soberanos romanos que fundó una ciudad con su propio nombre. Esta ciudad, la única exenta de ídolos, llegó en muy poco tiempo —por cuanto había sido fundada por el emperador cristiano— a tal extremo de gloria que con razón podía igualarse, ella sola, en hermosura y poderío, a Roma, que había crecido a lo largo de gran cantidad de siglos y gran cantidad de reveses. Inmediatamente después, Constantino cambió, él el primero, el orden anterior en un nuevo orden justo y sagrado: ordenó en efecto que se cerraran los templos de los paganos sin ejecutar a ninguna persona. A continuación destruyó, en las propias entrañas del territorio bárbaro, es decir en la región de los sármatas, a los poderosos y numerosos pueblos de los *godos*. (Oros. Hist. VII, 28, 27-30)

¹⁵³ Antes chamada de Bizâncio e atualmente Istambul na Turquia.

¹⁵⁴ Novos inimigos, de novo nome também, os burgundeses, os quais, segundo dizem, eram mais de oitenta mil pessoas armadas, se instalaram nas margens do rio Reno. As Gálias, nas quais se instalaram essas aldeias numa posse que é usurpação, são hoje, no entanto, testemunhas de que, distribuídos pelos campos na época em que foi submetido o interior germânico por Druso e Tibério, filhos adotivos de César, formam hoje um grande povo, e são também testemunhas de que, nestas circunstâncias, tomaram inclusive o nome de uma de suas ocupações, já que às sucessivas moradas colocadas ao longo da fronteira chamavam-nas normalmente de burgos; e são testemunhas também de que seu exército é enormemente poderoso e cruel. Entretanto, pela providência de Deus, todos eles, convertidos recentemente ao cristianismo, após aceitar a fé católica e aos nossos clérigos, aos quais obedecem, levam uma vida tranquila, sossegada e inofensiva e não, por assim dizer, em companhia dos gauleses a quem se submeteram, mas sim com seus autênticos irmãos cristãos. Unos nuevos enemigos, de nombre también nuevo, los borgoñones, los cuales, según dicen, eran más de ochenta mil personas armadas, se asentaron en la orilla del río Rin. Las Galias, en las cuales se asientan estos pueblos en una posesión que es usurpación, son todavía hoy testigos de que, distribuidos por campamentos en la época en que fue sometida en otro tiempo la Germania interior por

possivelmente relacionava-se com o acordo firmado com Constantino em 332. No século III, alguns de seus indivíduos se tornaram cristãos por obra de prisioneiros ou de missionários com quem tiveram contato. Todavia, esse processo está fortemente relacionado com a figura de Úlfilas (311-383), ordenado por Eusébio, bispo ariano de Nicomédia, que pregou durante mais de quarenta anos a fé ariana entre os seus compatriotas, e traduziu para o gótico quase toda a Bíblia. Úlfilas trabalhou com o apoio dos imperadores Constâncio (337-361) e Valente (364-378), que procuravam fazer do arianismo a religião do Estado.

Mas a conversão promovida no interior da sociedade gótica não foi aceita unanimemente: por exemplo, Atanarico¹⁵⁵, líder dos *godos*, deu início a uma perseguição dos *godos* cristianizados, que migraram para o Império romano em busca de proteção, como nos informa Orósio:

Por outro lado, Atanarico, rei dos godos, em uma cruel perseguição contra os cristãos que viviam entre seu povo, elevou à glória do martírio muitos bárbaros que morreram por sua fé. Muitos deles, sem dúvida, fugiram a território romano, não com medo, como se fugissem para os inimigos, mas sim cheios de confiança, porque, al se confessar ao mesmo Cristo, corriam para seus irmãos (Oros. Hist. VII, 32, 9).¹⁵⁶

E, mais uma vez, o cristianismo aparece na narrativa como fator responsável pela aglutinação dos povos. Romanos e *godos* não são inimigos, no fim das contas, mas sim “irmãos” por terem a fé como ponto em comum. De todo modo, Orósio conserva assim, uma perspectiva que apenas o exército poderia, em determinada medida, proporcionar certa “aliança” entre romanos e as outras populações que viviam para além das fronteiras do Império.

E, como já apontado anteriormente, a presença dos estrangeiros no interior do Império é um elemento que deve ser mais uma vez salientado. Além de constituírem um segmento do

Druso y Tiberio, los hijos adoptivos de César, han formado hoy un gran pueblo; y son también testigos de que, en estas circunstancias, han tomado incluso su nombre de una de sus ocupaciones, ya que a las sucesivas moradas colocadas a lo largo de la frontera, las llaman generalmente burgos; y son testigos también de que su ejército es enormemente poderoso y cruel. Sin embargo, por la providencia de Dios, todos ellos, convertidos recientemente al cristianismo, tras aceptar la fe católica y a nuestros clérigos, a los cuales obedecen, llevan una vida tranquila, sosegada e inofensiva y no, por así decir, en compañía de los galos a los que han sometido, sino con sus auténticos hermanos los cristianos (Oros. Hist. VII, 32, 11-13).

¹⁵⁵ Acredito na relevância que Atanarico possuía não só para os *godos*, mas também para o Império Romano. Anos mais tarde, segundo Orósio (Oros. Hist. VII, 36, 7), ao ser apontado como sendo rei dos *godos*, foi buscar proteção junto a Teodósio, após os acontecimentos de 376.

¹⁵⁶ Por otro lado, Atanarico, rey de los *godos*, en una cruel persecución contra los cristianos que había entre sus gentes, elevó a la gloria del martirio a muchos bárbaros que murieron por su fe. Muchos de ellos, sin embargo, huyeron a territorio romano, no temerosos, como si huyeran hacia enemigos, sino llenos de confianza, por cuanto, al confesar al mismo Cristo, lo hacían hacia hermanos. (Oros. Hist. VII, 32, 9).

exército imperial, esses povos, buscavam estabelecer-se no interior do mundo romano. Devemos levar em conta os detalhes do *limes* romano tendo como foco sua principal característica: a fluidez. Nesse sentido, as fronteiras do Império equivaliam a barreiras naturais, como florestas, rios, montanhas e desertos. De todo modo, o comércio ocorria de um lado para o outro, se exportava e se importava materiais e especiarias, abastecendo os interesses de determinadas classes. Acredito que os *godos* guardavam uma profunda relação com o Império ao longo de séculos; não estou falando exclusivamente de irrupções violentas da fronteira seja por parte dos romanos ou dos *godos*, aponto para uma relação de trocas comerciais e, logo, culturais, que seriam possíveis de serem levadas em conta na região do Danúbio. As oportunidades de saque em momentos de crise do Império e as vitórias de imperadores romanos em busca de glória intensificavam essas relações mundanas, cotidianas e de longo prazo. Assim, as legiões romanas nas fronteiras do Império, tinham que lidar com o movimento constante desses povos que viviam além do rio Reno e do rio Danúbio.

Em 376, o Danúbio foi transposto por uma parcela da população gótica, adentrando as fronteiras do Império, na altura da *Mésia Secunda*. Esse mesmo contingente derrotou as legiões do imperador Valente, em 378, na Batalha de Adrianópolis. A partir disso, a dificuldade em manter as fronteiras, por parte dos governantes romanos, tornava-se uma realidade cada vez mais presente. Tal afirmativa pode ser exemplificada pela travessia do rio Reno em 405 por um grupo de *godos* liderados por Radagaiso na região da Panônia e, em 406, contingentes de alanos, burgúndios, vândalos e suevos adentraram o Império na região da Germânia.

Somado a isso, a insurgência de movimentos usurpatórios enfraquecia o poderio militar romano. As consequências de muitas guerras civis e/ou contra os invasores eram, entre outras, a escassez de alimentos em determinados pontos do Império, fomentando a insatisfação popular e, concomitantemente, contribuindo com a instabilidade política e administrativa.

Por sua vez, as migrações dos povos *godos* se deram após derrotas consecutivas sofridas diante dos hunos provindos das estepes e dos Montes Urais. Os *godos* se viram obrigados a procurar refúgio no seu vizinho, Roma – algo relatado pelo próprio Orósio

De fato, o povo dos hunos, separado durante muito tempo por montes inacessíveis e provocado agora por uma repentina loucura, se levantou contra os *godos* e, após caçá-los por todas as partes, expulsaram-nos de seus antigos territórios. (Oros. Hist. VII, 33, 10).¹⁵⁷

¹⁵⁷En efecto, el pueblo de los hunos, apartado durante mucho tiempo en montes inaccesibles y excitado ahora por una repentina locura, se levantó contra los *godos* y, tras acosarlos por todas partes, los expulsaron de sus antiguos lugares (Oros. Hist. VII, 33, 10).

Nesse contexto, em 376, os *godos* migraram para a província romana da Trácia, provavelmente na fortaleza de Dorostorum. A travessia do Rio Danúbio era uma visível tentativa de encontrar terras férteis e também proteção contra os ataques dos hunos. No entanto, permanecer em território romano se colocava enquanto obstáculo para as lideranças góticas daquela época. A Trácia pertencia à porção oriental do Império, então governada por Valente, a quem os *godos* solicitaram abrigo.

Os termos do acordo entre o imperador e as lideranças estrangeiras permanecem obscuras. Mas, podemos apontar que os *godos* não foram desprovidos de suas armas e que em contraparte se ofereceram como tropas auxiliares ao exército romano. O tratado, ao que tudo indica, foi aceito por Valente e os recém-chegados foram fixados na região. Com isso, os *godos* caminhavam para se tornar mais um dos povos “assimilados”, assim como tantos outros que compunham a totalidade do Império na segunda metade do século IV, devido em especial à força militar que ofereciam ao Estado imperial.

Conta-se que militares corruptos, que deveriam administrar as provisões enviadas aos imigrantes, como sinal de boa fé por parte de Roma, passaram a desviar alimentos e recursos; além disso, reforça-se a ideia da escravidão de crianças góticas em troca de carne de cachorro¹⁵⁸. Sentindo-se traídos e famintos, os *godos*, que ainda possuíam suas armas, rebelaram-se contra os militares responsáveis pela “vigilância” dos estrangeiros.

Os *godos*, após fugirem de Danúbio, foram recebidos por Valente sem firmar nenhum tratado nem sequer entregar – o que se podia confiar com mais segurança nos bárbaros – as armas aos romanos. Pouco tempo depois, devido à fome e às injúrias que receberam da intolerável ganância do general Máximo, se armaram e, após derrotar o exército de Valente, se espalharam pela Trácia, perturbando-a com matanças, incêndios e roubos (Oros. Hist. VII, 33, 11-12).¹⁵⁹

Como pode ser notado nos trechos que destaquei da narrativa do presbítero hispano-romano, os *godos* são representados como um povo em fuga que “acossados pelos hunos” adentraram as terras romanas em busca de proteção, pedido não negado por Valente. Além disso, ressalto os contornos dramáticos que Orósio dá a população assentada pelo imperador que acaba sendo vítimas da “avareza do general Máximo”.

¹⁵⁸ KULIKOWSKI, M. **Guerras Góticas de Roma**. Trad. Glauco Micsik Roberti. São Paulo: Madras, 2008. p. 154-155.

¹⁵⁹ Los *godos*, tras pasar en su huida el Danubio, fueron recibidos por Valente sin firmar ningún tratado ni entregar siquiera – con lo cual se podía haber confiado con más seguridad en los bárbaros – las armas a los romanos. Poco tiempo después, empujados por el hambre y las injurias que recibieron de la intolerable avaricia del general Máximo, se levantaron en armas y, tras derrotar al ejército de Valente, se esparcieron por Tracia, turbándolo todo con matanzas, incendios y robos (Oros. Hist. VII, 33, 11-12).

Observamos e destacamos que a culpa recai sobre a pessoa de Valente que aceitou a entrada dos *godos* sem firmar nenhum tratado e sem pedir para que estes entregassem as armas aos romanos, fato esse, que vai se desdobrar na batalha de Adrianópolis e, por conseguinte, a condenação do imperador do oriente na narrativa orosiana, nas mãos dos *godos* como punição divina.

Assim a rebelião espalhou-se pela Trácia. Valente, com a intenção de controlar a situação, organizou as tropas do exército da porção oriental do Império. Em 378, sem esperar pelos apoios vindos do sob comando de Graciano (imperador da porção ocidental e sobrinho de Valente, governou entre 367-375), Valente decidiu combater as tropas góticas lideradas por Fritigerno e Alavivo¹⁶⁰. A derrota sofrida em Adrianópolis tornou-se um marco para os eventos subsequentes. Na batalha, o imperador Valente padeceu e, assim como nos conta Orósio, junto com ele quase todas as legiões do Império Romano da *pars Orientalis*. A região da Trácia foi esquecida pela política imperial; já os *godos* espalharam-se para outras províncias do Império e prolongaram uma longa sequência de saques iniciadas com as revoltas de 377:

Assim, este lamentável combate com os godos na Trácia, que já então estavam muito bem dotados, tanto por terem se exercitado como pela abundância de recursos, iniciou no décimo quinto ano de seu reinado. Nesta batalha, os esquadrões da cavalaria romana, imediatamente perturbados diante do primeiro ataque dos godos, abandonaram a defesa da infantaria. Em seguida, as legiões de infantes, rodeadas por todas as partes pela cavalaria inimiga, cobertas, em um primeiro momento, por nuvens de dardos e derrotadas totalmente depois, pereceram atingidas pelas espadas e lanças de seus perseguidores, quando, morrendo de medo se viram obrigadas a abrir caminho. O próprio imperador, ferido por um dardo e fugindo, se escondia, após ter chegado ali com dificuldades, na cabana de uma pequena fazenda, foi alcançado pelos inimigos que o perseguiram e foi queimado ao incendiar a casa; e, para que a lembrança do castigo e da ira divina que recebeu sirva como o exemplo mais terrível às gerações futuras, pois se viu privado inclusive daquilo que é comum a todos os homens: a sepultura (Oros. Hist. VII, 33, 13-15).¹⁶¹

¹⁶⁰Líderes dos *godos* na travessia do Danúbio em 376 e vencedores contra o Império Romano em 378, na batalha de Adrianópolis.

¹⁶¹ Así pues, este lamentable combate con los *godos* en Tracia, que ya entonces estaban muy bien dotados tanto por haber ejercitado sus fuerzas como por la abundancia de recursos, lo entabló en el año decimoquinto de su reinado. En esta batalla los escuadrones de la caballería romana, turbados en seguida ante el primer ataque de los *godos*, abandonaron la defensa de la infantería. A continuación, las legiones de infantes, rodeadas por todas partes de la caballería enemiga, abrumadas en un primer momento por nubes de dardos y batidas totalmente después, perecieron alcanzadas por las espadas y picas de sus perseguidores, cuando locas de miedo se vieron obligadas a esparcirse fuera de los caminos. El propio emperador, cuando herido por un dardo y dado a la huida se escondía, tras haber llegado allí con dificultades, en la cabaña de una pequeña granja, fue alcanzado por los enemigos que le perseguían, y fue quemado al prender aquéllos fuego a la casa; y, para que el recuerdo del castigo que recibió y de la ira divina serviese todavía más de ejemplo terrible a las generaciones futuras, se vio incluso privado de lo que es común a todos los hombres, la sepultura (Oros. Hist. VII, 33, 13-15).

O presbítero não diminui o fracasso da tentativa do imperador em deter os *godos* revoltosos; pelo contrário, ressalta a ótica da ocorrência de um desastre, confirmando uma visão fatídica sobre a batalha. Por outro lado, os inimigos se mostram como exímios guerreiros que sobrepujaram as legiões imperiais, de modo que não há lamento em favor dos romanos, mas sim exaltação da glória dos *godos*, algo que não se dá apenas pelo fato de terem vencido a batalha, mas também por terem agido em função da Providência Divina, ao tirarem a vida do ariano Valente.

Sem o apoio de Valente e do exército oriental – que sucumbiram na batalha –, Graciano escolheu retornar ao ocidente e lidar com os *alamanos* que forçavam a fronteira no Reno. Com isso as *dioceses* Trácia e alguns pontos da Dácia ficaram à mercê dos *godos*. A situação que se desdobrou após a derrota retumbante em Adrianópolis afetou toda a estrutura imperial na península balcânica. A região foi tomada por uma sequência de assaltos às cidades, pois não havia obstáculos preocupantes para os *godos* vitoriosos.

É nessa situação que surge a figura de Teodósio que, possivelmente, gozava de certo prestígio na política interna da corte imperial, o que justificaria sua nomeação ao cargo de *magister equitum* pelo imperador Graciano ao hispano-romano que, por sua vez, entrega a Teodósio a situação dos Bálcãs como um problema insolúvel.

Não sabemos ao certo os motivos que levaram a aclamação de Teodósio em 379 como imperador da *pars Orientalis*, no entanto, foi reconhecido por Graciano que ainda lhe deu direitos sobre as *dioceses* da Dácia e da Macedônia. Tendo como base a cidade de Tessalônica, Teodósio não alcançou grandes feitos militares, no sentido de obter vitórias significativas. No entanto, houve comemorações e propagandas significativas das pequenas conquistas alcançadas, demonstrando o quão desesperado estava o imperador em obter resultados positivos. Contribuindo para agravar a instabilidade na região, alguns *godos*, possivelmente liderados por Fritigerno, atacaram a Macedônia e subjugaram o norte da Grécia e o sudoeste dos Bálcãs, forçando o imperador do oriente adotar novas medidas.

Distintamente a esse panorama Orósio nos remonta uma perspectiva em tons de glória ao imperador Teodósio, que por sua vez salvaria o Império assim como o fez Trajano no passado.

[...] que em outro tempo Nerva tinha eleito um hispânico, Trajano, graças ao qual o Estado se recuperou, a um homem igualmente hispânico, Teodósio e, porque tinha que restaurar necessariamente o Estado, vestiu-o de roxo em Sirmio e lhe pos ao mesmo tempo no comando do Oriente e da Trácia (Oros.

Hist. VII, 34, 2-3).¹⁶²

Mas uma vez nos vemos frente a habilidade do autor em lançar uso da comparação entre o passado e o presente para assim fortalecer os argumentos contra as acusações proferidas pelos pagãos. Assim, na sequência desse trecho, o presbítero traça a evidente diferença entre Trajano e Teodósio:

Ele fez isso com uma visão mais perfeita que Nerva por isto: porque, ainda que em todas as virtudes próprias dos homens Teodósio era semelhante a Trajano, pela fé que tinha jurado e pela religião que professava era avantajado sem nenhuma possibilidade de comparação, pois aquele foi um perseguidor e este um propagador da Igreja (Oros. Hist. VII, 34, 3-4).¹⁶³

Logo, a defesa do cristianismo se torna o principal pressuposto de qualidade de Teodósio enquanto imperador se comparado ao seu conterrâneo, reforçando o caráter apologético das *Histórias*.

Assim, a situação com a qual o imperador romano deveria lidar, dificilmente poderia ser alcançada por meios militares; portanto, decidiu-se abrir espaço para as negociações de paz, findadas em 382. Novas lideranças emergiram entre os *godos*, distintas daquelas que haviam vencido em Adrianópolis – o que talvez seja uma hipótese a se considerar para que o acordo fosse firmado. Em resumo, a partir de 382, os *godos* que assolavam os Bálcãs pararam de fazê-lo, enquanto a administração romana da época concordava que a ameaça gótica estava terminada.

Orósio omite os acordos feitos com os *godos* em 382, o que nos leva a crer que aceitar os estrangeiros em terras romanas enquanto *federados* não teria sido uma escolha sensata por parte de Teodósio, visto que em consequência indireta dessas ações foi possível que a cidade de Roma fosse saqueada em 410¹⁶⁴.

Assentados no interior do Império, mais especificamente na Trácia, os *godos* comprometeram-se a fornecer soldados para o exército imperial, em troca das terras. Mas a situação não seria resolvida totalmente, ao ponto de alguns dissidentes entre os *godos*

¹⁶² (...) que en otro tiempo Nerva había elegido a un hispano, Trajano, gracias al cual el Estado se recuperó, a un hombre igualmente hispano, Teodosio, y, porque había que restaurar necesariamente el Estado, le vistió la púrpura en Sirmio, y le puso al mismo tiempo al frente de Oriente y Tracia. (Oros. Hist. VII, 34, 2-3).

¹⁶³ Lo hizo con una visión más perfecta que Nerva por esto: porque, si bien en todas las virtudes propias de los hombres Teodosio era semejante a Trajano, por la fe que había jurado y por la religión que profesaba le aventajaba sin ninguna posibilidad de comparación; y es que aquél fue un perseguidor y éste un propagador de la Iglesia. (Oros. Hist. VII, 34, 3-4).

¹⁶⁴ Oros. Hist. VII, 34, 6-7.

desafiarem o poder imperial e se lançarem em campanhas de saque pela Península Balcânica.

Entre 383 e 393, Teodósio lançou-se em campanhas contra diferentes governantes tidos por usurpadores. Em 383, Graciano é derrotado por Magno Máximo e, mesmo que a princípio escapasse da morte, foi posteriormente traído e acaba depois assassinado. Máximo foi proclamado imperador pelas tropas da diocese de Britânia (atual Inglaterra). Teodósio escolheu não vingar Graciano ou, ainda, atacar Máximo. Por outro lado, o usurpador, ao atacar Valentiniano II, fez com que esse último fosse se refugiar em Tessalônica e pedisse a ajuda de Teodósio, como abordado em *Historia* “Valenciano foi recebido com amor paterno por Teodósio em sua fuga ao Oriente, sendo, depois, reestabelecido ao poder” (Oros. *Hist.* VII, 34, 10).¹⁶⁵

O Imperador do Oriente devia o seu cargo a uma pessoa da família valentiniana; assim, reuniu um exército e marchou contra Magno Máximo. Teodósio só saiu vencedor devido à superioridade de seus generais¹⁶⁶, perspectiva diferente do que aponta Orósio, que a vitória conquista contra Máximo nos Alpes, foi por intermédio da vontade de Deus.

(...) [Teodósio] pôs sua esperança em Deus e se lançou contra o usurpador Máximo, ao qual superava somente na fé, já que, se comparavam-se os contingentes bélicos, era muito inferior. Neste momento, Máximo tinha acampado em Aquileia, onde desfrutava de sua vitória. Seu general Andragatio carregava todo o peso da guerra: este, apesar de ter fortificado incrivelmente todas as entradas dos Alpes e dos rios com abundantes tropas e com uma estratégia que superava a própria fortaleza de suas numerosas tropas, abandonou espontaneamente a própria barreira posta adiante e se dispôs a antecipar-se e a sair de encontro ao desprevenido inimigo em uma expedição naval, graças aos infáveis designios de Deus. Desta forma, Teodósio, sem que ninguém percebesse, nem se opusesse, atravessou os Alpes que estavam desguarnecidos e, chegando de improviso a Aquileia, prendeu, capturou e executou, sem traições nem discussões, Máximo, aquele grande inimigo, homem cruel e que conseguia tributos e impostos apenas pelo medo de seu nome inclusive das tribos germânicas (Oros. *Hist.* VII, 35, 2-5).¹⁶⁷

¹⁶⁵ “Valentiniano fue recibido con amor paternal por Teodosio en su huida a Oriente, siendo después restablecido incluso en el poder” (Oros. *Hist.* VII, 34, 10).

¹⁶⁶ Ver KULIKOWSKI, M. **Guerras Góticas de Roma**. Trad. Glauco Micsik Roberti. São Paulo: Madras, 2008. p. 185-187.

¹⁶⁷ (...) [Teodósio] puso su esperanza en Dios y se lanzó contra el usurpador Máximo, al que superaba sólo en la fe ya que, si se comparaban los contingentes bélicos, era con mucho inferior. Por entonces Máximo se había asentado en Aquileya, donde estaba disfrutando de su victoria. Su general Andragatio llevaba todo el peso de la guerra: éste, a pesar de haber fortificado increíblemente, con abundantes tropas y con una estrategia que superaba la propia fortaleza de sus numerosas tropas, todas las entradas de los Alpes y de los ríos, abandonó espontáneamente, gracias a los infables designios de Dios, la propia barrera que él había puesto delante y se dispuso a anticiparse y a salir al encuentro del desprevenido enemigo en una expedición naval. De esta forma Teodosio, sin que nadie se diera cuenta, por no decir sin que nadie se le opusiera, pasó los Alpes que estaban desguarnecidos y, llegando de improviso a Aquileya, encerró, capturó y ejecutó, sin traiciones y sin discusiones, a Máximo, aquel gran enemigo, hombre cruel y que conseguía, por el solo miedo a su nombre, tributos e impuestos, incluso de las salvajes tribus germanas. (Oros. *Hist.* VII, 35, 2-5).

Em 394, Teodósio se volta para o Ocidente, desta vez contra o usurpador Eugênio¹⁶⁸. Isso se deveu pelo fato de que, em 392, Arbogasto, o general protetor de Valentiniano II, possivelmente conspira contra a corte imperial, sendo que o primeiro teve que lidar com o suicídio do imperador, entendido como assassinato¹⁶⁹. Arbogasto, por sua vez, encabeça uma rebelião preventiva, proclamando Eugênio ao trono com o apoio de boa parte da aristocracia romana dirigida por Nicômaco Flaviano ainda ligada às práticas não-cristãs, que conceberam o processo como a última possibilidade de sobrevivência da Roma antiga, pagã, ante o cristianismo emergente. Teodósio enfrenta as forças de Eugênio no norte da Itália. Com o apoio de tropas auxiliares formada por *godos*, sai vitorioso contra os usurpadores¹⁷⁰; já Flaviano e Arbogasto se suicidaram diante de sua derrota total.

Por certo, com a intenção de favorecer a figura de Teodósio em detrimento da vontade de Deus, o presbítero Orósio fornece-nos alguns detalhes na ação contra Arbogasto e Eugênio,

Eugênio e Arbogastes tinham colocado seus exércitos perfeitamente organizados no campo de batalha; tinham ocupado as estreitas costas dos Alpes e suas inevitáveis entradas, colocando astutamente diante insidiosas armadilhas; e, ainda que fossem inferiores em número e força, apareciam sem dúvida como vencedores pela posição que tinham no início da batalha. Teodósio, por sua vez, tinha tomado posição na zona alta dos Alpes, privado de alimento e de descanso, sabendo que tinha sido abandonado pelos seus, mas desconhecendo que estava cercado de inimigos, rezava, estendendo seu corpo na terra, mas fixa sua mente no céu, ele somente, ao único Senhor, Cristo, que pode tudo. Depois, após ter passado a noite sem dormir para continuar suas preces e deixar como testemunha apenas algumas poças de lágrimas, que era o preço que se pagava pela ajuda celestial, agarrou do solo com absoluta confiança suas armas, sabendo que não estava sozinho. Com o sinal da cruz deu o sinal de ataque e se lançou à luta como se fosse certamente o vencedor, mesmo que ninguém o seguisse. Sua primeira possibilidade de

¹⁶⁸ Oros. Hist. VII, 35, 12 “No hace falta ya ampliar con palabras unos hechos conocidos incluso personalmente por muchos, hechos que conocen mejor que yo los que fueron testigos oculares de ellos. De que fue gracias al poder de Dios y no gracias a la autosuficiencia humana por lo que resultó siempre vencedor Teodosio es buena prueba en dos ocasiones este Arbogastes, el cual, en época anterior, cuando estaba bajo el mando de Teodosio, capturó él mismo, a pesar de estar escaso en fuerzas, a Máximo, que estaba protegido por enormes defensas; y ahora, cuando tras reunir tropas galas y francas se ha levantado contra el mismo Teodosio, ha sucumbido con absoluta facilidad a pesar de apoyarse en un particular culto a sus ídolos”(Já não é necessário exaltar com palavras os fatos conhecidos pessoalmente por muitos, fatos que conhecem melhor que eu aqueles que foram testemunhas oculares. De que foi graças ao poder de Deus e não graças à melhor autossuficiência humana que Teodósio sempre se tornou vencedor é prova de que, em dois momentos Arbogastes, que em épocas anteriores, sob ordens de Teodósio, capturou Máximo, que estava coberto de defensores, mesmo estando fraco e agora, após reunir tropas gaulesas e francas, se volta contra o próprio Teodósio, e sucumbiu com facilidade, apesar de confiar em culto particular de seus ídolos).

¹⁶⁹ Ver KULIKOWSKI, M. **Guerras Góticas de Roma**. Trad. Glauco Micsik Roberti. São Paulo: Madras, 2008. p. 188-190.

¹⁷⁰ Houve enfrentamento nos Alpes Julianos entre as tropas de Flaviano e Arbogasto contra as tropas de Teodósio, mas, como “milagre”, um vento forte soprou e impediu que as flechas e lanças atingissem o exército de Teodósio que saiu vitorioso (Oros. Hist. VII, 35, 16-18).

salvação foi Arbitión, general dos inimigos, este, ao cair o imperador nas armadilhas colocadas nos arredores, as quais não percebera, respeitosamente comovido perante a presença do Augusto, não só o livrou do perigo como também o protegeu com uma guarda.¹⁷¹

Assim como na batalha contra Magno Máximo, Teodósio lida com a diferença numérica e estratégica de seus rivais, mas por outro lado, no que tange à descrição empreendida na obra orosiana, o imperador é querido por Deus, que lhe auxilia na derrota de seus inimigos. Em uma passagem, que tem semelhança narrativa aos moldes bíblicos do Velho Testamento, o presbítero dá contornos heroicos ao imperador, que se lembra os governantes do Antigo Israel, agraciados por Deus diante do exército inimigo formado por aqueles que contestam a “aliança” com Deus, ou seja, Flaviano e Arbogasto, pagãos, são os inimigos de Deus e, logo, são derrotados.

Por outro lado, já quando os dois exércitos chegaram a lugares aptos para travar combate, imediatamente caiu sobre os rostos dos inimigos o já conhecido inefável e forte redemoinho de ventos. Voavam pelos ares os dardos lançados pelos nossos e, carregados através do extenso vazio a uma distância maior a de um lançamento humano, não tinham, por assim dizer, permissão para cair sem acertar os inimigos. Por outro lado, os rostos e peitos dos inimigos umas vezes eram açotados ao chocar fortemente o contínuo redemoinho de ar nos escudos, outras eram bloqueados com o barulho produzido pela obstinada pressão do ar sobre eles; outras ficavam descobertos ao serem arrancados com sua violência e ficar sem nada; e outras eram arrastados pela força a se colocar de costas e dar a volta completamente nos escudos. Inclusive, os dardos que eles mesmos lançavam com violência, ao serem carregados pela força contrário do vendo para trás, acertavam tristemente eles mesmos. Aterrorizados com o pavor próprio da consciência humana, escolheram sua própria salvação, pelo que imediatamente o exército inimigo se estrou perante o vencedor Teodósio, dispersando-se apenas um pequeno grupo deles; Eugêncio foi feito prisioneiro e executado; Arbogastes se suicidou (Oros. Hist. VII, 35, 17-19).¹⁷²

¹⁷¹ Eugenio y Arbogastes habían colocado a sus ejércitos perfectamente ordenados en el campo de batalla; habían ocupado los estrechos costados de los Alpes y sus inevitables entradas, poniendo astutamente delante insidiosas trampas; y aunque fueran inferiores en número y fuerzas, aparecían sin embargo como vencedores por la posición que tenían de cara a la batalla. Teodosio, por su parte, que había tomado posiciones en la zona alta de los Alpes, privado de alimento y de descanso, sabedor de que había sido abandonado por los suyos, pero desconocedor de que estaba cercado por enemigos, oraba, tendido su cuerpo en la tierra pero fija su mente en el cielo, él solo, al único Señor, Cristo, que lo puede todo. Después, tras haber pasado la noche sin dormir en continuas preces y dejar como testigo poco menos que lagunas de lágrimas, que era el precio que pagaba a la ayuda celestial, cogió él solo con absoluta confianza las armas, sabiendo que no estaba solo. Con la señal de la cruz dio la señal de ataque y se lanzó a la lucha como seguro vencedor, a pesar de que nadie le seguía. Su primera posibilidad de salvación la tuvo en Arbitión, general de los enemigos: éste, al caer el emperador en las trampas colocadas en los alrededores, de las que no se apercibió, respetuosamente conmovido ante la presencia del Augusto, no sólo le libró del peligro sino que incluso le proveyó de una guardia. (Oros. Hist. VII, 35, 13-16)

¹⁷² Por otro lado ya, cuando los dos ejércitos llegaron a lugares aptos para entablar combate, inmediatamente cayó sobre los rostros de los enemigos el ya conocido inefable y fuerte torbellino de vientos. Volaban por los aires los dardos enviados por los nuestros y, llevados a través del extenso vacío a una distancia superior a la de un

A vitória concedida por Deus a Teodósio permitiu que esse unificasse pela última vez o Império. Teodósio falece em 395, deixando como herança um Império dividido e governado por seus filhos, sob a tutela de Estilício no Ocidente e Rufino no Oriente. Além disso, é estabelecido oficialmente o cristianismo como religião do Império.

Infelizmente, com a derrotas dos *godos* e o acordo firmado em 382 por Teodósio, pouco sabemos dos acontecimentos a respeito dos mesmos na obra orosiana. Há, portanto, uma lacuna que se estende até os eventos que tangem a participação destes como tropas auxiliares de Teodósio na derrota de Arbogasto e Flávio Nicômaco. Ainda que sua participação seja ocultada pela sombra que projeta Orósio para a importância de Teodósio, é apenas com o falecimento deste último que temos um retorno da importância aos *godos* na narrativa.

Além disso tudo, os eventos ocorridos entre 395 e 402 são parcialmente ignorados por Orósio, que apenas menciona a vitória de Honório sobre a insurreição promovida pelo *comes* Gildão em África na data de 398 e, oculto fica, o fato que no período, Eutrópio (substituto de Rufino como *magister officiorum* de Arcádio), teria nomeado Alarico como *magister militum per Ilyricum*¹⁷³.

Não sabemos quais os motivos que levaram Orósio a não mencionar esses fatos em sua obra. Além de que, nos últimos capítulos do Livro VII das *Histórias*, o enfoque narrativo já não é mais o imperador romano, mas sim o rei “bárbaro” Alarico.

3. 2 O SAQUE DE ROMA DE 410: OS GODOS COMO INSTRUMENTOS DA PUNIÇÃO DIVINA

Finalmente, após acumularem-se tantas blasfêmias, sem que houvesse nenhum arrependimento, cai sobre Roma o impressionante castigo que já pensia sobre ela há muito tempo (Oros. Hist. VII, 38, 7).¹⁷⁴

lanzamiento humano, no tenían por así decir permiso para caer sin clavarse en los enemigos. Por el otro lado, los rostros y pechos de los enemigos unas veces eran azotados al chocar fuertemente el continuo torbellino de aire en los escudos; otras eran bloqueados con el tapón producido por la obstinada presión del aire sobre aquéllos; otras quedaban al descubierto al serles arrancados con su violencia y quedar sin nada; y otras eran arrastrados a la fuerza a ponerse de espaldas al darse la vuelta completamente los escudos. Incluso los dardos que ellos mismos lanzaban con violencia, al ser cogidos por la fuerza contraria del viento y vueltos hacia atrás, se clavaban tristemente en ellos mismos. Aterrorizados con el pavor propio de una conciencia humana miraron por su propia salvación, por cuanto inmediatamente el ejército enemigo se postró ante el vencedor Teodosio dispersándose sólo un pequeño grupo de ellos; Eugenio fue hecho prisionero y ejecutado; Arbogastes se suicidó. (Oros. Hist. VII, 35, 17-19).

¹⁷³ Perspectiva defendida por Bruno M. M. Gama, partindo da análise do poeta Claudiano. Observamos também essa mesma perspectiva em M. Kulikowski. KULIKOWSKI, M. **Guerras Góticas de Roma**. Trad. Glauco Micsik Roberti. São Paulo: Madras, 2008. p.

¹⁷⁴ Finalmente, tras acumularse tantas blasfemias sin que hubiera ningún arrepentimiento, cae sobre Roma el

A punição divina anunciada é o Saque Godo de 410: é nesse momento da obra que o presbítero lança mão de vários argumentos que foram sendo construídos ao longo de toda a sua narrativa. Entretanto, no interior das *Histórias*, os responsáveis pela “justiça divina” já haviam sido definidos. É dizer que, propositalmente, Orósio vai adequando sua narrativa até o evento do saque de 410, fazendo-o dentro dos preceitos que busca defender em seu texto: condenando os invasores e as idolatrias em favor do Império Romano e do cristianismo. Entretanto, após a morte de Teodósio, a égide divina não se encontra em um dos sucessores de Teodósio, ou seja, o imperador Honório, mas sim na figura do rei Alarico e de seu exército gótico cristianizado.

As implicações das escolhas feitas pelo presbítero hispano-romano nos impulsiona de uma heroicização do falecido imperador romano Teodósio (cristão-niceno), para a figura do rei godo Alarico (cristão-ariano), em detrimento da figura do imperador Honório, que ainda estava vivo e era regente da porção ocidental do Império¹⁷⁵.

Tendo em vista esse ponto de partida, sugiro retroceder aos eventos anteriores aos do ano de 410 e que estão contidos na obra, para que possamos avaliar a trajetória empregada por Orósio em favor dos *godos*, e como ele descreve os “desafios” por eles enfrentados até o Saque de Roma, que por sua vez consistirá no foco central de nossa análise.

A princípio, partimos da premissa de que o presbítero hispano-romano busca minimizar o uso do nome “Alarico” ao longo de sua obra¹⁷⁶, advindo do pressuposto de que essa seria uma opção retórica, revelando-o apenas a poucos capítulos antes do saque – no lugar de Alarico e dos *godos*, o presbítero remete-se ao Saque de 410 como ponto de referência comparativa para outros eventos expostos na obra, mais precisamente a batalha de Polentia em 402.

Sendo assim, o primeiro desafio¹⁷⁷ imposto ao exército godo foi a batalha de Polentia¹⁷⁸, na Páscoa de 402. As ordens do *magistri militum* Estilício, ao comandante alano Saulo/Saúl, eram as de atacar o acampamento godo¹⁷⁹. Apesar de serem evidentes inimigos da

clamoroso castigo que ya pendía sobre ella desde hacía tiempo. (Oros. Hist. VII, 38, 7).

¹⁷⁵ Aprofundarei a questão da “minimização de Honório” por Orósio ao longo das próximas páginas.

¹⁷⁶ O nome Alarico aparece, especificamente, nos livros de 1 a 4 apenas uma única vez, ao se fazer uma comparação com os eventos envolvendo Roma e Babilônia (Oros. Hist. II, 3,3). Já nos livros de 5 a 7, a menção a Alarico vem após a morte de Radagaiso (Oros, Hist. VII, 37, 17), para depois aparecer outras vezes durante o saque de Roma (Oros. Hist. VII, 39) e, por fim, com a morte do líder gótico (Oros. Hist. VII, 44, 12).

¹⁷⁷ Lembrar que, de acordo com o discurso de Orósio, Valente havia sido punido pelos *godos* arianos. No entanto, frente ao governo de Teodósio, essa premissa é ignorada pelo presbítero, ou seja, durante a era teodosiana, os *godos* são apenas mais um dos vários inimigos que ameaçam o Império Romano Cristão. Tanto que na batalha contra Eugênio e Arbogastes, os *godos* que lutavam em favor de Teodósio sofrem grandes baixas, mas tal acontecido é enaltecido por Orósio como se fosse uma vitória. (Oros. Hist. VII, 35, 19).

¹⁷⁸ Atual cidade da Itália na região de Piemonte.

¹⁷⁹ O exército gótico aqui já liderado por Alarico, após saquear a península balcânica e a região da Ilíria, possivelmente entre 395 e 397 invadem a Itália em 401. Nesse mesmo ano, os *godos* haviam pressionado a corte

Romania, Orósio condena a decisão tomada, por se tratar da Páscoa um feriado de extrema importância ao cristianismo, assim:

Ignoro as frequentes derrotas, encurralamentos e rejeições contínuas que o rei Alarico sofreu com seus godos. Ignoro os tristes eventos que ocorreram em Polentia, quando o comando supremo da guerra foi confiado a um general bárbaro e pagão, especificamente Saul que fugiu por razões morais, cuja maldade foi profanar os dias mais solenes e a santa Páscoa e os inimigos foram forçados a lutar por força; e quando, graças ao julgamento divino, ele imediatamente revelou o que seu favor pode fazer e o que sua vingança exige, vencemos a luta, mesmo sendo realmente vencedores derrotados. (Oros. Hist. VII, 37, 2)¹⁸⁰.

A desaprovação ao ocorrido pode ser observada na descrição que nos dá o autor. Frisar o paganismo e o desrespeito à Páscoa em favor do inimigo de Roma é uma mudança nas formas com que se aborda esses “não romanos”. Além disso, está também oculto o fato de Alarico assediar a cidade de Mediolano¹⁸¹, onde o imperador Honório se encontrava; portanto, é possível pensar que há uma predileção pelo sofrimento que passaram os *godos* em 402 do que a ameaça sofrida pela figura imperial¹⁸².

Por fim, a ideia de “vingança” observada no texto orosiano pode conter vários sentidos, já que não fica em sua explanação quem sofreria a “punição divina”. Diante disso, proponho aqui algumas hipóteses: a primeira delas, seria a morte do comandante Saulo, que era pagão, algo ocorrido nessa mesma batalha; a segunda, seria a morte de Estilício anos mais tarde, acusado de tentar usurpar o poder em favor de seu filho; a terceira, remete-nos ao Saque dos *godos* contra Roma. Assim, pode-se observar que, em qualquer das situações hipotéticas acima, segundo a narrativa de Orósio, a vingança providencial foi favorável ao exército derrotado de Alarico, pois enquanto cristãos tiveram de empreender uma guerra em plena “sagrada Páscoa”. Após o ocorrido em Polentia, se seguiu uma relativa “paz” entre Estilício e Alarico.

imperial que estava presente em Milão, que por sua vez fugiu em direção a Ravenna.

¹⁸⁰ Paso por alto las frecuentes derrotas, acorralamientos y continuos rechazos que sufrió el rey Alarico con sus *godos*.

Paso por alto los tristes sucesos acaecidos en Polentia, cuando se encomendó el mando supremo de la guerra a un general bárbaro y pagano, concretamente a Saúl, por cuya maldad fueron profanados los días más solemnes y la sagrada Pascua y se obligó al enemigo, que huía por escrúpulos religiosos, a luchar por la fuerza; y cuando, gracias a que el juicio divino puso inmediatamente de manifiesto qué es lo que puede su favor y qué es lo que exige su venganza, vencimos en la lucha, aunque resultamos en realidad unos vencedores vencidos. (Oros. Hist. VII, 37, 2).

¹⁸¹ Atual cidade de Milão na Itália.

¹⁸² Em Oros. *Hist.* VII, 37, 1-11 a figura de Honório não é mencionada. O historiador hispano-romano inicia o capítulo com a morte de Teodósio, a divisão aos tutores Estilício e Rufino, os crimes cometidos por ambos, para então narrar as mazelas sofridas pelos *godos*. Honório só aparece, ao fim desse trecho como vitorioso sobre o exército de Radagaiso.

No entanto, a ameaça permanecia na região. Assim, as constantes manobras militares do *generalissimus* Estilício, retirando tropas das fronteiras, seja para defender Mediolano ou para perseguir o exército de Alarico, resultaram em uma nova leva de invasores em 405. Um exército formado por alanos, *godos* e vândalos, liderado por Radagaiso (de origem gótica), cruzou os Alpes e alcançou a Itália seguindo em direção ao sul, quando foi obrigado a enfrentar o exército imperial na região da atual Toscana. Disso resultou a derrota do exército invasor e a execução de Radagaiso em 406. Porém, vale ressaltar, que no texto das *Histórias*, a vitória romana não é atribuída à Estilício, mas sim à Honório e aos “generais bárbaros” Uldín e Saro, o primeiro, huno, e o segundo, godo. Mais uma vez, uma questão que vale ser ressaltada pela animosidade do presbítero com relação ao *generalissimus*¹⁸³.

A questão de Radagaiso não está diretamente envolvida com o exército de Alarico. No entanto, Orósio lança mão de um comparativo entre os dois reis *godos*, favorecendo um em detrimento de outro, conforme pode ser observado no trecho destacado a seguir:

Radagaiso, o mais cruel de todos os inimigos antigos e presentes, invadiu toda a Itália em um ataque repentino [...] este, além dessa multidão incrível e de sua coragem indomável, era pagão e cita; e, como é habitual nos povos bárbaros dessa raça, ele prometeu oferecer a seus deuses todo o sangue da raça romana (Oros. Hist. VII, 37, 4-6).¹⁸⁴

O que aconteceu, então, pelos inefáveis desígnios de Deus, foi que, como em uma população heterogênea como a romana os piedosos mereciam a graça e os ímpios a punição, e como convinha por outro lado deixar os inimigos serem punidos mais duramente do que o habitual para uma cidade refratária e responderia na maioria de seus membros, mas não fizessem sumir todos indiscriminadamente com assassinatos sem medida, aconteceu, então, que nessa ocasião duas tribos Goda, com seus poderosos reis, correram para as províncias romanas: delas, uma era cristã e muito próxima da romana e, como os fatos mostravam, moderada pelo temor de Deus na hora da morte; outro era pagão, bárbaro e um verdadeiro cita, pois na época da morte ele gostava, por sua crueldade insaciável, não tanto da glória quanto da pilhagem como da própria morte (Oros. Hist. VII, 37, 8-9).¹⁸⁵

¹⁸³ Sobre o assunto ver página 20, 21 e 58 deste trabalho, seguindo a passagem Oros. Hist. VII, 37, 11-13.

¹⁸⁴ Radagaiso, el más cruel con mucho de todos los enemigos antiguos y presentes, invadió toda Italia en un repentino ataque [...] Éste, aparte de esta increíble multitud y su indómito valor, era pagano y escita; y, como es costumbre en los pueblos bárbaros de esta raza, había prometido ofrecer a sus dioses toda la sangre de la raza romana. (Oros. Hist. VII, 37, 4-6)

¹⁸⁵ Lo que su cedió, pues, por los inefables designios de Dios, fu e que, como en una población heterogénea como la romana los piadosos merecían la gracia y los ímpios el castigo, y como con venía por otra parte dejar a los enemigos que castigasen con azotes más duros que de costumbre a una ciudad refractaria y contestaría en la mayoría de sus miembros, pero no que barriesen a todos indiscriminadamente con matanzas sin medida, sucedió, pues, que en esta ocasión dos tribus godas, con sus poderosos reyes, corrían por las provincias romanas: de ellos, uno era cristiano y muy próximo a lo romano y, como mostraron los hechos, moderado por temor a Dios a la hora de dar muerte; otro era pagano, bárbaro y un auténtico escita, ya que a la hora de dar muerte gustaba, por su insaciable crueldad, no tanto la gloria o el botín como la propia muerte por sí misma. (Oros. Hist. VII, 37, 8-9)

Portanto, Deus, o justo governante da raça humana, queria que o inimigo pagão morresse e permitia que o cristão prevalecesse, para que os romanos pagãos e blasfemos fossem confundidos com sua perda e punidos com sua chegada; especialmente quando a continência do imperador Honório, admirável em um rei, e sua fé sagrada não mereciam pouca misericórdia divina. (Oros. Hist. VII, 37, 11-12).¹⁸⁶

Então, essa Roma ingrata, que, da mesma maneira que agora conhece a misericórdia indireta do julgamento de Deus, é misericordiosa porque ele teve que não perdoar sua idolatria, mas suprimi-la, para que ela também deva conhecer sua raiva em breve, embora, por uma lembrança piedosa dos santos vivos e mortos, uma ira não total, para ver se, por acaso, ele se arrepende de sua confusão e, por experiência passada, aceita fé; Essa Roma, então, agora está livre há algum tempo do ataque de Alarico, rei e inimigo, mas cristão. (Oros. Hist. VII, 37, 17).¹⁸⁷

A escolha é feita pela misericórdia divina. Assim, Deus não permite que Radagaiso siga com seu intento de destruir a raça romana e é parado por Honório. Por outro lado, Alarico ainda permanece na Itália e, alguns anos mais tarde, seria ele o responsável por “castigar” Roma, não de forma indistinta e atroz como faria um rei pagão, mas conforme os desígnios da Providência Divina. Portanto, não é o caso de se afirmar que Orósio valorize os godos, indistintamente. Ele valoriza o cristianismo que move determinados personagens. Com Radagaiso, a questão da passagem da dicotomia “romano versus bárbaro” para a de “cristão versus pagão” fica ainda mais evidente.

Esse trecho da obra cumpre várias funções. Primeiro, podemos pensá-lo como exemplo da narrativa histórica ao qual Orósio se propõe enquanto historiador, dentro dos parâmetros dos breviários, informando apenas o essencial sobre os acontecimentos em torno de Radagaiso, sem grande riqueza de detalhes. Por outro lado, algo que está presente ao longo de sua obra, é a retórica utilizada para sustentar seus argumentos em favor do Império Romano Cristão. Assim, ele maximiza os perigos que representaria o rei godo pagão, aumentando assim a coragem de Honório ao enfrentar tal inimigo. Por último e mais importante, segundo o foco de nossa análise, é privilegiar as qualidades de Alarico. A narrativa se desdobra de modo a criar uma visão positiva sobre o rei godo cristão, incumbindo-o, por fim, ao castigo das “blasfêmias” cometidas pelos

¹⁸⁶ Por ello, el justo regidor de la raza humana, Dios, quiso que muriese el enemigo pagano y permitió que prevaleciese el cristiano, para que los romanos paganos y blasfemos fueran confundidos con la pérdida de aquél y fueran castigados con la llegada de éste; máxime cuando la continencia del emperador Honorio, admirable en un rey, y su sacra fe merecían no poca misericordia divina. (Oros. Hist. VII, 37, 11-12)

¹⁸⁷ Así pues, esta ingrata Roma, la cual, de la misma forma que ahora ha conocido la indirecta misericordia del juicio de Dios, misericordia que éste ha tenido no para perdonarle su idolatría, sino para reprimirla, así también ha de conocer pronto su ira, aunque, en aras del piadoso recuerdo de los santos vivos y muertos, una ira no total, para ver si por casualidad se arrepiente de su confusión y, por la experiencia pasada, acepta la fe; esta Roma, pues, se ve libre ahora por un cierto tiempo del ataque de Alarico, rey y enemigo, pero cristiano. (Oros. Hist. VII, 37, 17).

romanos vinculados ao paganismo ao tentarem restaurar os antigos cultos.

Para enfrentar o exército de Radagaiso, Estilicão removeu as tropas responsáveis pela defesa das fronteiras renanas, e assim, com uma nova leva de populações não-romanas adentrando as fronteiras do Império aos finais de 406, a culpa recaiu sobre Estilicão, acusado de ter facilitado a entrada desses povos. Nesses termos, escreve Orósio que,

Enquanto isso, o general Estilicón, nascido na raça dos vândalos, de família baixa, avara, perversa e mentirosa, sem se importar o fato de que seu poder era inferior ao do imperador, tentava, por todos os meios, segundo diz a maioria, mudar o imperador para que seu filho Euquerio assumisse o trono, porque desde a infância e como pessoa particular, planejava perseguição contra os cristãos. Portanto, quando Aladeo e todo o povo Godo pediram com humilde pela paz digna e lugares para morar, embora secretamente negociasse com eles, negava publicamente a possibilidade de guerra e paz, guardando este segredo para desgastar e aterrorizar o Estado. (Oros. Hist. VII, 38, 1-3).¹⁸⁸

Nenhum elemento de cristandade é associado à figura de Estilicão, apenas aspectos negativos são destacados, de modo que é possível lançar um comparativo com os elementos que compõe a representação elaborada sobre a pessoa de Radagaiso, ou seja, um *bárbaro*. Portanto, o *generalissimus* é tratado como um inimigo de Roma. Para endossar as acusações, o trecho nos mostra a visão orosiana sobre a possibilidade de Euquerio perseguir os cristãos, agravando a traição:

(...) Finalmente, quando o imperador Honório e o exército romano descobriram a maldosa intriga, em uma justíssima rebelião do exército, Estilicão foi morto por vestir uma criança com o roxo imperial e oferecer todo o sangue da raça humana. Foi executado Euquerio, o qual, para agradar os pagãos, ameaçava manchar o início de seu reinado com a restauração dos templos pagãos e a destruição das igrejas. Com Estilicão e Euquerio foram castigados alguns de seus capangas do projeto (Oros. Hist. VII, 38, 5-6).¹⁸⁹

Estilicão é duplamente fustigado na narrativa orosiana: primeiro, por ter supostamente

¹⁸⁸ Entretanto el general Estilicón, nacido de la raza de los vándalos, de familia baja, avara, pérfida y falaz, sin importarle nada el hecho de que su poder estaba por debajo del poder del emperador, intentaba por todos los medios, según transmite la mayoría, cambiar al emperador para colocar en el trono a su hijo Euquerio, quien, ya desde niño y como persona privada, tramaba persecución contra los cristianos. Por ello, cuando Aladeo y todo el pueblo godo pedían con humildes súplicas una paz digna y unos lugares para vivir, aunque en secreto favorecía un tratado con ellos, públicamente negaba la posibilidad de guerra y de paz, reservándoles así para desgastar y aterrorizar al Estado (Oros. Hist. VII, 38, 1-3).

¹⁸⁹ (...) cuando el emperador Honorio y el ejército romano descubrieron la intriga de tanta maldad, en un justísimo levantamiento del ejército perdió la vida Estilicón, el cual, por vestir a un niño con la púrpura imperial, ofreció la sangre de todo el género humano. Fue ejecutado Euquerio, el cual, para atraerse el favor de los paganos, amenazaba con manchar los comienzos de su reinado con la restauración de los templos paganos y la destrucción de las iglesias. Y con Estilicón y Euquerio fueron castigados unos pocos secuaces suyos en tales proyectos (Oros. Hist. VII, 38, 5-6).

traído o Império e o Imperador e em segundo por conta de seu filho, Euquério, que buscava a restauração do paganismo, apostatando ao renegar o cristianismo. O antagonismo existente dessas duas passagens é mais um artifício utilizado por Orósio para que, deste modo, os *godos* (ou melhor, Alarico e os seus) sejam representados de uma forma distinta daqueles outros grupos que não tinham origem dentro dos limites do Império Romano. Em resumo, o discurso favorável aos *godos* não se aplicava aos demais povos.

Estilício e Euquério servem de contraponto à imagem construída de Honório. Ainda que nosso autor não desqualifique a pessoa do imperador, não há, de mesmo modo, uma construção heroica como é feita com Teodósio ou Alarico, mesmo que lhe sejam atribuídas vitórias contra Gildão e Radagaiso; nenhum outro destaque é feito ao soberano, cuja única qualidade é ser cristão-niceno, o mesmo podemos apontar para seu irmão Arcádio. Portanto, Honório permanece a sombra de figuras de maior destaque na obra orosiana, em especial Alarico e, por exemplo, as vitórias logradas contemporâneas à escritura das *Histórias* são associadas ao *comes* Constâncio III (marido de Galla Placídia).

Vale ressaltar que as tentativas falhas de negociação são diretamente associadas a Estilício e não a Honório e sua corte. Aqui assinalo que pode ter sido pela prudência que Orósio não toca nesses detalhes ou porque lhe servia muito bem ocultar esses fatos e condenar ainda mais a pessoa de Estilício.

Com a morte de Estilício, a corte imperial do Ocidente, sob notável influência exercida por Olímpio, alimentava um forte sentimento “antibárbaro”. Portanto, as negociações de Alarico com o imperador não avançaram, agravando a relação entre as partes. Por outro lado, as perseguições empreendidas contra os apoiadores do antigo *generalissimus* resultaram na fuga de inúmeros integrantes de tropas auxiliares e várias famílias que não se encaixavam nas novas políticas da corte. Esses, por sua vez, foram acolhidas pelo exército gótico.

Os contingentes dos *godos*, agora muito mais numerosos, saíram da província da Nórica em direção à Itália em 408. O poder para negociar com a corte imperial havia aumentado consideravelmente e Alarico nutria a intenção de pressioná-la mais uma vez. Após decidir que a tomada da cidade de Ravena, onde se encontrava a corte imperial, era um objetivo muito complicado para ser alcançado, o exército gótico seguiu em direção à cidade de Roma.

O objetivo era levantar cerco sobre Roma, usando a cidade como uma forma de barganhar as exigências feitas à Honório e seu séquito¹⁹⁰. O primeiro cerco se deu em 408 e o

¹⁹⁰ Kulikowski (2008 p. 202), Frighetto (2012, p. 140-141) e Bruno Gama (2016, p. 138-139) defendem essa perspectiva de que Alarico utilizou-se do cerco a Roma como barganha se desenvolve na historiografia contemporânea Orósio não faz nos oferece essa chave de leitura, seu propósito é apontar para o castigo divino.

segundo em 409, sendo que nesse ano o senador e prefeito de Roma, Prisco Átalo, foi nomeado imperador – em meio a uma estratégia de Alarico para aumentar a pressão sobre a corte de Honório. No entanto, as linhas de abastecimento de grãos foram cortadas e a coroação de Átalo se mostrou inviável. O cerco foi retirado e novas tentativas de negociação com a corte em Ravena se reiniciaram.

Em 410, mas uma vez as negociações não avançaram, resultando no saque da cidade de Roma pelo exército dos *godos*, comandado por Alarico. Era o “castigo” anunciado por Orósio, para punir a cidade¹⁹¹, perspectiva essa que está presente em toda a obra e remetia o leitor ao pecado original e à queda de Adão e Eva¹⁹². Mas a “blasfêmia da cidade de Roma” é ponto bastante importante para o elemento narrativo, já que ele se encontra presente como exemplo comparativo para outros momentos da narrativa, caso de Sodoma e Gomorra, a queda da Babilônia, bem como o Saque Gaulês em 387 a.C., como explicamos anteriormente¹⁹³.

Porém, falar de um deus punitivo não é a intenção do presbítero, mas sim, construir uma defesa ao cristianismo. Não é só de punições que Orósio apresenta tais argumentos de defesa, mas também dos desígnios que orientam os cristãos. Sendo assim, cumpre-se uma dupla função, ou seja, minimizar os efeitos do saque para cristãos e não-cristãos (em especial para os romanos), bem como apontar para os propósitos da Providência Divina, para que através dela, argumenta Orósio, *godos* e romanos “cantem hinos de louvores aos céus”¹⁹⁴. Logo, através das ordens de Alarico que o presbítero narra um modelo de comportamento cristão, baseado na prudência, em detrimento de uma possível autoridade imperial (os filhos e sucessores de Teodósio, por exemplo) ou de uma liderança eclesiástica. O fato de o início da narrativa sobre o saque de 410 se dar nesses termos é muito significativa, já que é a partir desse acontecimento que Orósio fundamenta a ideia de que o passado é pior que o presente, ou melhor, é a partir do episódio que o historiador construiu uma relação entre passado e presente:

Alarico aparece, sitia, aterroriza e invade a temerosa Roma, embora ele tenha dado a ordem de antemão, em primeiro lugar que eles saíam sem prejudicar e sem perturbar todos aqueles que se refugiaram em lugares sagrados e especialmente nas basílicas dos santos apóstolos Pedro e Paulo e, em segundo lugar, que, na medida do possível, se abstiveram de derramar sangue, rendendo-se apenas aos despojos (Oros. Hist. VII, 39, 1).¹⁹⁵

¹⁹¹ Oros. *Hist.* VII, 38, 7.

¹⁹² Ver citação de Orósio.

¹⁹³ Nesse mesmo trabalho nas páginas 28 a 35 aprofundamos a questão dos paralelismo passado-presente, utilizados por Orósio enquanto historiador para justificar suas premissas. Mais adiante aprofundaremos o comparativo desses eventos com o Saque de 410.

¹⁹⁴ Oros. *Hist.* VII, 39, 9.

¹⁹⁵ Se presenta Alarico, asedia, aterroriza e invade a la temblorosa Roma, aunque había dado de antemano la orden, en primer lugar de que dejasen sin hacer daño y sin molestar a todos aquellos que se hubiesen refugiado en lugares

Orósio, como pode ser observado, narra que o líder godo assediou, aterrorizou e invadiu Roma; logo, não há negação desses aspectos por parte de nosso autor sobre o evento ocorrido. Em contrapartida, apontamos que a frase inicial da passagem acaba sendo sobreposta, minimizada, pelo restante da narrativa. Alarico, inegavelmente, lançou seu exército contra os portões de Roma com o intuito de pilhá-la, mas não da forma que se esperaria de uma “turba de bárbaros”, tal qual pode ser visto no Saque Gaulês, conforme lemos no capítulo anterior deste trabalho. É a partir desse momento que o texto orosiano se desdobra longe das perspectivas pejorativas acerca dos povos não-romanos, no caso específico, os *godos*.

Continuando, diz Orósio que as ordens eram para que os soldados evitassem derramamento de sangue e que se ativessem apenas ao saque. Não obstante, reforço que o autor constrói uma imagem em que projeta um respeito de Alarico à religião cristã, ou melhor, “um temor a Deus”, ao apontar que o líder gótico deu ordens para que não se fizesse mal aos refugiados em lugares sagrados e que fosse respeitadas as basílicas de Pedro e Paulo. Em suma, esse ponto da obra orosiana pode ser entendido como a conclusão do curso narrativo traçado nos capítulos anteriores. Alarico, rei e inimigo, mas cristão¹⁹⁶, está à frente da “punição divina” designada contra os romanos – tendo por palco a cidade de Roma, expressão concreta dos antigos valores pagãos. Porém, vale lembrar aqui o fato de que Orósio se posiciona como defensor da cristandade e também do Império. Ou seja, os *godos* não são retratados como fortes o suficiente para combater o Império, mas sim como instrumento punitivo da “pecaminosa” cidade de Roma, como pode ser notado no parágrafo abaixo:

E para deixar mais claro que essa invasão da cidade se devia mais à indignação de Deus do que à força dos inimigos, aconteceu até que o bispo da cidade de Roma, o abençoado Inocência que estava em Ravena pela providência oculta de Deus, assim como Loth foi tirado de Sodoma. Desta maneira, ele não viu a queda do povo pecador (Oros. Hist. VII, 39, 2).¹⁹⁷

Mais adiante na narrativa, nos defrontamos com outro elemento comparativo entre os eventos de Sodoma e Gomorra com a cidade de Roma. Aqui, a figura do bispo Inocência não

sagrados y sobre todo en las: basílicas de los santos apóstoles Pedro y Pablo, y, en segundo lugar, de que, en la medida que pudiesen, se abstuvieran de derramar sangre, entregándose sólo al botín (Oros. Hist. VII, 39, 1).

¹⁹⁶ Oros. Hist. VII, 37, 17.

¹⁹⁷ Y para que quedase más claro que aquella invasión de la ciudad se debía más a la indignación de Dios que a la fuerza de los enemigos, sucedió incluso que el obispo de la ciudad de Roma, el bienaventurado Inocencia, cual justo Loth sacado de Sodoma, se encontraba en Rávena por la oculta providencia de Dios; de esta forma no vio la caída del pueblo pecador (Oros. Hist. VII, 39, 2).

se encontrava em Roma no momento de sua queda, remissão feita à figura de Loth¹⁹⁸ que foi alertado por Deus a deixar a cidade de Sodoma.

Partindo dessa passagem, pode-se fazer uma análise em que a figura central não é Alarico, mas sim outro godo não identificado. Geralmente é sob líder *godo* que se promove, na narrativa, a desconstrução da imagem do “bárbaro”; mas, nesse caso, a situação não é protagonizada por ele, ou seja, não é apenas Alarico que contém as qualidades narrados por Orósio, penso que, nesse momento, essas características positivas são comuns aos *godos*, distanciando-os do que possivelmente defini-los-ia como “bárbaros”. Mas, não devemos esquecer que havia dissidentes do exército de Radagaiso entre os que compunham as fileiras do exército de Alarico.

Na jornada que os bárbaros fizeram pela cidade, um godo, que era poderoso e da religião cristã, encontrou casualmente em um convento uma virgem consagrada a Deus de idade avançada; e, quando lhe pediu educadamente ouro e prata, ela, com a certeza de que sua fé lhe dava, respondeu que tinha muito, prometeu que o mostraria e tirou tudo de sua presença; e quando ele percebeu que o bárbaro, em vista de todas essas riquezas, estava atordoado com sua quantidade, seu peso e sua beleza - embora ele nem soubesse a qualidade dos vasos - a virgem de Cristo lhe disse; “Estes são os vasos sagrados do apóstolo Pedro; tomá-los, se você tiver coragem suficiente; se o fizer, terá que responder; Eu, como não posso defendê-lo, não ousa mantê-lo”. O bárbaro, pressionado a respeitar a religião e o temor de Deus, e pela fé da virgem, enviou um mensageiro a Alarico para informá-lo desses fatos. (Oros. Hist. VII, 39, 3-7).¹⁹⁹

Ora, é dizer a esse ponto que a religião cristã confere grau de civilidade aos “bárbaros”. Proponho uma análise fortuita ao caso, comparando essa cena com uma outra do Saque Gaulês, onde um dos guerreiros comandados por Breno acham que o Senador imóvel era uma estátua, e quando esse se move, o guerreiro prontamente mata o ancião. Orósio usa essa cena na construção de sua narrativa sobre o passado romano, mas também o faz para reforçar a condição de barbárie daqueles perpetradores. Ainda que relativizemos a intensão de nosso autor, ainda podemos encontrar uma nítida civilidade nos *godos* que não havia nos *gauleses*.

¹⁹⁸ Também chamado de Ló. Personagem bíblico do Antigo Testamento que escapou, com sua família, da destruição das cidades de Sodoma e Gomorra.

¹⁹⁹ En el recorrido que los bárbaros hicieron por la ciudad, un godo, que era de los poderosos y de religión cristiana, encontró casualmente en una casa de religión a una virgen consagrada a Dios, de edad ya avanzada; y, cuando él le pidió de una forma educada el oro y la plata, ella, con la seguridad que le daba su fe, respondió que tenía mucho, prometió que se lo mostraría y lo sacó todo a su presencia; y cuando se dio cuenta de que el bárbaro, a la vista de todas aquellas riquezas, quedó atónito por u cantidad, su peso y su hermosura —a pesar de que desconocía incluso la calidad de los vasos—, la virgen de Cristo le dijo; «Éstos son los vasos sagrados del apóstol Pedro; cógelos, si tienes el suficiente valor; si lo haces, tú tendrás que responder; yo, dado que no puedo defenderlo, no me atrevo a mantenerlo.» El bárbaro, empujado al respeto a la religión ya por temor a Dios, ya por la fe de la virgen, mandó un mensajero a Alarico para informarle de estos hechos. (Oros. Hist. VII, 39, 3-7).

Se é o cristianismo aquele a promover a civilidade, seria correto pressupor que o paganismo está associado a barbárie? Observamos que na narrativa do Saque Godo há elementos que possam contribuir para tal pensamento

(...) Eles se juntam aos vasos de Pedro, e também muitos pagãos se misturam com os cristãos na mesma manifestação, mas não com a mesma fé. Dessa maneira, esses pagãos conseguem se salvar momentaneamente para sua maior confusão. E quanto mais numerosos são os romanos que se reúnem para fugir, mais determinados os bárbaros fazem fronteira com eles para defendê-los. (Oros. Hist. VII, 39, 10).²⁰⁰

A falta de conhecimento que gera a confusão aos pagãos na passagem acima, seria, possivelmente, uma característica muito próxima ao *gaules* que, desconhecendo as figuras senatoriais tira a vida do ancião. Em outras palavras, fazendo um comparativo entre as duas situações, nos proporciona uma leitura de semelhança entre elas, a falta de conhecimento como uma característica da “barbárie”.

Porém, deixemos ainda em aberto essa hipótese, pois a Orósio interessa enaltecer a grandeza do cristianismo e também sua benevolência, já que apesar de Roma ter sido saqueada, não ocorreu o mesmo que havia acontecido em 387 a.C. O Saque Godo se absteve das matanças e da destruição completa da cidade, muito diferente do que foi proporcionado pelos gauleses de Breno, já que os *godos*, no entender de Orósio, cumpriam com os mandos da Providência Divina.

Adiante na narrativa, Orósio aponta para o temor a Deus como a tônica do discurso, o que, por sua vez, explicaria a sensatez atribuída a Alarico. É importante pensar também que, ao longo da narrativa o rei *godo* compõe um personagem extremamente importante – vale destacar que nem mesmo um imperador como Augusto perpassa toda a obra do presbítero como Alarico o faz. Minha proposta é a de que temos ali um exemplo de conduta cristã, não apenas de benevolência, pura e simples. Nesse sentido, endossamos a perspectiva de que Alarico ganha contornos heroicos no texto: “Alarico ordenou que os cálices sagrados fossem levados do modo que estavam na basílica do apóstolo e que, através desta mesma escolta, fosse também a virgem e todos os cristão que quisessem unir-se a eles” (Oros. Hist. VII, 39, 6)²⁰¹.

²⁰⁰ (...) se unen a los vasos de Pedro, y también muchos paganos se mezclan con los cristianos en una misma manifestación aunque no con la misma fe; de esta forma, esos paganos logran salvarse momentáneamente para mayor confusión suya. Y cuanto más numerosos son los romanos que se juntan para huir, con tanto más empeño los bordean los bárbaros para defenderlos. (Oros. *Hist.* VII, 39, 10) Grifo meu.

²⁰¹ “Alarico dio órdenes **de** que los vasos sagrados fueran llevados tal como estaban a la basílica del apóstol y que, bajo la misma escolta, fuese también la virgen y todos aquellos cristianos que quisieran unirse” (Oros. Hist. VII, 39, 6).

Mais uma vez, se faz sentir a intenção de Orósio ao propor essa linha de que o cristianismo seria um elemento aglutinador dos povos. Aponto esse trecho como um dos mais importantes para os propósitos desta dissertação, pois se trata de passagem em que Orósio trata *romanos e bárbaros* como iguais. A religião seria, então, responsável por reunir os povos, muito mais firmemente do que o Império jamais poderia alcançar. Notamos, aqui, que quem defende o cristianismo não são os romanos, mas os *godos*, é sob a tutela deles que os cálices são trasladados até a basílica. O saque é praticamente oculto pela noção de que romanos e *godos* cantam hinos de louvores enquanto os pagãos fogem acossados pelos guardiões desses cálices:

A casa, dizem eles, estava bem longe da basílica e a cidade teve que ser atravessada. Portanto, enquanto todo mundo assistia ao grande espetáculo, os cálices de ouro e prata são transportados publicamente, carregados pelas pessoas em suas cabeças. A procissão piedosa é cortejada ao longo de sua jornada por uma escolta com espadas desembainhadas; Romanos e bárbaros, unidos em um coro, cantam publicamente um hino a Deus; o som da trombeta da salvação soa em toda parte em meio ao saque da cidade e encoraja e encoraja a todos, mesmo aqueles escondidos em lugares escondidos. De todos os lugares os "cálices" de Cristo se juntam aos cálices de Pedro, e também muitos pagãos se misturam com cristãos na mesma manifestação, mas não com a mesma fé; Dessa maneira, esses pagãos conseguem se salvar momentaneamente para sua maior confusão. E quanto mais numerosos são os romanos que se reúnem para fugir, mais determinados os bárbaros fazem fronteira com eles para defendê-los (Oros. Hist. VII, 39, 7-10).²⁰²

Ou seja, Orósio elabora um discurso em que os bárbaros não seriam os *godos*, mas sim os romanos não-cristãos, que não sabem o que está acontecendo, são ignorantes perante o cristianismo e fogem em turbas – quer dizer, um comportamento tradicionalmente entendido como “barbarizado”:

Ó discriminação sagrada e impronunciável pelo julgamento divino! Oh, santo e saudável, este dilúvio humano, que, deixando uma pequena casa, enquanto deita em seu feliz leito em direção à morada dos santos, arrasta com perversa rapidez o seio da salvação para as almas errantes e ameaçadas de extinção! Oh gloriosa trombeta da milícia cristã, que, convidando com seu doce som, não tem discriminação à vida, abandonou a morte, sem a possibilidade de

²⁰² La casa según dicen, estaba bastante lejos de la basílica y había que atravesar toda la ciudad. Por tanto, mientras todos miraban aquel gran espectáculo, los vasos de oro y plata son públicamente trasladados llevando cada persona uno en su cabeza. La piadosa procesión es cortejada en todo su recorrido por una escolta con las espadas desenvainadas; romanos y bárbaros, unidos en un solo coro, cantan públicamente un himno a Dios; el sonido de la trompeta de salvación suena a lo largo y ancho en medio del saqueo de la ciudad, e incita y anima a todos, incluso a los escondidos en lugares ocultos. De todas partes los «vasos» de Cristo se unen a los vasos de Pedro, y también muchos paganos se mezclan con los cristianos en una misma manifestación aunque no con la misma fe; de esta forma, esos paganos logran salvarse momentáneamente para mayor confusión suya. Y cuanto más numerosos son los romanos que se juntan para huir, con tanto más empeño los bordean los bárbaros para defenderlos (Oros. Hist. VII, 39, 7-10).

desculpa, para aqueles que, por sua desobediência, não atraíram a salvação! Foi um mistério profundo o transporte de embarcações, o canto de hinos e a condução da cidade. Era algo assim, eu acho, como uma peneira grande, pela qual, de toda a massa do povo romano, como se fosse uma grande pilha de trigo, eles passaram por todos os buracos, deixando os cantos escondidos de todo o círculo de pessoas. A cidade, os grãos vivos, já impulsionados pela ocasião, já pela verdade; no entanto, todos os grãos do capataz do Senhor que acreditavam que poderiam salvar sua vida atual foram aceitos, mas o restante, como se fosse adubo ou palha, já julgado de antemão por sua falta de fé e desobediência, permaneceu ali para ser exterminado e queimado. Quem poderia ponderar suficientemente sobre esses fatos, não importa quantas maravilhas ele dissesse? Quem poderia proclamá-los com louvores dignos? (Oros. Hist. VII, 39, 11-14).²⁰³

No trecho acima, podemos perceber que Orósio deixa de lado o “eu-historiador” para adotar o “eu-cristão”: ora, não há como separar essas duas partes, é claro. No entanto, quero salientar que a passagem dá ênfase a uma leitura religiosa do evento, assim como o trecho em que ele narra o traslado dos cálices. Isso reforça minha hipótese sobre a tentativa de Orósio em justificar os acontecimentos de 410 como um castigo divino contra aqueles que ele concebia como blasfemadores pagãos. Por assim dizer, importava menos a materialidade com que se deram os fatos, mas sim o modo como eles foram representados, conforme as intenções do autor.

Ressaltamos que o relato de Orósio não é homogêneo, mas tem por objetivo cumprir com determinadas premissas, como indicamos nos capítulos anteriores. Quando o inimigo é um não-cristão, o presbítero não se importa em lançar críticas e por vezes, acentuá-las por meio da alegação de que eram alvo de castigos divinos, já que representariam *inimigos* do cristianismo. No entanto, em contrapartida, quando se trata dos embates entre *godos* e romanos, os primeiros são tratados como inimigos em sua narrativa. Ou seja, há dois elementos-chaves que sustentam seus argumentos: o cristianismo e o Império. Tomemos com exemplos alguns casos: Saulo era um bárbaro e pagão, criticado por combater Alarico e os *godos* cristãos em plena Páscoa. Por outro lado, os *godos* são também inimigos do Império e por isso é que Teodósio, por exemplo, os derrota através da imposição da força militar romana. Como diz Orósio:

²⁰³ ¡Oh sagrada e indecible discriminación obrada por el juicio divino! ¡Oh santa y saludable esta riada humana, la cual, salida de una pequeña casa, mientras tiende en su feliz lecho hacia la morada de los santos, arrastra con piadosa rapacidad al seno de la salvación a las almas errantes y en peligro! ¡Oh trompeta gloriosísima de la milicia cristiana, que, invitando con su dulcísimo son a todos sin discriminación a la vida, abandonó a la muerte, sin posibilidad de excusa, a los que, en su desobediencia, no atrajo a la salvación! Fue un profundo misterio este del transporte de vasos, del canto de himnos y de la conducción del pueblo; fue algo así, pienso, como un gran tamiz, por el cual, de toda la masa del pueblo romano, como si de un gran montón de trigo se tratase, pasaron por todos los agujeros, saliendo de los escondidos rincones de todo el círculo de la ciudad, los granos vivos, conducidos ya por la ocasión, ya por la verdad; sin embargo, fueron aceptados todos aquellos granos del previsor granero del Señor que creyeron poder salvar su vida presente, pero los restantes, como si se tratase de estiércol o paja, juzgados ya de antemano por su falta de fe y su desobediencia, quedaron allí para ser exterminados y quemados. ¿Quién podría ponderar suficientemente estos hechos, por muchas maravillas que dijese? ¿Quién podría proclamarlos con dignas alabanzas? (Oros. Hist. VII, 39, 11-14).

No terceiro dia de entrada na cidade, os bárbaros partem espontaneamente, não sem causar o incêndio de alguns prédios, mas com um incêndio não tão grande quanto o que em 700 da fundação da cidade havia causado o acaso. E, se lembrarmos do fogo provocado pelo espetáculo de Nero, que era seu imperador, de Roma, sem dúvida não será possível combinar esse tipo de fogo que agora causou a ira do vencedor com o que causou a lascívia de um príncipe. Nem devo me lembrar agora, nessa lista, o dos gauleses, que rapidamente apreenderam, no espaço de quase um ano, as cinzas de uma Roma ardente e destruída. E para que ninguém duvidasse de que os inimigos tivessem permissão para fornecer esse corretivo a esta cidade soberba, lasciva e blasfema, os lugares mais ilustres da cidade que não haviam sido queimados pelos inimigos, foram destruídos por raios naquele momento (Oros. Hist. VII, 39, 15-18).²⁰⁴

Como já apontado no Capítulo 1 no que se refere à questão da temporalidade em Orósio, podemos notar que o Saque de 410 configura o elemento que se faz presente em toda a estrutura da obra, costurando as relações entre o passado e o presente, sendo esse último intervalo temporal aquele que o presbítero busca elucidar com maior ênfase. Por outro lado, ofereço uma outra chave de leitura para o trecho que diz respeito ao saque em si. Nesse ponto da narrativa, a preocupação de Orósio não é com uma descrição aprofundada do evento: se deixarmos de lado os aspectos cristãos que compõem a narrativa, temos algumas poucas linhas que se ocupam em descrever o ocorrido, mesmo levando-se em conta a questão da brevidade. Isso me impulsiona a reforçar a hipótese de que o Saque não é apenas importante em si, mas em especial pelo modo como ele é representado por Orósio, com o objetivo de reverter o discurso pagão de que a cristianização da sociedade romana a enfraqueceu a ponto de ter havido a “queda” da cidade. O Saque Godo, portanto, não é um elemento da fraqueza do Império enquanto universo cristão, mas é apresentado como manifestação da punição divina contra as blasfêmias cometida pelos habitantes da cidade que não compactuam com a religião que o historiador queria como “única” e “verdadeira”.

Os *godos* aparecem no relato apenas a partir do Livro VI e são tratados como bárbaros. Destarte, no início de sua descrição, resguardando o princípio da brevidade, Orósio apresenta-

²⁰⁴ Al tercer día de haber entrado en la ciudad los bárbaros se marchan espontáneamente, no sin provocar el incendio de unos cuantos edificios, pero no incendio tan grande como el que en el año 700 de la fundación de la ciudad había provocado el azar. Y, si recordamos el fuego provocado para espectáculo de Nerón, que era emperador suyo, de Roma, sin duda alguna no se podrá igualar con ningún tipo de comparación este fuego que ha provocado ahora la ira del vencedor con aquel que provocó la lascivia de un príncipe. Ni tampoco debo recordar ahora en esta relación a los galos, los cuales se apoderaron rápidamente, en el espacio casi de un año, de las trilladas cenizas de un Roma incendiada y destruida. Y para que nadie dude de que los enemigos tuvieron permiso para proporcionar ese correctivo a esta soberbia, lasciva y blasfema ciudad, los lugares más ilustres de la ciudad que no habían podido ser quemados por los enemigos, fueron destruidos por rayos en esta misma época (Oros. Hist. VII, 39, 15-18).

os como inimigos de Roma; no entanto, tal característica textual não se mantém ao longo da narrativa. É o caso dos *Godos* que saqueiam Roma que, como vimos, são tratados como instrumentos punitivos usados pela Providência Divina para punir a cidade de Roma, ou seja, quanto aos eventos importantes os quais se propõe explicar, Orósio se alonga em detalhes, (normalmente trazendo elementos baseados na Providência Divina) rompendo assim com a sua proposta de *brevitas*.

Mesmo que Orósio retrate de forma pitoresca as ações do Saque, não é com os mesmos tons críticos com que ele trata Radagaiso, que também era godo. Partindo desse ponto, podemos dizer que os bárbaros *godos* apresentam diferentes nuances na narrativa orosiana.

Podemos apontar que um dos motivos (quicá talvez o mais relevante) que explica a forma com que Orósio descreve os eventos relacionados ao grupo de *godos* liderados por Alarico é fato desses últimos serem cristãos. No entanto, são cristãos arianos e não nicenos, como o presbítero e a religião oficializada por Teodósio. Fato esse que é, de certa forma, minimizado pelo autor. Bem como, são o oposto das fileiras pagãs de Radagaiso.

Segundo Renan Frighetto (2010), Radagaiso surge como uma segunda liderança *goda* rivalizando com Alarico pelo título de *rex gothorum*. Enquanto o primeiro estava ligado ao grupo de pagãos dissidentes do antigo líder Atanarico, o segundo (juntamente com Fritigerno) ligado ao grupo que havia aceitado o processo de conversão na segunda metade do século IV. Portanto, a perspectiva de Orósio se reafirma na distinção entre os dois líderes, aprofundando ainda mais os termos de sua proposta.

É plausível apontar essa questão não como um problema, mas uma solução encontrada pelo autor para a sua tese. Seu objetivo não é defender exatamente o culto niceno (ou defendê-lo antes de tudo), mas sim o cristianismo; logo, para tal intento não discute questões internas à religião cristã²⁰⁵. Dessa forma, o historiador não põe em dúvida a religiosidade dos *godos*, mas, pelo contrário, reforça-a: isso fica mais evidente no trecho, que mencionamos anteriormente, em que relata sobre o Saque de 410 e o momento em que os *godos*, juntamente com outros cristãos, formam uma procissão para levar os cálices de Pedro para determinada igreja.

Assim, toda vez que os gauleses se indignavam, Roma era destruída com todos os seus recursos, de modo que agora, diante do atual ataque dos godos, é

²⁰⁵ Ainda que não seja explícita a mensagem contra outras vertentes do cristianismo, como por exemplo: arianismo, pelagianismo, origenismo e priscilianism. Orósio defende o culto niceno acusando, muito especificamente o arianismo em passagens como a acusação contra Orósio se refere a Constâncio e a Valente como hereges. *In: Oros. Hist. VII, 32, 6 e em 33, 19. (Valente) Oros. Hist. VII, 29, 1-3 (Constâncio e Arrio)*. Como era de se esperar, por fim, há o favorecimento da ortodoxia nicena, mas salvo momentos específicos em sua obra Orósio passa ao largo as discussões internas do cristianismo. Como já apontamos em outros momentos deste trabalho sobre a intenção de escrever não só para os pagãos, mas também para os cristãos.

quando mais se deve se lembrar dos gauleses (Oros. Hist. III, 22, 15).²⁰⁶

A questão da *Gothia x Romania*. Ataulfo, em seu discurso na Gália, diz que a *Romania* viria a ser substituída pela *Gothia*, ou seja, a formação de um novo reino dentro do Império Romano. Orósio contrapõe o argumento de Ataulfo, já que o autor defende a continuidade do Império Romano e através dele a vitória do cristianismo. Posso apontar isso com base nas últimas páginas de sua obra, quando o autor aponta um quadro esperançoso para as condições adversas vivenciadas pelos habitantes do Império naquele momento:

E, no entanto, a aflição dos tempos não é sempre atribuível às misérias humanas. De fato, faz pouco tempo, os Getas, que agora se chamam godos, dos quais Alexandre disse que tinha que se defender, diante dos quais Piro se assustou e a quem inclusive César evitou, após abandonar e deixar vazios seus territórios e recursos, apesar de que invadiram, todos eles, as províncias romanas e se apresentaram como terríveis durante muito tempo, esperam agora, suplicantes, fazer um pacto com Roma, o qual podiam fazer com suas armas; e pedem – eles, que tiveram a possibilidade de tomar as terras que quisessem e ter a sua disposição o mundo todo – um território de pouca extensão, não a sua escolha, mas a nossa; e se oferecem, diante de cuja presença temeram reinos invictos, para defender o Império Romano. E apesar de tudo isso, a cegueira do povo, como vê que isso não aconteceu por causa dos méritos romanos, não acredita que isso tenha sido alcançado pela fé cristã dos romanos, nem aceita confessar, embora o sinta, que esses bárbaros, cujas mulheres arrasaram a maioria das terras com imensos massacres, submeteram-se a elas sem luta apenas graças à religião cristã – que é o que une homens que compartilham a mesma fé – (Oros. Hist. I, 16, 2 -4).²⁰⁷

Aqui, Orósio expõe uma acusação contra o arianismo, ao mesmo tempo em que se serve da prerrogativa de *heresia* para justificar o destino do imperador Valente na sua derrota contra os *godos*. Assim, esse povo que agora conhece a fé cristã torna-se instrumento punitivo da Providência Divina. Algo que não é presente em nenhum outro grupo não-romano mencionado

²⁰⁶ Así pues, cada vez que los galos se soliviantaron, Roma se vio destruida en todos sus recursos, de forma que ahora, ante el presente ataque de los *godos*, es cuando más debe acordarse de los galos (Oros. Hist. III, 22, 15).

²⁰⁷ Y, sin embargo, la aflicción de los tiempos no es siempre imputable a las miserias humanas. Efectivamente, hace poco, los Getas, que ahora se llaman *godos*, de los que Alejandro dijo que había que guardarse, ante los que Piro se aterrorizó y a los que incluso César rehuyó, tras abandonar y dejar vacíos sus territorios y sus recursos todos, a pesar de que han invadido, todos ellos, las provincias romanas y se han presentado como temibles durante mucho tiempo, esperan ahora suplicantes hacer con Roma un pacto que podían haber conseguido con sus armas; y piden —ellos, que tuvieron la posibilidad de tomar la tierra que les hubiese venido en gana tras someter y tener a su disposición a todo el mundo— un territorio de pequeña extensión, no a elegir por ellos sino según nuestro criterio; y se ofrecen, ellos, ante cuya presencia sólo, han tenido miedo reinos invictos, para defender el imperio romano. Y a pesar de todo ello, la ceguera de los gentiles, como ve que esto no ha sucedido por méritos romanos, no cree que se haya conseguido por la fe cristiana de los romanos ni acepta confesar, aunque lo siente, que estos bárbaros, cuyas mujeres arrasaron con inmensas matanzas la mayor parte de las tierras, se hayan sometido a ellos sin lucha sólo gracias a la religión cristiana – que es la que une a los hombres que comparten la misma fe – (Oros. Hist. I, 16, 2-4).

na obra orosiana. Essa premissa corrobora com as afirmações por mim apresentadas até o momento, a de que o autor ressignifica a noção de *bárbaro*:

O imperador Valente, com um mal vergonhoso, enviou a eles mestres da heresia ariana. Os godos se apegaram ao ensino básico da primeira fé que receberam. Portanto, no justo julgamento de Deus, eles mesmos o queimaram vivo, aqueles que, uma vez mortos, queimarão eternamente por causa de sua culpa como resultado de seu erro (Oros. Hist. VII, 33, 19).²⁰⁸

Porém, Valente não é o único imperador punido pela Providência Divina. Santo Mazzarino (1991, p 65) fornece-nos uma breve lista daqueles que sofreram a “justiça divina”, como por exemplo, o imperador Juliano, os usurpadores Eugênio e Arbogastes, bem como Estilício²⁰⁹. Mas a lista de imperadores condenados pela Providência se estende muito mais, no sentido em que nos aponta Jorge Cuesta Fernández²¹⁰ e que, por sua vez, o castigo não se aplica unicamente à pessoa do imperador, mas também ao Império como um todo. Como diz Peter Van Nuffelen²¹¹, na perspectiva providencialista de Orósio nem mesmo a figura mais importante do Império, no caso o imperador, pode escapar dos desígnios divinos; sendo assim, se trata apenas de um ser humano fadado aos desígnios de Deus.

Por outro lado, ao ponderarmos sobre a questão do legado teodosiano, como apontei anteriormente, há um enaltecimento da figura de Teodósio²¹² enquanto figura central da vinculação do Império Romano ao cristianismo. Aponto para a importância dada aos feitos ligados ao imperador e à herança deixada por ele. Honório ainda governava as terras ocidentais do Império; daí, pois, a defesa feita da família do falecido imperador e, claro, da dinastia reinante.

Não existem deméritos em relação às figuras que pertencem à família teodosiana. No caso, Teodósio é o que ocupa lugar especial na obra de Orósio já que, partindo das acusações feitas pelos pagãos, o imperador hispano-romano ganha contornos de protetor de Roma,

²⁰⁸ El emperador Valente con funesta maldad les envió maestros de la herejía arriana. Los *godos* se aferraron a la enseñanza básica de la primera fe que recibieron. Por ello, en justo juicio de Dios, ellos mismos le quemaron vivo, ellos que, una vez muertos, arderán eternamente por su culpa a consecuencia de su error (Oros. Hist. VII, 33, 19).

²⁰⁹ MAZZARINO, S. **O fim do mundo antigo**. Tradução Pier Luigi Cabra. São Paulo: Martins Fontes, 1991. p. 65.

²¹⁰ Jorge Cuesta Fernández (2014, p. 284) O autor faz um estudo aprofundado sobre a imagem que os imperadores detêm no interior da obra, tendo como fio condutor a perspectiva da comparação das Dez Pragas do Egito com as Dez Perseguições executadas contra os Cristãos.

²¹¹ VAN NUFFELEN, P. *Orosius and the Rhetoric of History*. Oxford: Oxford University Press, 2012.

²¹² A grandiosidade de Teodósio se encontra nas fontes eclesiásticas do século V, muito mais do que por suas ações políticas, sociais ou por vitórias em campanhas militares: “*Mesmo que seja fácil deixar que autores eclesiásticos posteriores influenciem nossa impressão de grandeza de Teodósio, as dificuldades do início de seu império são sugeridas pela escuridão que envolve sua ascensão*”. In: KULIKOWSKI, M. **Guerras Góticas de Roma**. São Paulo: Madras, 2008. p. 174.

agraciado pela vontade divina. Sob esse escopo há, portanto, uma propaganda positiva no interior da obra que, como defende David N. Villanzala²¹³, configura algo que vai além do embate entre *pagãos* e cristãos se estende para a defesa do trinitarismo niceno.

Em justa medida, vale aqui ressaltar o trecho em que os *godos*, ainda que representados por um decadente líder (Atanarico), estabelecem um vínculo de subserviência em relação ao imperador, segundo a narrativa de Orósio. Coloco em suspenso qual o grau de influência que apresentava a figura de Atanarico para os *godos*, tanto fora quanto dentro do Império Romano:

Ele entrou como vencedor na cidade de Constantinopla e [Teodósio], a fim de não esgotar o pequeno exército romano em guerras contínuas, concluiu um tratado com o rei godo, Atanarico. Mas Atanarico morreu assim que chegou a Constantinopla. Todos os povos godos, após a morte de seu rei, renderam-se ao poder romano para provar a coragem e a bondade de Teodósio (Oros. Hist. VII, 34, 6-7).²¹⁴

Corroborando esses argumentos, o trecho abaixo leva a uma proposta que nos apresenta Pedro Martinez Caverero sobre a solução de Orósio para o problema dos *povos bárbaros*²¹⁵. Segundo Caverero, a narrativa orosiana se pautava na noção de que esses povos seriam convertidos ao cristianismo e serviriam para defender o império contra os invasores pagãos. Porém, isso faria com que os *godos*, quando associados à figura de Teodósio, por exemplo, fossem sumariamente desqualificados e até mesmo “descartáveis”, em nome da manutenção da unidade territorial romana e do cristianismo. Devemos lembrar que, apesar de tecer críticas a determinados imperadores, Orósio se mostra favorável ao Império em si (como apresentei no Capítulo 1).

Desse modo, também agora essa guerra civil terminou com a morte de duas pessoas, sem contar os dez mil godos que, enviados anteriormente por Teodósio, diz-se que aniquilou completamente Arbogastes: perdê-los foi certamente um ganho e sua derrota uma vitória (Oros. Hist. VII, 35, 19).²¹⁶

²¹³ VILLANZALA, D. N. **Gloriosa Propago. La Propaganda Teodosiana en Orosio** trabajo ha sido realizado durante el disfrute de una Beca FPU del Ministerio de Educación (ref. AP2006-03052) y gracias al Proyecto de Investigación «De Emperadores a Reyes. Estructuras sistémicas en Occidente (siglos V-VI d.C.)» (ref. HAR2010-18991) financiado por el Ministerio de Ciencia e Innovación. s/n, s/ano.

²¹⁴ Entró como vencedor en la ciudad de Constantinopla y [Teodósio], para no agotar en continuas guerras a aquel pequeño ejército romano, concluyó un tratado con el rey godo Atanarico. Pero Atanarico murió nada más llegar a Constantinopla. Todos los pueblos *godos*, tras la muerte de su rey, se entregaron al poderío romano al comprobarla valentía y benignidad de Teodosio (Oros. Hist. VII, 34, 6-7).

²¹⁵ MARTINEZ CAVERO, P. Orosio Historiador “adversus paganos. Antigüedad y cristianismo: Monografías históricas sobre la Antigüedad tardía, ISSN 0214-7165, N.º 19, 2002 (Ejemplar dedicado a: El pensamiento histórico y antropológico de Orosio) p. 263-277; MAZZARINO, S. **O fim do mundo antigo**. Tradução Pier Luigi Cabra. São Paulo: Martins Fontes, 1991. p. 65.

²¹⁶ De esta forma, también ahora esta guerra civil terminó con la muerte de dos personas, sin contar los diez mil *godos* a los que, enviados delante por Teodosio, se dice que aniquiló totalmente Arbogastes: el haber perdido a éstos

A premissa por mim levantada, na qual Orósio elabora uma narrativa favorável em relação aos *godos*, em especial àqueles liderados por Alarico, acaba por esbarrar em trechos como esse no interior da obra. Isso nos implica dar maior atenção às nuances no que tange à população gótica no interior do Império: vale destacar, mais uma vez, que o presbítero vivia em um período governado pelos descendentes de Teodósio (era de bom tom, assim, exaltar o imperador e relativizar o papel dos *godos* na vitória sobre Arbogasto). Além disso, o falecido monarca foi o responsável pelo fim (ao menos legalmente, ressalte-se) dos cultos pagãos e, por conseguinte, pelo estabelecimento do cristianismo como religião oficial do Império.

Por fim, partindo do Saque de 410, juntamente com o retorno a discussão da decadência de Roma e a Teoria dos Quatro Impérios, proponho uma hipótese sobre os caminhos que a leitura da obra orosiana permitem.

O evento ocorrido em 410 proporciona, no conjunto narrativo orosiano, tecer comparativos ao longo da obra com outros eventos não relacionados ao Saque, mas que permitem que haja uma elucidação da sua tese de que os tempos passados são piores se comparados aos eventos do presente²¹⁷, minimizando-se os efeitos do Saque.

Concordo aqui com Petter Van Nuffelen (2012) que aponta uma chave de leitura consistente sobre a visão de Orósio acerca da queda de Roma. Se tomarmos como ponto de partida o que nos oferece Van Nuffelen e a narrativa orosiana sobre o Saque, é possível observar que não só há uma possibilidade de que a noção de Roma Eterna conheça o seu fim, como também a de permanência do cristianismo em tempos futuros. Nesse sentido, Orósio explicita que a derrota romana (ou seja, do "símbolo do paganismo" que é a cidade de Roma) equivale menos a uma vitória dos godos de Alarico do que a uma façanha do cristianismo, apresentado aqui como o vencedor de fato.

Se pensarmos que o Saque de 410 não é o fim do Império, comparado com o Saque Gaulês que destruiu a cidade de Roma, que ainda não era cristã e, portanto, não gozava da proteção divina, temos um outro episódio da história romana, na qual ocorre outro saque provocado por inimigos, porém cristãos, que compartilham da mesma religião do imperador, poupam a cidade de sua destruição e mais, é enaltecido que os templos sejam preservados. Sob a ótica empreendida por Orósio ao episódio, não ocorre o mesmo com Sodoma e Gomorra, Tróia e/ou os Impérios “grandiosos” anteriores a Roma, assim essa última prevalece, prevalece

fue sin duda una ganancia y su derrota una victoria (Oros. Hist. VII, 35, 19).

²¹⁷ Análise comparativa entre outros eventos que Orósio traz e o Saque de 410. Por exemplo, Babilônia, Alexandre, Troia, Sodoma e Gomorra. Oros. His. I, 6, 1-7; Oros. Hist. I, 17, 3; Oros. Hist. II, 1-3; Oros. Hist. III, 20, 12-13;

para ser difusora e protetora do cristianismo. Por outro lado, Roma não pode ser Eterna, pois a eternidade a Deus pertence (segundo aponta Van Nuffelen (2012, p. 53) sobre a perspectiva de Orósio), no entanto, isso não quer dizer que se rompe com a ideia de *felicitas*, pois, o cristianismo perdurará, mesmo que seja através dos bárbaros. (MAZZARINO, 1991, p. 66).

Notamos que Orósio apresenta por vezes uma ideia paradoxal, a *felicitas* virá no futuro, mas não necessariamente pelas mãos do Império Romano o qual defende, talvez venha pelas mãos dos “bárbaros” convertidos ao cristianismo, como apontam essas duas passagens,

Mas também os bárbaros, se conseguirem dominar aos povos que agora confundem com a guerra (o que Deus não permita), tratarão de reconstruí-los com seus costumes e terminarão sendo chamados de grandes reis pelos séculos vindouros, aqueles que agora são julgados como cruéis inimigos por nós (Oros *Hist.* III 20, 12).²¹⁸

Por mais que nos deva parecer digna de ser louvada e exaltada a misericórdia de Deus, se a entrada dos bárbaros em território romano tivesse suposto ao menos que pelo Ocidente e Oriente se encheriam as igrejas de Cristo com hunos, suevos, vândalos, borgonheses e inúmeros e diferentes povos regentes. Portanto, nesse caso, todos esses povos numerosos teriam recebido, em troca de nossa ruína, a luz da verdade, luz que certamente não poderiam encontrar se não tivesse sido este acontecimento. (Oros. *Hist.* VII, 41, 8).²¹⁹

Por fim, aponto para uma construção do pensamento de Orósio. Acredito que há uma transformação no seu pensamento, ao início de sua obra. Enquanto solidificava as bases para seus argumentos dentro da narrativa histórica, o presbítero lança um olhar pessimista para as nuances futuras, Roma não pode ser eterna, pois, sofre frente aos conflitos contra os “bárbaros”. No entanto, em especial no Livro VII, o autor formula uma noção que o cristianismo seria responsável, não só pela conversão dos povos não-romanos, como também permitira que esses prolongassem o Império Romano Cristão.

²¹⁸ Pero también los bárbaros, a los pueblos que ahora turban con la guerra, si consiguen dominarlos (lo cual no lo permita Dios), tratarán de reconstruirlos con sus costumbres y terminarán por ser llamados grandes reyes por los siglos venideros, quienes ahora son juzgados como crueles enemigos por nosotros (Oros *Hist.* III 20, 12).

²¹⁹ Por más que, si la entrada de los bárbaros en territorio romano hubiese supuesto al menos que por Occidente y Oriente se llenaran totalmente las iglesias de Cristo de hunos, suevos, vándalos, borgoñones y distintos e innumerables pueblos de creyentes, nos debería parecer digna de ser alabada y ensalzada la misericordia de Dios, por cuanto, en ese caso, todos esos pueblos tan numerosos habrían recibido, a cambio, sí, de nuestra ruina, la luz de la verdad, luz que ciertamente no habrían podido encontrar si no hubiese sido en esta ocasión. (Oros. *Hist.* VII, 41, 8).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Orósio tem lugar de grande importância para a historiografia tardo-antiga, impulsionado pelo momento histórico em que viveu e produziu sua obra, fundamentando assim, a proposta da qual seu texto se ocupa e, também, as dúvidas e polêmicas que ainda o cercam.

Ao lado de outros escritores da Antiguidade Tardia, Orósio tece suas *Historiae adversus paganos* em resposta ao conturbado momento que se fazia sentir no início do século V. Como já disse anteriormente, tal contexto delimita o objetivo inicial do presbítero, ao formular argumentos que adquirem sentido nos embates então dispostos entre pagãos e cristãos. Dotado de grande habilidade retórica, ele se utilizou da historiografia clássica para embasar a construção de uma narrativa histórica sob um viés cristão. Em outras palavras, Orósio cristianizou o passado romano e o fez propondo desenvolver uma história universal. Portanto, além de possivelmente ter sido o pioneiro ao desenvolver essa particular perspectiva do passado romano, fez também uma história universal cristã tendo como base os textos pagãos.

Em defesa do cristianismo, ele formulou uma tese na qual os tempos antes do nascimento de Cristo seriam piores se comparados com aqueles depois da Encarnação. Diante dessa constatação, propus em meu trabalho privilegiar dois recortes no interior da obra orosiana, isto é, o Saque Gaulês ocorrido na *praeteria tempora* (390/87 a.C.) e o Saque Godo que ocorreu na *tempora christiana* (410 d.C.). Ao analisar e comparar esses dois momentos da história romana, tal como apresentados na obra de Orósio, conclui que, apesar de guardarem semelhanças entre si, são as suas diferenças que chamam a atenção. Guardadas as devidas proporções, esses dois eventos, afastados por vários séculos, permitiram ao nosso autor construir (de forma retórica) um passado caracterizado pela destruição e um presente dotado de males suportáveis e que, sobretudo, estavam em conformidade com os desígnios divinos, antecipando um futuro glorioso tomado pelo cristianismo.

E, ao final, vale lembrar que para o presbítero hispano-romano sua obra vai para além de um ato de fé, ou seja, apesar de ser uma obra com fortes contornos apologéticos, ela contém em si marcantes traços de ação política a partir do problema que ele elege arguir que é o Saque de Roma empreendido pelos godos liderados por Alarico, assim por efeito se concretiza em um texto que cristianiza o passado romano.

Para além disso, os dois saques nos permitiram investigar a forma com que Orósio construiu no interior de sua obra a figura do “bárbaro”, ora como o destruidor da cidade de Roma e depois como aquele que teme e louva o Deus cristão, ao mesmo tempo que pune os pagãos. O conceito de “bárbaro” é, portanto, polissêmico e dinâmico, adequando-se à

necessidade retórica do presbítero e que, ao fim de sua obra (em especial no Livro VII), podemos encontrar características análogas entre o “bárbaro-estrangeiro” e o “romano pagão”, ou seja, de uma maneira em que o paganismo acaba por se tornar sinônimo de barbarismo.

Essa prerrogativa nos lança dois outros problemas que podem ser sondados. O primeiro diz respeito ao zelo que Orósio nutre em relação ao Império Romano, em especial quando trata das figuras dos imperadores Otávio Augusto e Teodósio I. Sua defesa em favor de Roma reflete-se em sua reorganização da Teoria dos Quatro Impérios e da *translatio imperii* (sucessão dos Impérios), que desemboca na noção de uma Roma *aeterna* desde que associada ao cristianismo. No entanto, há momentos em que, ao que parece, Orósio privilegia a ideia de que o Império de Roma não se prolongará, que terá um fim e será substituído pelo Reino de Deus (à maneira da agostiniana *De civitate Dei*). Aponto que essa dupla interpretação da decadência ou da perenidade de Roma pode estar associada à sua relação com Agostinho. Apesar disso, defendo aqui que Orósio, por vezes, sustentou argumentos distantes daqueles formulados por seu mestre, em especial a intercessão pela manutenção do Império Romano.

O segundo problema que elucidei se refere ao grande destaque conferido a determinadas figuras bíblicas e históricas, casos de Moisés, Otávio Augusto, Teodósio I e Alarico. Incólumes aos argumentos críticos de Orósio, esses personagens guardam significativa importância para sua narrativa. Moisés protagoniza uma extensa narrativa no Livro I, incoerente com a proposta de *brevitas* ao qual o autor se propõe, além de marcar a presença de acontecimentos que não guardam nenhuma relação direta com os romanos. Já Otávio Augusto tem sua importância atribuída ao ser o fundador do Império Romano e, ao mesmo tempo, ser ele o governante no momento em que nasce Jesus Cristo (a pedra basilar para a cronologia orosiana), fundindo o Império ao Cristianismo, estabelecido conforme a Providência Divina.

Teodósio I, por sua vez, ganha contornos heroicos e de caráter íntegro, pois teria salvado Roma da ruína, combatido bárbaros e usurpadores e reunificado um Império que foi legado para seus filhos. Por fim, Alarico, que escapa quase totalmente das atribuições feitas por Orósio; o líder godo, bom cristão, temente a Deus, recebe contornos de maior importância a ponto de eclipsar a figura do imperador Honório. Sendo assim, a narrativa sobre o Saque de 410 adquire tons de louvor, salvíficos, ainda que se trate de um acontecimento em que a cidade de Roma era saqueada por “estrangeiros”. Alarico destoa nitidamente do restante das outras figuras históricas presentes na obra. Por fim, proponho ainda uma última comparação – bastante hipotética, para dizer a verdade: em que medida seria possível traçar uma relação entre a fuga dos judeus do Egito guiados por Moisés e a Saga Goda (para a qual Orósio dedica grande atenção) em busca da “terra prometida”? Seria Alarico um novo Moisés?

Orósio e sua obra, as *Historiae adversus paganos*, estimulam um emaranhado de questões e imbricações em que nada parece certo, simples ou acabado. Quando se trata de sua narrativa, muito mais dúvidas surgem do que respostas. Se temos alguma única certeza sobre o presbítero hispano-romano é sobre as polêmicas que o envolvem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ORÓSIO. **Historias**. Tradução e Notas Eustáquio Sánchez Salor. Madrid: Gredos, 1982.

ALFÖLDY, Geza. **Historia social de Roma**. Tradução Víctor Alonso Troncoso. Madrid: Alianza, 1987.

AMARAL, R. O bárbaro como construto. Uma rediscussão historiográfica das migrações germânicas à luz dos conceitos de cultura, civilização e barbárie. **Revista de História Comparada**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 06-28, 2014.

AMES, Cecilia. La construcción del bárbaro. La contribución de la cultura romana ejemplificada em el De Bello Gallico. In: **Revista Europa**. N.º 4. 2006.

ANTIQUEIRA, Moisés. **O império romano de Aurélio Vítor**. 2012. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

BRAVO, Gonzalo. **Historia de la Roma antigua**. Madrid: Alianza Editorial, 1998.

BROWN, Peter. **El Primer Milénio de la Cristandad**. Tradução Grijalbo Mondadori. Barcelona: Crítica. 1999.

CASTELLANOS, Santiago. Bárbaros y cristianos en el final del imperio romano (siglos IV y V). In: **De Rebus Antiquis**. Año 3 N° 3, 2013

COMPAGNON. A. Demônio da Teoria. Tradução Cleonice Paes Barreto Brandão. Belo Horizonte: Ed. UFMG. 1999.

CUESTA FERNÁNDEZ, J. La imagen del emperador malo y del perseguidor anticristiano en las *Historiae Adversus Paganos* de Paulo Orosio. Un estudio comparativo. **Antesteria**. ISSN 2254-1683, N° 4, 2015. p. 279-296.

FRIGHETTO, Renan. **Antiguidade Tardia: Roma e as Monarquias Romano-Bárbaras numa época de transformações (séculos II-VIII)**. Curitiba: JURUÁ, 2012.

GAMA, B. M. M. **Alarico, Chefe dos Visigodos Rebelião e Poder nos finais do Império Romano (395-410)**. 2016. 164 f. Tese. Universidade de Lisboa, Lisboa, 2016.

HEATHER, Peter. **La caída do imperio romano**. Editora Crítica: Barcelona, 2006.

HIGUERAS PALOMARES, J. **Historiografía Tardoantigua Cristiana: Paulo Orósio**. 2017. 79 f. TCC (Graduação em Geografia e História). Universidad de Jaén, Jaén, 2017. p. 75.

INGLEBERT, Hervé. Citoyenneté romaine, romanités et identités romaines sous l'Empire. In: INGLEBERT, Hervé (ed.). **Idéologies et valeurs civiques dans le monde romain**. Hommage

à Claude Lepelley. Nanterre: Picard. 2002.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos*; tradução, Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira; revisão César Benjamin. Rio de Janeiro: Contraponto-Ed. PUC-Rio, 2006.

KULIKOWSKI, M. **Guerras Góticas de Roma**. Trad. Glauco Micsik Roberti. São Paulo: Madras, 2008.

LEONARD, Victoria. **Imperial authority and the providence of monotheism in Orosius's *Historiae Adversus Paganos***. 2014. 314 f. PhD Thesis, Cardiff University, Cardiff. 2014. p. 65;

MARTINEZ CAVERO, P. Orosio Historiador “adversus paganos. **Antigüedad y cristianismo: Monografías históricas sobre la Antigüedad tardía**, ISSN 0214-7165, N.º 19, 2002 (Ejemplar dedicado a: El pensamiento histórico y antropológico de Orosio).

MARTÍNEZ CAVERO P.; BELTRÁN CORBALÁN, D. Aproximación al concepto de tiempo de Orosio. **Antigüedad y cristianismo: Monografías históricas sobre la Antigüedad tardía**. Murcia. ISSN 0214-7165, Nº 12, 1995. p. 255-260.

MARTINEZ, Diego Schneider. **Uma releitura cristã da história: a *historia adversus paganos* de Orósio e a teoria dos quatro impérios**. UFPR, Curitiba-PR, 2014.

MAZZARINO, S. **O fim do mundo antigo**. Tradução Pier Luigi Cabra. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

MESEGUER GIL, A. J. La obra histórica de Paulo Orosio y sus diferencias con Agustín de Hipona: transmisión de conceptos historiográficos en la antigüedad tardía. **Revista Onoba**. Huelva, Nº 05, p. 89-101. 2017.

MOMIGLIANO, A. **De paganos, judíos y cristianos**. Tradução Stella Mastrangelo. México D.F. Fondo de Cultura Económica. 1996.

MOMIGLIANO, A. **E as raízes clássicas da historiografia moderna**. Tradução Maria Beatriz B. Florenzano. EDUSC, 2004.

MOMIGLIANO, Arnaldo. **El conflicto entre el paganismo y el cristianismo em el siglo IV**. Madrid: Alianza, 1989.

NAVARRO, M. A. R. Historiadores y poetas citados en las Historias de Orosio: Livio y Tácito, Virgilio y Lucano. **Fortunatae: Revista canaria de Filología, Cultura y Humanidades Clásicas**, ISSN 1131-6810, Nº 2, 1991, p. 277;

PAIVA BONDIOLI, N. Os Limites da Romanização: Uma Reflexão acerca da Inteiração Cultural entre os Mundos Clássico e Celta. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011

QUIROGA, Jorge López. Gentes barbarae. Los barbaros, entre el mito y la realidad. In: **Antigüedad y Cristianismo**, nº 25. 2011.

ROHRBACHER, David. **The historians of Late Antiquity**. London/New York: Routledge, 2013.

SÁNCHEZ SALOR, E. Orosio. **Historias**. Libros I-IV y V-VII, traducción y notas. Madrid: Gredos. 1982. 2 vols.

SILVA, Marcelo Cândido da. **4 de setembro de 476 – A Queda de Roma**. Companhia Editorial Nacional: São Paulo. 2006;

SILVA, T. T. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Tomaz Tadeu da Silva (org.) Stuart Hall, Kathryn Woodward. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

TODOROV, Tzvetan. **O medo dos bárbaros: para além do choque de civilizações**. Trad. Guilherme J. De Freitas Teixeira. Petrópolis: Rio de Janeiro, 2010.

VAN NUFFELEN, P. **Orosius's and the Rhetoric of History**. Oxford: Oxford University Press, 2012.

VILLANZALA, D. N. **Gloriosa Propago. La Propaganda Teodosiana en Orosio** trabajo ha sido realizado durante el disfrute de una Beca FPU del Ministerio de Educación (ref. AP2006-03052) y gracias al Proyecto de Investigación «De Emperadores a Reyes. Estructuras sistémicas en Occidente (siglos V-VI d.C.)» (ref. HAR2010-18991) financiado por el Ministerio de Ciencia e Innovación. s/n, s/año.

WARD-PERKINS, Bryan. **La caída de Roma y el fin de la civilización**. Madrid: Espasa Calpe, 2007.